

# O JOGADOR

*Fiodor Dostoievsky*

## Capítulo I

Enfim, eis-me de regresso após quinze dias de ausência. Há já três dias que os nossos chegaram a Roletemburgo. Pensava que me esperavam com a maior impaciência, mas enganei-me. O general exhibia um ar extremamente desenvolto; falou-me com arrogância e remeteu-me para a irmã. É claro que conseguiram o dinheiro. Pareceu-me mesmo que o general se sentia perturbado na minha presença. Maria Filipovna estava toda agitada; não me disse mais que algumas palavras, mas pegou no dinheiro, contou-o e ouviu até ao fim a minha exposição. Esperava-se para jantar Mezentzov, o francesito e um inglês; como sempre, desde que há dinheiro, convidam-se as pessoas para jantar: à moscovita. Paulina Alexandrovna, quando me viu, perguntou-me por que estivera eu tanto tempo ausente e foi-se sem esperar pela resposta. Fê-lo de propósito, evidentemente. Mas precisamos de ter uma explicação. Sinto o coração oprimido.

Deram-me um pequeno quarto no 4º andar do hotel. Sabe-se aqui que faço parte do séquito do general. Conseguiram fazer-se notar, é evidente. Todos julgam aqui que o general é um riquíssimo fidalgo russo. Antes do jantar, entre outros encargos, deu-me duas notas de mil francos para trocar.

Troquei-as no escritório do hotel. Agora vão olhar-nos, pelo menos durante oito dias, como a milionários. Fui procurar Micha e Nádia para as levar a passear, mas como estava na escada o general mandou-me chamar; achou bem preocupar-se com o sítio para onde eu ia levar as crianças.

Decididamente, este homem não pode fitar-me cara a cara; gostaria, mas de cada vez respondo-lhe com um olhar de tal modo insistente, quero dizer, insolente, que ele parece perder o sangue-frio.

Num discurso enfático, recheado de considerandos, no qual acabou por se enredar completamente, deu-me a entender que eu devia passear as crianças no parque, a razoável distância do cassino. Em conclusão, encrespou-se e disse-me num tom brusco:

— Senão talvez as levasse à roleta. Desculpe-me — acrescentou —, mas sei que está ainda muito desorientado e que poderia deixar-se atrair pelo jogo. De qualquer modo, ainda que eu não seja seu mentor e não tenha a mínima intenção de assumir esse papel, tenho pelo menos o direito de desejar que não me comprometa mais, se ousar exprimir-me assim...

— Mas sabe muito bem que não tenho dinheiro — respondi calmamente —; é preciso tê-lo para perder ao jogo.

— Vou dar-lho imediatamente — respondeu o general, que corou levemente; pesquisou na escrivania, consultou uma agenda: acontecia que me devia cerca de cento e vinte rublos.

— Como vamos regularizar isto? — continuou. — Façamos a conversão em thalers. Aqui tem, leve cem thalers, assim arredondam-se as contas; o resto fica para mais tarde.

Peguei no dinheiro sem dizer nada.

— Não se ofenda com as minhas palavras — peço-lhe —, é tão susceptível... Se lhe fiz esta observação é, por assim dizer, para que esteja precavido; assiste-me nisto certo direito...

Como voltasse com as crianças, um pouco antes do jantar, cruzei-me com um grupo em caleches. Os nossos iam visitar já não sei que ruínas. Duas magníficas equipagens, esplêndidos cavalos!

Mademoiselle Blanche seguia numa das caleches com Maria Filipovna e Paulina; o francesito, o inglês e o nosso general escoltavam-nas a cavalo. Os viandantes paravam para os olhar; eles fizeram certo efeito; mas isto vai acabar mal para o general. Calculei que com os quatro mil francos que eu trouxe mais os que visivelmente conseguiram de empréstimo, têm agora uns sete ou oito mil francos; é muito pouco para Mademoiselle Blanche.

Mademoiselle Blanche alojou-se, com a mãe, no mesmo hotel que nós; o nosso francesito também nele está. Os criados chamam-lhe Monsieur le Comte; a mãe de Mademoiselle Blanche faz-se tratar por Madame la Comtesse. No fim de contas, talvez sejam realmente comte e comtesse.

Estava certo de que Monsieur le Comte não me reconheceria quando nos encontrássemos para jantar. É claro que o general nem sonhava em relacionar-nos, ou pelo menos em apresentar-me a ele; Monsieur le Comte viveu na Rússia, sabe que um utchitel (2) é uma pessoa insignificante, como eles dizem. De resto, conhece-me muito bem. Mas a verdade é que não me esperavam para jantar; o general esquecera-se, com certeza, de dar as suas ordens, senão mandava-me seguramente para a mesa redonda. Vim por minha própria iniciativa e atraí um olhar descontente do general.

A boa Maria Filipovna apontou-me imediatamente um lugar; mas o meu encontro com Mr. Astley tirou-me de embaraços e, pela força das coisas, vi-me a fazer parte do seu grupo. Foi na Prússia que pela primeira vez encontrei este original (1);

\*1. Vêm em itálico as passagens que o autor pôs em língua estrangeira. As passagens sublinhadas aparecem em maiúsculas (N. do T.)

2. Preceptor (N do T.)

Estávamos sentados em frente um do outro num compartimento, eu ia ter com os nossos amigos, depois voltei a encontrá-lo na fronteira francesa e por fim na Suíça, quero dizer, duas vezes em quinze dias, e agora deparo outra vez com ele, em Roletemburgo! Em toda a minha vida nunca vi homem tão tímido, é-o até à asneira, e sabe-o muito bem, porque é tudo menos idiota. Tem, de resto, um carácter plácido e encantador. Fi-lo falar quando do nosso primeiro encontro na Prússia. Disse-me que nesse Verão visitara o cabo Norte e que desejava imenso ver a feira de Nijni-Novgorod. Ignoro como entrou ele em contacto com o general, parece-me que está fortemente apaixonado por Paulina. Quando ela entrou, fez-se vermelho como um pimentão. Ficou muito contente de estar ao meu lado na mesa e penso que me considera já como um amigo íntimo.

Durante o jantar, o francesito exagerou a presunção, trata toda a gente com desdém e sem cerimónias. Lembro-me de que em Moscovo gostava de deitar poeira nos olhos. Discorreu interminavelmente sobre as finanças e a política

russo. O general permitiu-se contradizê-lo uma ou duas vezes, mas discretamente, o bastante para não perder definitivamente o prestígio.

Eu achei-me num estranho estado de espírito. É escusado dizer que ainda o jantar não tinha chegado a meio e já fazia a mim mesmo a costumada, a eterna pergunta: Por que me arrasto atrás deste general? Há muito que devia tê-lo deixado! Uma vez por outra, olhava de relance para Paulina Alexandrovna, não me prestava a mínima atenção. Por fim, a mostarda subiu-me ao nariz e resolvi cometer uma impertinência.

Para começar, meti-me bruscamente na conversa, sem ser solicitado, falando em voz alta. Procurava sobretudo pegar-me com o francesito.

Falei com voz ríspida (parece-me que cheguei até a interrompê-lo), fiz-lhe notar que este Verão os russos se achavam quase impossibilitados de comer à mesa redonda. O general fitou-me espantado.

— Se cultivais o respeito pela vossa própria pessoa — continuei eu —, ficareis exposto infalivelmente a afrontas e à mercê de impertinências. Em Paris, no Reno e mesmo na Suíça, as mesas redondas são tão bem tomadas de assalto pelos polacos e pelos seus iguais, os francesotes, que, se sois russo, não podeis dizer uma palavra que seja.

Disse isto em francês. O general olhou-me, perplexo, sem saber se devia zangar-se ou simplesmente admirar-se de eu me mostrar a tal ponto inconveniente.

— Não há dúvida de que alguém lhe deu uma lição! — disse-me o francesito num tom desdenhoso e desatento.

— Em Paris, travei-me primeiro de razões com um polaco — volvi eu —, e em seguida com um oficial francês que tomava o partido do polaco. Depois, uma parte dos franceses pôs-se do meu lado, quando lhes contei que quase tinha cuspidido no café de um monsignor.

— Cuspir? — perguntou o general com sobranceira admiração, e percorreu mesmo toda a sala com o olhar. O francesito encarou-me, desconfiado.

— Exactamente — respondi. — Durante quarenta e oito horas cheguei a acreditar que teria de dar um salto a Roma para tratar do nosso assunto, e assim dirigi-me à nunciatura de Paris para que me visassem o passaporte. Fui recebido, lá, por um padrezito que andava pelos cinquenta, magro e de aspecto glacial, depois de me ouvir, pediu-me que esperasse, com modos polidos mas extremamente secos. Estava com pressa, mas como é natural sentei-me, tirei do bolso a *Opinion Nationale* e pus-me a ler uma violenta diatribe contra a Rússia. Entretanto, ouvi alguém passar pela sala ao lado até à presença de monsignor, vi o nosso abade a fazer-lhe reverências.

Renovei o meu pedido, solicitou-me, ainda mais secamente, que tivesse a gentileza de esperar. Passados momentos, entra um visitante e dá-se o caso de ser austríaco, depois de o ouvirem, fizeram-no subir logo. Então comecei a enervar-me, levantei-me, dirigi-me ao padre e disse-lhe, num tom que não admitia réplica, que se monsignor recebia, também podia dar despacho ao meu assunto. O padre voltou-se, então, com ar de extrema surpresa. Não conseguia perceber, assim à primeira, como é que um insignificante russo ousava comparar-se às visitas de monsignor. Com o ar mais insolente, e como se se deleitasse em poder

ofender-me, mediu-me da cabeça aos pés e exclamou: «Não pensa, com certeza, que monsignor vai renunciar ao café por sua causa?» Então, por minha vez, exclamei, e mais alto que ele: «Fique sabendo que cuspo no café do seu monsignor! Dou-o ao desprezo! Se não trata imediatamente do meu passaporte, vou procurá-lo em pessoa!»

— O quê! ? No momento em que ele recebe um cardeal! — ganiu apavorado o padre, afastando-se de mim, correu para a porta e abriu os braços em cruz para me fazer compreender que preferia perecer a deixar-me passar. Repliquei-lhe, então, que era um herético e um bárbaro e que não me preocupavam nada todos esses arcebispos, cardeais, monsenhores, etc., etc. Numa palavra, mostrei que não cedia. O padre lançou-me um olhar de insondável ódio, arrancou-me o passaporte e levou-o lá acima.

Um minuto depois, conseguia o meu visto. Está aqui, querem vê-lo?

Puxei do passaporte e mostrei o visto pontifical.

— No entanto... — começou o general.

— O que o salvou foi ter-se declarado herético e bárbaro — atalhou o francesito com um risinho. — Cela n'est pas si bête.

— Mas eu não posso fazer como os nossos russos que ficam para ali, sem coragem para piar e prontos, se for necessário, a renegar a sua pátria. Pelo menos, em Paris, as pessoas do meu hotel testemunharam mais consideração por mim quando lhes contei a minha altercação com o padre. E a que se mostrava mais desagradável comigo à mesa redonda, um gordo fidalgo polaco, permaneceu em segundo plano. Os franceses nem sequer protestaram quando lhes contei que há dois anos conhecera um homem que um soldado francês atingiu, em 1812, só para descarregar a arma. Esse homem era, na época, uma criança de dez anos. A sua família não tivera tempo de deixar Moscovo.

— Impossível! — explodiu o francesito —, um soldado francês não atiraria numa criança.

— No entanto aconteceu — respondi —, foi um honrado capitão reformado quem mo contou, e eu mesmo vi a cicatriz que ele tinha no rosto.

O francês pôs-se a falar com volubilidade. O general quis dar-lhe apoio, mas aconselhei-o a ler, como exemplo, as Memórias do general Perovski, feito prisioneiro pelos franceses em 1812. Por fim, Maria Filipovna abordou outro assunto para desviar o rumo da conversa. O general estava muito descontente comigo porque o francês e eu começávamos quase a gritar um com o outro. Pelo contrário, a nossa disputa parecia agradar muito ao senhor Astley, ao levantar-se da mesa convidou-me a tomar com ele uma aguardente.

À noite, consegui falar, durante um quarto de hora, com Paulina Alexandrovna, como desejava. A nossa conversa foi durante o passeio. Dirigiam-se todos para o cassino através do parque. Paulina sentou-se num banco, frente a um repuxo, e deixou Nádia ir brincar um pouco mais longe com outras crianças. Também mandei Micha para ao pé do lago e ficámos, por fim, sós.

De início, é claro que falámos de negócios. E Paulina mostrou-se um pouco contrariada quando não lhe entreguei mais que setecentos florins. Estava convencida de que em Paris eu conseguiria, sobre os seus diamantes, um empréstimo de pelo menos dois mil florins.

— Preciso de dinheiro custe o que custar — disse-me —, é necessário procurá-lo, senão estou perdida.

Perguntei-lhe o que se passara na minha ausência.

— Nada, a não ser duas notícias que recebemos de Sampetersburgo: primeiro, que a avó estava muito mal e, dois dias depois, que talvez tenha falecido. Esta soubemo-la de Timóteo Petrovitch — acrescentou Paulina —, que é um homem escrupuloso. Estamos à espera da confirmação.

— Então toda a gente está aqui à espera, não? — perguntei.

— Sim, tudo e todos. Há seis meses que não esperamos outra coisa.

— E você, também espera? — interroguei.

— Oh, eu não sou parente dela, não passo de enteada do general. Mas estou certa de que não vai esquecer-se de mim no testamento.

— Suponho que vai receber uma bonita quantia — disse eu afirmativamente.

— Sim, ela gostava muito de mim. Mas de onde lhe vem essa certeza?

— Diga-me — volvi eu, interrogando-a —, não estará o nosso marquês, como me parece, iniciado em todos os vossos segredos de família?

— Isso interessa-lhe? — perguntou Paulina fria e severamente.

— Penso que sim. Se não me engano, o general já arranjou maneira de lhe pedir dinheiro emprestado.

— São exactas as suas conjecturas.

— Acha que lhe teria emprestado se ignorasse a história da avó? Não reparou que à mesa, ao falar da avó, lhe chamou três vezes babulinka (1)? Que tocante intimidade!

— Sim, tem razão. Quando ele souber que também vou herdar, vai pedir a minha mão. Era isso que queria saber, não é verdade?

— Ainda vai pedir-lhe a mão? E eu que pensava que já há muito ele se considerava pretendente!

— Sabe perfeitamente que não! — replicou Paulina, colérica.

— Onde encontrou esse inglês? — tornou ela após um minuto de silêncio.

— Tinha a certeza de que me ia fazer essa pergunta.

Contei-lhe os meus anteriores encontros, em viagem, com o senhor Astley.

— É tímido e sentimental e já está, naturalmente, apaixonado por si.

— Sim, está apaixonado por mim — respondeu Paulina.

— É dez vezes mais rico do que o francês. Terá realmente fortuna, o francês? É coisa certa?

— Absolutamente certa. Tem um château. Ainda ontem o general mo confirmou. Então, acha suficiente?

— No seu lugar, casaria com o inglês.

— Porquê? — quis saber Paulina.

— O francês é mais bonito, mas é um patife, ao passo que o inglês é honesto e, ainda por cima, dez vezes mais rico — disse eu cortantemente.

— É verdade, mas o francês é marquês e é mais inteligente — respondeu ela com toda a calma.

— Será assim? — continuei no mesmo tom.

— É mesmo assim.

As minhas perguntas desagradaram terrivelmente a Paulina, e percebi que queria fazer-me perder a cabeça com respostas estranhas. Disse-lho imediatamente.

\*1. Babulinka: avozinha.

— Tem razão, diverte-me irritá-lo. E teve uma compensação pelo simples facto de se permitir todas essas perguntas e suposições.

— Reconheço precisamente a mim próprio o direito de lhe fazer as perguntas que quero — respondi tranquilamente —, porque estou pronto a pagá-las pelo preço que fixar e porque a vida não me importa para nada.

Paulina desatou a rir:

— Disse-me, outro dia, no Schlangenberg, que estava pronto, a uma palavra minha, a atirar-se de cabeça no abismo, e a altura era de uns mil pés. Direi essa palavra um dia, só para ver se cumpre, e esteja certo de que me mostrarei firme. Detesto-o exactamente porque lhe dei demasiada confiança, e detesto-o ainda mais por precisar ainda tanto de si. Mas por enquanto faz-me falta. Assim, tenho de o poupar.

Levantou-se. Parecia exasperada. Nos últimos tempos, acabava sempre exasperada com as nossas conversas e em nada fingia o rancor que tinha.

— Dá-me licença que lhe pergunte quem é Mademoiselle Blanche? — perguntei, desejoso de não a deixar partir sem uma explicação.

— Sabe-o muito bem. Não aconteceu nada de novo. Mademoiselle Blanche tornar-se-á com certeza generala se, como é natural, a morte da avó for confirmada, pois Mademoiselle Blanche, a mãe, e seu primo, o marquês, não ignoram que estamos arruinados.

— E o general está loucamente enamorado?

— Não é disso que se trata agora. Ouça-me e preste atenção: pegue nestes setecentos florins e vá jogar. Ganhe à roleta o mais que puder. Preciso imediatamente de dinheiro, custe o que custar.

Ditas estas palavras, chamou Nádia e foi para o cassino juntar-se aos nossos. Quanto a mim, meti-me pelo primeiro atalho à esquerda.

Pensativo, não conseguia refazer-me da surpresa. A ordem de ir jogar à roleta produzira-me o efeito de uma paulada. E o que é estranho é que, tendo eu, então, tantos motivos de meditação, me deixasse absorver completamente na análise dos meus sentimentos para com Paulina. A verdade é que nesses quinze dias de ausência me sentira menos oprimido do que agora, dia do meu regresso. E contudo, durante a viagem, sofrera como um insensato: corria de um lado para o outro como se tivesse o diabo aos pés, e, mesmo em sonhos, não podia deixar de a ver constantemente à minha frente. Uma ocasião (foi na Suíça), tendo adormecido na carruagem, dirigi a palavra em voz alta a Paulina para grande troça dos que viajavam comigo. E hoje, mais uma vez, pergunto a mim mesmo: Será que a amo? E uma vez mais não pude achar resposta, ou melhor, pela centésima vez respondi que a odiava, sim, que a odiava. Houve momentos, sobretudo ao acabarmos cada uma das nossas conversas, em que eu daria metade da vida para a estrangular! Juro que se me fosse possível mergulhar lentamente

um punhal afiado no peito dela o faria com prazer! Mas se no pico mais visitado do Schlangenberg — juro-o pelo que haja de mais sagrado! — se me tivesse realmente dito para me lançar no abismo, eu lançar-me-ia, e até com volúpia. Já o sabia. Era preciso que as coisas se resolvessem de uma maneira ou de outra. Ela compreende admiravelmente tudo isto e, ao pensar que estou plenamente consciente da sua intangibilidade, plenamente consciente da inutilidade dos meus desejos, experimenta, sei-o muito bem, um extraordinário prazer. Se assim não fosse, como podia, inteligente e reservada como é, tratar-me com tanta familiaridade e franqueza? Estou convencido de que até agora me encarou tal como essa antiga imperatriz que se despiu diante do escravo por não o considerar um homem...

Apesar de tudo, confiou-me uma missão: ganhar à roleta custe o que custar. Eu não tinha tempo de saber porquê, nem em que prazo era preciso ganhar, nem que cálculos novos haviam germinado naquela mente sempre em actividade. Além disso, durante esses quinze dias, inúmeros factos novos sucederam, certamente, e que eu ainda ignorava. Precisava de pôr tudo a claro, de esclarecer tudo e o mais depressa possível. Mas, de momento, tinha outra coisa a fazer: era necessário ir à roleta.

## Capítulo II

Para falar verdade, isso não me agradava. Decidira jogar, mas não esperava começar a fazê-lo por conta de outrem.

Sentia-me até um pouco desconcertado e foi de mau humor que penetrei nas salas de jogo. Tudo aí me desagradou ao primeiro relance. É-me impossível suportar o servilismo das crônicas mundanas do mundo inteiro e, principalmente, dos nossos jornais russos, nos quais os nossos cronistas tratam de dois assuntos: primeiro, da magnificência e do luxo das salas de jogo das estâncias termais do Reno, e, depois, como querem fazer crer, das pilhas de ouro que se amontoam nas mesas. E o certo é que não lhes pagam para dizer isto: revelam simplesmente uma desinteressada complacência. Estas tristes salas não têm qualquer esplendor e não só o ouro não se amontoa nas mesas, como é, até, difícil vê-lo. É claro que, de quando em quando, ao longo da época, surge um novato, um inglês ou um asiático — um turco, como aconteceu neste Verão — que em pouco tempo ganha ou perde somas fabulosas. Mas os outros não arriscam senão magras quantias e, de um modo geral, pouco dinheiro aparece no pano verde.

Quando entrei numa sala de jogo (pela primeira vez na minha vida), fiquei algum tempo sem me decidir a jogar. Além do mais, muita gente paralisava-me. Mas, ainda que estivesse sozinho, creio que me teria ido embora em vez de começar a jogar. O coração batia-me, confesso, e perdera o sangue-frio.

Estava certo e havia decidido que não partiria de Roletemburgo tal como lá chegara. Um acontecimento fatal e decisivo interviria infalivelmente no meu destino.

É preciso que assim aconteça — e assim acontecerá. Por ridícula que seja a esperança que pus na roleta, acho ainda mais ridícula a opinião geralmente aceite de que é absurdo esperar seja o que for do jogo. Por que havia de ser o jogo pior do que qualquer outro meio de arranjar dinheiro, do que o comércio, por exemplo? É certo que um jogador em cada cem é que consegue ganhar. Mas será que isso me preocupa?

Fosse como fosse, resolvera ficar primeiro a observar e não tentar nada de grande nessa noite. Se algo acontecesse, não podia ser senão devido a um acaso e de passagem, como eu esperava. Precisava também de estudar o próprio jogo, pois, apesar das inúmeras descrições da roleta que eu sempre lera com grande avidez, o seu funcionamento estava-me vedado antes de a ter visto em movimento com os meus próprios olhos.

No primeiro contacto, tudo me pareceu sujo, moralmente sujo e abjecto. Não pretendo referir-me aos rostos ávidos e inquietos que, às dezenas, às centenas mesmo, assaltam as mesas de jogo. Não vejo, decididamente, nada de indecente no desejo de ganhar depressa e o mais que for possível. Sempre achei inepta a ideia desse bem alimentado e refastelado moralista que, ao alegarem-lhe serem pouco vultuosas as quantias que se jogavam, respondeu: «É ainda pior, porque se trata de cupidez mesquinha.» Como se a cupidez mesquinha ou a cupidez perdulária não fossem uma e a mesma coisa! É uma questão de proporções. O que é mesquinho aos olhos de Rothschild é a própria opulência aos meus olhos, e quanto a ganhos e perdas, as pessoas, na roleta e em todas as outras coisas, só têm um objectivo: ganhar ou roubar seja o que for a outrem. Serão o lucro e o proveito sórdidos em si mesmos? Isso é outra questão. Não é aqui que a vou resolver. Como eu próprio estava, no mais alto grau, possuído pelo desejo de ganhar, toda essa cupidez, toda essa infâmia da cupidez, se assim o quereis, era-me, desde a minha entrada na sala, mais próxima, mais familiar, por assim dizer. Não há nada mais agradável do que não ter perturbações diante dos outros e agir abertamente e sem comedimentos. E para quê enganarmo-nos? É a mais vã e a mais considerada das ocupações. O que me desagradava, à primeira vista, em toda aquela gentalha, era a gravidade, a austeridade, o respeito, até, com que as pessoas cercavam as mesas de jogo. Eis o motivo da distinção que se faz aqui entre o jogo de mauvais genre e o que se permite um verdadeiro senhor. Há duas espécies de jogo: a das pessoas de condição e a da plebe, jogo ganancioso e bom para a gente ordinária. A fronteira aqui é muito nítida e, no fundo, como é vil! Um senhor pode, por exemplo, arriscar cinco ou dez luíses de ouro, raramente mais. Pode ir até mil francos se for muito rico, mas só pelo jogo, para se divertir, só para seguir o curso do ganho ou da perda. É-lhe absolutamente indiferente o próprio facto de ganhar. Se ganhou, pode, por exemplo, rir em voz alta, trocar impressões com quem esteja a seu lado ou jogar ainda outra vez e dobrar a parada, mas só por curiosidade, para explorar as possibilidades, para fazer cálculos e não por um vulgar desejo de ganhar. Numa palavra, ele não considera as mesas de jogo, quer se trate da roleta ou do trinte et quarante, senão como um divertimento organizado para seu único prazer. Não deve sequer tentar adivinhar em que arranjos e planos funciona a banca da mesa de jogo. Seria mesmo muito lisonjeiro da sua parte se imaginasse que os outros

jogadores, essas pessoas insignificantes que tremem por um florim, são ricos senhores como ele e que jogam unicamente para matar o tempo. Uma tão completa ignorância da realidade e tanta ingenuidade no modo de avaliar os homens seriam, evidentemente, das mais aristocráticas.

Vi mães empurrarem para a frente as filhas frágeis, inocentes crianças de quinze ou dezasseis anos, darem-lhes algumas moedas de ouro e industriarem-nas no desenrolar do jogo. A menina ganhava ou perdia, retirava-se encantada, sempre a sorrir. O nosso general aproximou-se da mesa com sólidas certezas. Um criado precipitou-se para lhe chegar uma cadeira, mas ele não prestou atenção. Puxou lentamente da bolsa, lentamente tirou dela trezentos francos em moedas de ouro que pôs no preto e ganhou. Não recolheu o que ganhara, deixou-o na mesa. O preto saiu de novo. Ainda dessa vez não arrecadou o ganho e, quando da terceira saiu o vermelho, perdeu num só lance mil e duzentos francos. Retirou-se sorrindo, muito senhor de si. Estou certo de que sentia o coração apertado e de que se a parada tivesse sido dupla ou tripla não conseguiria aguentar-se e deixaria ver a sua perturbação. De resto, ao meu lado, um francês ganhou e depois perdeu cerca de trinta mil francos, impassível, sem o mais pequeno sinal de emoção. Um verdadeiro senhor não deve emocionar-se, mesmo se perde toda a fortuna. O dinheiro deve estar tão abaixo do senhor que este se esqueça até de se preocupar com ele. Evidentemente, é muito aristocrático fingir que se ignora o lodo e o ambiente em que toda esta canalha evoluciona. No entanto, a atitude contrária é às vezes da mesma natureza: notar, quero dizer, olhar e até observar, nem que seja através de binóculos, essa podridão, mas considerando as gentes e o lodo como uma espécie de divertimento, uma representação organizada para distração dos senhores. Pode uma pessoa misturar-se a esta multidão, mas para olhar em volta com a absoluta convicção de que procede neste meio como espectador e de que não entra para nada na sua composição. De resto, também não é conveniente observar com demasiada curiosidade: seria igualmente uma atitude indigna de um senhor, porque tal espectáculo não merece, apesar de tudo, grande atenção. E, em geral, há poucos espectáculos dignos, da parte de um senhor, de grande atenção. Ora eu tinha a impressão de que, pelo contrário, tudo isto merecia muita atenção, sobretudo para quem não viesse só observar mas juntar-se, sinceramente e de boa fé, a toda esta canalha.

Quanto às minhas mais secretas convicções morais, é evidente que não têm cabimento nas considerações presentes. Seja: digo-o para aliviar a consciência. Mas farei notar que, nestes últimos tempos, tenho experimentado verdadeira repugnância em conciliar os meus pensamentos e os meus actos com qualquer critério moral. Sinto-me arrastado noutra direcção...

A gentalha joga realmente de maneira muito sórdida. Não me custa mesmo pensar que os latrocínios mais baixos se cometem aqui, frequentemente, à volta da mesa do jogo. Os croupiers, que estão sentados nos extremos da mesa, vigiam as jogadas e fazem as contas. Têm um trabalho esgotante. Grandes tratantes, também eles! Quase todos são franceses. De resto, se faço estas observações, não é de modo algum para dar uma descrição da roleta. Estou é a adaptar-me para aprender a conduzir-me de futuro. Notei, por exemplo, que não há nada tão vulgar como ver uma mão estender-se bruscamente por cima da mesa e

apropriar-se do que acabais de ganhar. Segue-se uma altercação, não raro gritos e... desafio-vos a provar, invocando testemunhas, que a entrada era vossa!

Ao princípio, toda esta comédia era indecifrável para mim. Percebi mais ou menos que se apostava nos números, no par e no ímpar e nas cores. Decidi arriscar, nessa noite, cem florins do dinheiro de Paulina Alexandrovna. A ideia de que abordava o jogo não por mim mas por outrem desorientava-me. Era uma sensação extremamente penosa de que queria desembaraçar-me o mais depressa possível. Tinha continuamente a impressão de que começando por Paulina estava a minar a minha própria sorte.

Será realmente impossível aproximarmo-nos da mesa de jogo sem sofrermos imediatamente o contágio da superstição? Para começar, peguei em cinco fredericos, quero dizer, em cinquenta florins, e pu-los no par. O disco girou e foi o treze que saiu... e perdi. Preso de dolorosa sensação, com o único intuito de acabar com aquilo e de me ir embora, pus ainda cinco fredericos no vermelho. O vermelho saiu. Ponho os dez fredericos... o vermelho voltou a sair. Deixei todo o dinheiro... E foi de novo o vermelho. Recebi quarenta fredericos. Desses pus vinte nos doze números do centro, sem saber o que ia resultar. Pagaram-me o triplo. Os meus dez fredericos transformaram-se subitamente em oitenta. Mas sofri então uma sensação estranha, tão intolerável que resolvi abandonar a sala. Parecia-me que não teria jogado assim se estivesse a jogar para mim. Mas pus ainda os meus oitenta fredericos no par. Dessa vez foi o quatro que saiu: contaram-me mais oitenta fredericos, embolsei os cento e sessenta fredericos e parti à procura de Paulina Alexandrovna.

Passeavam todos no parque e só a vi à ceia. Nessa altura, o francês não estava e o general pôde, assim, ganhar todo o à-vontade, que aproveitou para me fazer notar mais uma vez que não desejava ver-me à mesa do jogo. Era de opinião que se eu perdesse muito ele ficaria gravemente comprometido.

— E se ganhasse muito, também eu ficaria comprometido — acrescentou com ar importante. — Claro que não tenho o direito de dispor dos seus actos, mas seja o primeiro a reconhecer...

— Deixou a frase em suspenso, como era seu hábito.

Respondi-lhe secamente que tinha muito pouco dinheiro e que portanto não podia perder de maneira muito ostensiva, mesmo se começasse a jogar.

Subindo para o meu quarto, achei meio de entregar a Paulina o dinheiro ganho e declarei-lhe que não voltaria a jogar para ela outra vez.

— Então porquê? — perguntou-me, inquieta.

— Porque quero jogar para mim — respondi fitando-a surpreendido —, e isso perturba-me.

— Persiste assim em acreditar que a roleta é a sua única saída, a sua única possibilidade de salvação? — perguntou-me com ar trocista.

Respondi-lhe muito seriamente que era verdade. Quanto à minha certeza de ganhar infalivelmente, admiti que parecia ridícula, "mas que me deixem em paz!"

Paulina Alexandrovna insistiu em dividir comigo o que ganhara nesse dia e ofereceu-me oitenta fredericos, propondo-me que eu continuasse a jogar nessa condição. Recusei categoricamente e assegurei-lhe que se não podia jogar pelos outros não era porque não quisesse, mas porque estava certo de que ia perder.

— Contudo, também eu, por estúpido que seja, quase só tenho esperança na roleta — disse-me ela, pensativa. — É por isso que é absolutamente necessário que continue a jogar, a meias comigo, e vai fazê-lo, evidentemente.

Ditas estas palavras, deixou-me, sem ouvir os meus protestos.

### Capítulo III

Entretanto, ontem, nem uma só vez ela me falou do jogo. E quase sempre evita falar comigo. Não alterou o modo como me trata. A mesma imperturbabilidade absoluta quando nos encontramos, com um não-sei-quê de desdenhoso e rancoroso. Em suma, nem sequer procura disfarçar a aversão por mim — compreendo-o muito bem. Apesar disto, também não esconde que precisa de mim e que me tem de reserva para um fim que ignoro.

Estabeleceram-se entre nós estranhas relações que em grande parte me são incompreensíveis se se considerar o orgulho e o desdém que ela demonstra a toda a gente. Sabe, por exemplo, que a amo loucamente, chega a consentir-me que lhe dê conta da minha paixão, autoriza-me a falar-lhe do meu amor livremente e sem obstáculos, não poderia manifestar-me melhor o seu desprezo. Faço tão pouco caso dos teus sentimentos, parece dizer, que tudo o que tu possas afirmar-me, tudo o que possas experimentar por mim me é perfeitamente indiferente.

Antigamente, falava-me já frequentemente dos seus assuntos, mas nunca era inteiramente sincera. Ainda mais, no seu desdém por mim fazia entrar requintes deste género: sabia, por exemplo, que eu estava ao corrente de um dado facto da sua vida ou de uma situação que lhe inspirava sérios receios, contava-me ela própria parte desses sucessos, se tinha precisão de me utilizar para alcançar os seus fins, como escravo ou moço de recados, mas só me revelava o que seria estritamente necessário que um empregado soubesse e, se o encadeamento dos factos me era ainda desconhecido, se ela percebia que eu me atormentava e inquietava com as suas angústias e inquietações, nunca se dignava tranquilizar-me completamente com amigável franqueza, porém, se me encarregava frequentemente de missões delicadas e até perigosas, devia, julgo eu, ser franca comigo. Mas ia lá preocupar-se com os meus sentimentos, com a maneira como eu vivia os seus medos, com angústias, três vezes piores do que as suas, talvez, que me provocavam os seus cuidados e reveses!

Há já três semanas que eu sabia da sua intenção de jogar na roleta. Chegara a prevenir-me de que era bom que eu jogasse em vez dela por não ser conveniente fazê-lo ela mesma. Pelo tom com que falou, percebi que era presa de uma séria preocupação e não do simples desejo de jogar. Não lhe interessa o dinheiro pelo dinheiro. Há nisto um objectivo, em circunstâncias que ignoro ainda, mas que adivinho. É claro, a humilhação e a escravidão em que ela me mantém dar-me-iam (e dão-me muitas vezes) a possibilidade de a interrogar sem rodeios e sem cerimónias. Se não passo de um escravo, se, aos olhos dela, não chego a ter existência, não pode ofender-se com a minha falta de cortesia nem com a minha curiosidade. Mas o facto é que se me consente perguntas não lhes

responde. Chega mesmo a não lhes prestar a mínima atenção! E são estas as nossas relações!

Ontem, falou-se muito de um telegrama expedido para Sampetersburgo há quatro dias e que não teve resposta. O general está visivelmente agitado e preocupado. É com certeza por causa da avó. Também o francês anda agitado. Ontem, por exemplo, depois do jantar, falaram largo tempo muito a sério.

O francês permite-se tratar-nos altiva e desdenhosamente. Como diz o provérbio: "Viu-se o demónio de chinelas e quis pisar os outros." Até com Paulina o seu à-vontade chega à grosseria. No entanto, acompanha de bom grado os passeios da família pelo parque do cassino e as excursões a cavalo aos arredores.

De há muito que estou a par de algumas das circunstâncias que puseram o francês em contacto com o general: na Rússia, tiveram a intenção de montar juntos uma fábrica. Ignoro se tal projecto foi abandonado ou se ainda falam nele. Além disso, surpreendi por acaso uma parte de um segredo de família: o francês tirou realmente o general de apertos o ano passado, emprestando-lhe trinta mil rublos para complementar a quantia que o general devia ainda ao Estado quando se demitiu das suas funções. E o general está-lhe nas mãos. Mas agora é Mademoiselle Blanche que desempenha o principal papel nesta comédia toda e estou certo de não me enganar ao afirmá-lo.

Quem é Mademoiselle Blanche? Diz-se por aqui que é uma francesa distinta que viaja com a mãe e possui colossal fortuna. Sabe-se também que é parente afastada do nosso marquês, qualquer coisa como prima em terceiro grau. Corre que antes da minha viagem a Paris o francês e Mademoiselle Blanche tinham relações mais cerimoniais e distantes. Agora, a sua amizade e o seu parentesco mostram-se de maneira mais directa e como que mais íntima. Talvez que a nossa situação se lhes afigure em tão mau estado que eles julguem já desnecessário dissimular e testemunhar-nos respeito. Anteontem, reparei no modo como o senhor Astley fitava Mademoiselle Blanche e a mãe.

Pareceu-me que as conhecia. Julguei mesmo perceber que também o nosso francês encontrara antes o senhor Astley. De resto, o senhor Astley é tão tímido, pudibundo e taciturno que nenhuma esperança se pode depositar nele: a roupa suja continuará a ser lavada em família. Em todo o caso, o francês mal o cumprimenta e quase não lhe presta atenção. Quer dizer que não o teme. Isso ainda se compreende, mas por que será que Mademoiselle Blanche também parece ignorá-lo? Tanto mais que o marquês ontem deixou-se trair: declarou subitamente, no decurso da conversa e já não sei a que propósito, que o senhor Astley era fabulosamente rico e que ele, marquês, o sabia. Era o momento indicado para que Mademoiselle Blanche olhasse para o senhor Astley! Abreviando, o general anda inquieto. Percebe-se a importância que pode ter para ele um telegrama que lhe anuncie a morte da tia!

Ainda que eu estivesse convencido de que Paulina evitava intencionalmente uma conversa comigo, tomei um ar frio e indiferente: pensava que se decidiria bruscamente a vir procurar-me. Em contrapartida, ontem e hoje dediquei toda a minha atenção a Mademoiselle Blanche. Pobre general!

Decididamente está perdido... Apaixonar-se com tal violência aos cinquenta anos é, não resta dúvida, uma desgraça. Juntai a isto a viuvez, os filhos, a ruína, as dívidas, e, para acabar, a mulher de quem se enamorou. Mademoiselle Blanche é bela. Mas não sei se me faço compreender se disser que ela tem uma cara dessas que metem medo. Pelo menos, sempre tive medo deste género de mulheres. Anda pelos vinte e cinco anos. É alta, tem belos ombros, peito opulento, pele bronzeada, cabelos negros como ébano e abundantes (davam para dois penteados). Olhos negros de córnea amarelada, o olhar sobranceiro, alvíssimos dentes, os lábios sempre pintados — e rescende a almíscar.

Veste-se com brilho, luxuosamente, com requinte, mas com muito gosto. Os pés e as mãos são admiráveis. A voz, de contralto, velada. Ri por vezes às gargalhadas e mostra os dentes, todos, mas habitualmente mantém-se calada e com ar insolente, pelo menos na presença de Paulina e de Maria Filipovna. (Corre um estranho boato: Maria Filipovna volta para a Rússia.)

Parece-me que Mademoiselle Blanche não tem qualquer instrução, talvez seja mesmo de inteligência limitada, mas, em compensação, desconfiada e astuta. Creio que a vida não lhe correu sem aventuras.

Para falar claro, é muito possível que nem de longe o marquês seja seu primo, nem a mãe a sua verdadeira mãe. Mas parece que em Berlim, onde as encontrámos, ela e a mãe tinham boas relações sociais. Quanto ao marquês, embora até hoje eu duvide que seja marquês, parece não haver dúvida de que pertence à melhor sociedade, tanto em Moscovo como na Alemanha. Ignoro o que é ele em França. Afirma-se que é proprietário de um castelo. Eu julgava que nestes quinze dias muita água havia de correr e, no entanto, continuo a não saber de certeza se Mademoiselle Blanche e o general trocaram palavras decisivas.

Em suma, tudo depende agora da nossa situação, quero dizer, da quantidade de dinheiro que o general puder fazer brilhar diante deles. Se, por exemplo, se tivesse a notícia de que a avó continuava viva, estou seguro de que Mademoiselle Blanche desapareceria imediatamente. Eu próprio acho espantoso e ridículo ter-me tornado tão tagarela. Oh, como tudo isto me enoja! Com que alegria deixaria tudo e todos! Mas poderei afastar-me de Paulina, poderei deixar de tudo espiar à sua volta? A espionagem é realmente uma coisa abjecta, mas não me importa!

Ontem e hoje, também o senhor Astley me pareceu estranho.

Sim, acho que está apaixonado por Paulina! Que curioso e que cómico tudo o que pode exprimir, às vezes, o olhar de um homem amoroso, tímido e de uma pudicícia doentia, no momento preciso em que tal homem preferiria desaparecer pelo chão abaixo, a trair-se por um olhar ou uma palavra! Cruzamo-nos frequentemente com o senhor Astley no passeio público. Saúda e segue o seu caminho, morto, com toda a certeza, por se juntar a nós. E se o convidamos a fazê-lo, declina imediatamente o convite. Nos lugares onde nos sentamos, no cassino, na sala de concertos, frente ao repuxo, ele pára sempre nas proximidades do nosso banco. Onde quer que estejamos, no parque, no bosque, no Schlangenberg, basta olhar em volta para ver aparecer inevitavelmente, no atalho vizinho ou por detrás de uma moita, a silhueta do senhor Astley! Tenho a impressão de que procura uma ocasião para me falar em particular. Esta manhã,

encontrámo-nos e trocámos algumas palavras. Fala, por vezes, com frases entrecortadas. Antes mesmo de me dar o bom dia, exclamou:

— Ah, Mademoiselle Blanche!... Vi muitas mulheres como Mademoiselle Blanche!

Calou-se e fitou-me significativamente. Que queria dizer com aquilo, ignoro, porque à minha pergunta: «Que pretende dizer?», meneou a cabeça sorrindo maliciosamente e acrescentou:

— Isso mesmo. Será que Mademoiselle Paulina gosta de flores?

— Não sei — respondi.

— Como!? Nem isso sabe? — exclamou, no cúmulo da estupefacção.

— Não, não sei de todo em todo, nunca reparei nisso — repeti, rindo.

— Hum! Deu-me uma ideia...

E com estas palavras, baixou-me a cabeça e seguiu o seu caminho. De resto, parecia contente. Falávamos os dois num execrável francês.

#### Capítulo IV

O dia foi ridículo, escandaloso, absurdo. São onze horas da noite. Sentado no meu pequeno quarto, tento pôr em ordem aquilo de que me lembro. A coisa começou de manhã: tive de ir jogar à roleta para Paulina Alexandrovna. Peguei nos seus cento e sessenta fredericos, mas sob duas condições: a primeira, não aceitar eu jogar a meias e, assim, se ganhasse nada retiraria para mim, a segunda, que, à noite, Paulina me explicaria por que tinha tanta necessidade de ganhar e de que quantia precisava ao certo. Não podia imaginar que fosse só por causa do dinheiro. Tem, visivelmente urgente necessidade dele, ignorava para quê. Prometeu-me que me diria e fui-me embora.

Havia confusão nas salas de jogo. Que insolentes que eles são todos e que ávidos! Furei através de toda aquela gente e pus-me ao lado do croupier. Comecei depois, timidamente, a arriscar só duas ou três moedas de cada vez. Entretanto, fazia as minhas observações e tirava as minhas notas. Penso que todos esses cálculos não têm grande significado e que estão longe da importância que muitos jogadores lhes atribuem.

Sentado por ali, com papéis cobertos de números, registam os lances, contam, medem as possibilidades, fazem um último cálculo, jogam finalmente... e perdem, tal como os pobres mortais que jogam sem calcular. Todavia, tirei uma conclusão que parece justa: de facto, na sucessão das possibilidades fortuitas há, se não um sistema, pelo menos uma espécie de ordem. É evidentemente muito estranho. Acontece, por exemplo, que depois de saírem os doze números do centro saem os doze últimos números. Duas vezes, digamos, a sorte incide nesses doze números e volta aos doze do centro. Três, quatro vezes de seguida saem os números do centro, depois é de novo a vez dos doze últimos. Dois lances após, volta-se aos primeiros, que só saem uma vez, e os números do centro saem três vezes de seguida. E assim sucede durante hora e meia, duas horas. Um, três e dois. Um, três e dois. É deveras estranho! Numa tarde ou numa dada manhã, o

negro alterna com o vermelho, quase sem ordem e continuamente. Cada cor só sai duas ou três vezes de seguida. No dia seguinte ou à noite, só o vermelho sai, por exemplo, vinte e duas vezes de seguida e a coisa continua assim muito tempo, às vezes um dia inteiro. Devo uma boa parte destas verificações ao senhor Astley, que passa a manhã inteira junto das mesas de jogo mas sem nunca apostar.

Voltando a falar de mim: perdi tudo até à última moeda e num curtíssimo espaço de tempo. Comecei por pôr vinte fredericos no par e ganhei. Pu-los de novo e voltei a ganhar. Assim sucedeu duas vezes ou três vezes. Julgo que a quantia que tinha em mão subiu a quatrocentos fredericos nuns cinco minutos. Era nessa altura que me devia ter ido embora, mas uma estranha sensação nasceu em mim: uma tentação de provocar o destino, de lhe dar um piparote, de lhe deitar a língua de fora. Arrisquei o maior lance autorizado: quatro mil florins, e perdi. Depois, excitando-me, puxei de tudo o que me restava, joguei-o como no lance precedente e de novo perdi. Então deixei a mesa, atordoado. Não percebia sequer o que me tinha sucedido e só contei a Paulina Alexandrovna da minha pouca sorte mesmo antes do jantar. Até essa altura andei a vaguear pelo parque.

Durante o jantar, senti-me de novo excitado como três dias antes. O francês e Mademoiselle Blanche ainda jantavam connosco.

Aconteceu que Mademoiselle Blanche estivera de manhã no cassino e assistira às minhas proezas. Desta vez, dirigiu-me a palavra com mais consideração. O francês agiu mais francamente e perguntou-me sem rodeios se eu perdera o meu próprio dinheiro. Parece-me que suspeita de Paulina. Numa palavra, há qualquer coisa por detrás de tudo isto. Improvisei uma mentira e disse que o dinheiro era meu.

O general estava extremamente admirado: onde conseguira eu uma quantia daquelas? Expliquei que começara com dez fredericos, que dobrando a parada seis ou sete vezes seguidas, ganhara cinco ou seis mil florins e que perdera tudo em dois lances.

Claro que isso era verosímil. Ao dar esta explicação, olhei para Paulina, mas nada pude perceber no rosto dela. Deixou-me falar sem me dirigir qualquer reprimenda, donde concluí que era preciso mentir e ocultar que estivera a jogar para ela.

Seja como for, disse com os meus botões, "deve-me a explicação que me prometeu esta manhã." Pensava que o general me chamaria a atenção, mas ficou calado. Percebi, no entanto, que a inquietação se lhe estampava no rosto. Talvez que nas dificuldades em que está metido lhe seja penoso saber que tanto ouro passou, num quarto de hora, pelas mãos de um idiota tão imprudente como eu.

Creio que teve ontem com o francês uma viva altercação.

Falaram muito e animadamente, fecharam a porta à chave. O francês saiu furioso, voltou muito cedo à procura do general... sem dúvida para retomar a conversa de ontem.

Ao saber que eu perdera, o francês fez-me notar sarcasticamente e com uma pontinha de maldade que era necessário ser mais prudente. E acrescentou, não sei porquê, que embora os russos fossem jogadores não lhe pareciam capazes de jogar.

— Quanto a mim, a roleta não foi inventada senão para os russos — repliquei eu, e como o francês disparasse um risinho de troça, insisti dizendo que a verdade estava com certeza do meu lado porque, ao afirmar que os russos eram jogadores, censurava-os mais do que os louvava, e assim era digno de crédito.

— Em que apoia a sua opinião? — perguntou-me o francês.

— No facto de que, no decurso da história, a faculdade de aforrar capitais entrou no catecismo das virtudes e dos méritos do homem ocidental civilizado, tornando-se talvez o principal ponto de fé. Ao passo que o russo não só é incapaz de aforrar capitais, mas até os gasta a torto e a direito sem o menor sentido das conveniências. Seja como for, nós, russos, também temos necessidade de dinheiro — continuei. — Por isso recorreremos sofregamente a processos como a roleta, com as quais se pode ganhar uma fortuna em duas horas, sem trabalhar. Isso fascina-nos, e como jogamos à toa, sem nos constrangermos, acabamos por perder!

— Em parte é verdade — concordou o francês com ar convencido.

— Não, é falso, e você devia ter vergonha de falar assim do seu próprio país — atalhou o general, severo e sentencioso.

— Desculpe — disse eu —, mas qual será mais abjecto: a extravagância russa ou o sistema alemão, que consiste em juntar dinheiro graças a um trabalho honesto?

— Que ideia tão chocante! — exclamou o general.

— Que ideia tão russa! — volveu, divertido, o francês.

Pus-me a rir, morto por espicaçá-los o mais que pudesse.

— Antes queria passar a vida toda numa tenda de quirguises do que adorar o ídolo alemão — tornei eu.

— Que ídolo? — gritou o general já seriamente aborrecido. — O processo alemão de enriquecer. Estou aqui há pouco tempo, mas o que pude ver e verificar revolta a minha natureza tártara. Palavra que dispense tais virtudes! Ontem, andei umas léguas pelos arredores. É exactamente como esses livrinhos de moral alemães recheados de ilustrações: aqui, cada casa tem o seu Vater horrivelmente virtuoso e extraordinariamente honesto. Tão honesto que até dá medo chegar ao pé dele. Não suporto as pessoas honestas que metem medo. Cada Vater tem uma família e, à noite, lêem todos em voz alta livros edificantes. Por cima da casinha, rumorejam ulmeiros e castanheiros. O pôr-do-Sol, uma cegonha no telhado... é tudo extremamente poético e tocante... Não se aborreça, general, e consinta-me que fale neste jeito enternecedor. Lembro-me de que o meu defunto pai nos lia, a mim e a minha mãe, livros iguais, à noite, sob as tílias do nosso jardimzinho. Estou, pois, em condições de saber do que falo. Aqui, cada família está integralmente submetida ao Vater. Trabalham todos como bois e poupam como judeus. Admitamos que o pai já amealhou certa quantia e tenciona legar ao filho mais velho o ofício ou a terra: não dotará a filha, que não casará. Venderão o filho mais novo como criado ou soldado e aumentarão com esse dinheiro o património. Isto é verdade, isto passa-se aqui, como tive ocasião de me informar. E tudo resulta da honestidade, duma honestidade levada ao extremo e tão habilmente que o filho mais novo, que venderam, julga que foi vendido por honestidade. Eis o ideal: a própria vítima regozijar-se de ser levada ao sacrifício!

E depois? Pois muito bem, o filho mais velho não é mais feliz: algures, lá longe, espera-o uma Almachen, a eleita do seu coração, mas não pode casar com ela porque não amealharam ainda bastantes florins.

Também eles aguardam, virtuosamente, sinceramente, e caminham para o sacrifício de sorriso nos lábios. As faces de Almachen vão ficando cavadas, a pobre rapariga estiola. Finalmente, ao cabo de vinte anos, a fortuna cresceu, os florins foram honrada e virtuosamente juntos. O Vater abençoa a união do filho maior de quarenta anos com Almachen, jovem de trinta e cinco anos, de peito murcho e nariz vermelhusco... Nessa ocasião, verte lágrimas, prega ainda uma lição de moral e entrega a alma ao criador. O filho mais velho transforma-se, por sua vez, num Vater virtuoso e a história recomeça.

Cinquenta ou sessenta anos volvidos, o neto do primeiro Vater realiza, efectivamente, um capital importante e lega-o ao filho, este ao filho, e, após cinco ou seis gerações, surge o barão de Rothschild em pessoa ou Hoppe & C.a, ou sabe o diabo quem. É ou não é um espectáculo grandioso? Eis o coroamento de um ou dois séculos de trabalho, de perseverança, de inteligência, de honestidade, de energia, de firmeza, de previdência, de cegonha sobre o telhado! Que mais desejais?

Nada há tão sublime. É desse ponto de vista que começam a julgar o mundo e a castigar os culpados, quero dizer, os que diferem deles por um pouco que seja. É por isso que prefiro afundar-me numa vertigem à russa ou tentar a fortuna à roleta! Não quero ser Hoppe & Cia ao fim de cinco gerações! Preciso de dinheiro para mim próprio e não me sinto a viver em função do capital. Sei que disse muito disparate, mas tanto pior. São estas as minhas convicções.

— Não sei se há alguma verdade no que disse — insinuou, pensativo, o general —, o que sei é que é de uma presunção insuportável quando o deixam à rédea solta...

Conforme o hábito adquirido, não concluiu. Quando o nosso general aborda um tema um pouco mais vasto do que os das conversas corriqueiras nunca conclui as frases.

O francês esteve a ouvir tranquilamente, de olhos muito abertos. Paulina arvorava altaneira indiferença. Parecia nada ter apercebido da conversa que transcorrerá à mesa.

## Capítulo V

Mostrava-se mais absorta do que era costume, mas mal nos levantámos da mesa, pediu-me que a acompanhasse ao passeio público. Pegámos nas crianças e fomos para o parque, para os lados do repuxo.

Como me sentia especialmente agitado, perguntei-lhe estúpida e grosseiramente, à queima-roupa, por que razão o marquês Des Grieux, o francesito, não a acompanhava quando ela saía e passava dias inteiros sem lhe dirigir a palavra.

— Porque é um traste — respondeu com voz alterada.

Nunca a ouvira falar assim de Des Grieux e calei-me, temendo compreender aquela irritação.

— Não reparou que hoje ele não está de acordo com o general?

— Quer saber do que se trata? — respondeu Paulina, seca e exasperada. — Sabe que ele emprestou dinheiro ao general contra a hipoteca de todos os bens? Se a avó não morre, o francês entra imediatamente na posse da caução.

— Então sempre é verdade que está tudo hipotecado? Tinha ouvido dizer que sim, mas não o sabia ao certo.

— É certo, é!

— Então adeus, Mademoiselle Blanche! — insinuei. — Já não será generala! Sabe, o general parece-me de tal modo apaixonado que é capaz de se suicidar se Mademoiselle Blanche o abandona. Naquela idade torna-se perigosa uma paixão assim tão violenta.

— Também me parece que lhe vai acontecer alguma coisa — confessou Paulina Alexandrovna, pensativa.

— Perfeito! — exclamei. — Não se pode mostrar mais brutalmente que ela casava só pelo dinheiro. Nem se respeitaram as aparências, nem se tentou um arremedo de pudor. Maravilhoso! E quanto à avó, há lá coisa mais cómica e mais baixa do que enviar telegrama após telegrama para perguntar: "Ela já morreu?. Já morreu mesmo?" Então, Paulina Alexandrovna, que pensa de tudo isto?

— Não são senão tolices — respondeu com enfado, interrompendo-me. — O que me admira é vê-lo de tão bom humor. De onde lhe vem essa alegria? Talvez de ter perdido o meu dinheiro, não?

— Por que mo deu para o perder? Disse-lhe que não podia jogar para os outros, e ainda com mais razão para si. Faça seja o que for que me mande fazer, mas o resultado não depende de mim. Preveni-a, contudo, de que não ia resultar nada de bom. Diga, custa-lhe muito ter perdido tanto dinheiro? Para que precisa dele?

— A que vêm essas perguntas?

— Mas, prometeu-me explicações... Ouça: estou convencido de que quando começar a jogar para mim mesmo (e tenho doze fredericos), hei-de ganhar. Dou-lhe, então, o dinheiro que quiser.

Teve um esgar de desdém.

— Não se zangue comigo — continuei —, se lhe faço este oferecimento. Estou tão convencido de não passar de um zero aos seus olhos, que de mim pode aceitar até dinheiro. Não deve ofender-se por eu lhe dar um presente. Além disso, perdi o dinheiro que era seu.

Lançou-me um olhar rápido e, percebendo que eu estava a falar com irritação e sarcasmo, mais uma vez mudou o tom da conversa.

— Nos meus assuntos não há nada que possa interessá-lo. Se insiste em saber, tenho dívidas. Pedi dinheiro emprestado e quero pagá-lo.

Nasceu-me a ideia louca e bizarra de que aqui ganharia ao jogo. Porquê? Sei lá! Acreditava que sim... Quem sabe, talvez a esperança me viesse de não ter outra alternativa e arriscar a última possibilidade...

— Ou então por ser preciso ganhar a todo o custo. Exactamente como um homem que se afoga e se agarra a uma palha. Há-de concordar que se o homem não estivesse a afogar-se não tomava a palha por um tronco.

Paulina mostrou-se admirada:

— Como é possível — disse —, não tem esperança igual? Há quinze dias explicou-me minuciosamente que estava seguro de ganhar aqui à roleta e pediu-me que não o olhasse como a um louco. Brincava, então? Lembro-me, no entanto, de que falava tão a sério que não podia tomar-se por brincadeira o que dizia.

— É certo — respondi pensativamente. — Continuo absolutamente convencido de que hei-de ganhar. Confesso-lhe até que me leva agora a fazer a mim mesmo uma pergunta: como é que a estúpida e escandalosa perda que provoquei hoje não me lançou a dúvida na alma? Mantenho a convicção de com certeza ganhar quando começar a jogar por minha própria conta.

— Por que está tão seguro disso?

— Não sei como explicar-lhe. Só sei que preciso de ganhar, que também não tenho outra saída. Daí, talvez, a impressão de que infalivelmente vou ganhar.

— Assim também precisa de ganhar a todo o custo, visto que acredita fanaticamente que vai ganhar!

— Aposto que me julga incapaz de experimentar uma necessidade séria, não?

— É-me indiferente — respondeu Paulina, calma e alheada. — Já que mo pergunta, SIM, creio que não há nada que possa preocupá-lo seriamente. É capaz de se preocupar, mas não seriamente. O seu comportamento é desordenado e instável. Precisa de dinheiro? Para quê? Nas razões que me deu outro dia não havia uma sequer que fosse concludente.

— É verdade — interrompi —, disse-me que tinha necessidade de pagar uma dívida. Uma dívida grande, parece-me! Não é ao francês?

— Que vem a ser isso?! Está muito desenvolto, hoje! Teria bebido?

— Sabe muito bem que tenho por hábito dizer tudo e fazer, às vezes, perguntas muito directas. Repito: sou seu escravo, um escravo não pode envergonhá-la nem ofendê-la.

— Que absurdo! Não suporto a sua teoria da escravidão.

— Repare que não falo da minha escravidão por querer ser seu escravo, falo, simplesmente, como de um facto inteiramente alheio à minha vontade.

— Diga-me francamente: por que precisa de dinheiro?

— E por que deseja sabê-lo?

— Como quiser — respondeu com um altivo movimento de cabeça.

— Não suporta a teoria da escravidão, mas exige do escravo: "Responda sem discutir!" MUITÍSSIMO bem, seja. Pergunta-me por que preciso de dinheiro? Que pergunta! O dinheiro... é tudo!

— Compreendo, mas, ao desejá-lo, não se deve cair numa loucura dessas! Porque você chega ao delírio, ao fatalismo. Há nisso qualquer coisa, um objectivo preciso. Fale sem rodeios. Exijo!

Dir-se-ia que começava a exaltar-se. Encantava-me que continuasse a fazer-me perguntas, excitada.

— É verdade que tenho um fito — disse —, mas não saberia dizer-lhe qual. Simplificando: com dinheiro tornar-me-ia outro homem, mesmo aos seus olhos, e deixaria de ser um escravo.

— O quê?! E como o conseguiria?

— Como o conseguiria? Nem concebe que eu possa ser olhado por si sem ser como um escravo! É isso precisamente que eu não quero, não quero esse espanto e essa incompreensão.

— Disse-me que esta escravidão era deliciosa. Eu também o julgava.

— Também o julgava — exclamei com estranha volúpia. — Que tocante ingenuidade essa! É verdade, sim, a escravidão a que me submete é um prazer para mim. Até no último degrau da baixeza e da humilhação pode haver prazer! — continuei, delirante. — Quem sabe, até, se não haverá prazer sob o chicote, quando se abate sobre as costas e dilacera as carnes?... Mas vou ter, com certeza, outra espécie de prazer.

Mesmo agora, à mesa, o general ralhou-me, diante de si, porque me paga setecentos rublos por ano, que se calhar nunca receberei. O marquês Des Griex franziu as sobrancelhas, encarou-me e fingiu ao mesmo tempo ignorar a minha presença. E eu, pela minha parte, é muito provável que arda de desejo de pegar no marquês pelo nariz, diante de si.

— Tiradas de fedelho! Uma pessoa pode comportar-se sempre com dignidade, seja qual for a situação. A luta enobrece, não rebaixa.

— Fala por sentenças! Julga nem mais nem menos que não sou capaz de comportar-me com dignidade, que, embora digno, não sei conduzir-me dignamente. Acha que pode ser assim? Mas todos os russos são assim, e sabe porquê? Porque os russos são de natureza demasiado rica e variada para poderem encontrar rapidamente uma forma que lhes convenha. Aqui, o que importa é a forma. Nós, russos, somos tão ricamente dotados, quase sempre, que precisamos de génio para encontrar uma forma conveniente. E a maior parte das vezes faltamos génio porque, de um modo geral, é raríssimo. Nos franceses, e talvez noutros europeus, a forma está tão bem fixada que se pode ter um ar extremamente digno sendo-se o mais indigno dos homens.

É por isso que a forma tem tanta importância para eles. O francês aguenta sem pestanejar uma ofensa, uma ofensa profunda, verdadeira, mas não aguentará um piparote no nariz porque é uma violação das convenções adoptadas e da forma tradicional. Se os franceses têm tanto sucesso com as nossas mulheres é por possuírem uma bela forma. Por mim, de resto, não vejo nisso qualquer forma, mas só um galo, o coq gaulois. Mas que posso perceber disso, afinal, se não sou mulher?

Talvez os galos tenham algo de bom. Mas estou a dizer asneiras e não me detém. Interrompa-me mais vezes, quando falo consigo, apetece-me dizer tudo o que guardo no coração, tudo, tudo.

Perco por completo a forma. Reconheço, até, que não só não tenho forma, como me falta completamente o mérito. É o que lhe digo. Nem me preocupa ter qualquer mérito. Agora tudo parou em mim. Sabe muito bem porquê. Não consigo formar uma ideia que seja. Há muito que já não sei o que se passa no mundo, nem na Rússia nem aqui. Olhe, atravessei Dresden e esqueci com que é

que se parecia a cidade. Bem sabe o que me mantinha absorto. Como não me resta qualquer esperança e não passo de um zero aos seus olhos, falo com toda a franqueza: não vejo senão a si em todo o lado e o resto é-me indiferente. Ignoro por que a amo e como a amo. Sabe, talvez não seja mesmo nada bela. Imagine que nem sei se é bela ou não, até de rosto. O seu coração é mau, com certeza, e os seus sentimentos não são muito nobres.

— É por não acreditar na nobreza dos meus sentimentos que projecta comprar-me com dinheiro?

— Quando pensei eu em comprá-la? — gritei.

— Desvairou e perdeu o fio da meada. Se não é a mim, é a minha consideração que espera comprar.

— Não, nada disso. Avisei-a de que tinha dificuldade em me explicar. Esmaga-me! Não se aborreça com o meu falatório. Bem sabe, não pode aborrecer-se comigo: estou louco, muito simplesmente. É-me indiferente, de resto, zangue-se se quiser. No meu pequeno quarto, lá em cima, basta-me lembrar ou imaginar o frufu do seu vestido para quase morder os dedos. Por que se zangou comigo? Por eu me declarar seu escravo? Aproveite, aproveite a minha escravidão! Sabe que um dia hei-de matá-la? Não por ciúme, não por deixar de a amar, não, hei-de matá-la só porque há dias em que me apetece devorá-la.

Ri-se...

— Não estou a rir — disse asperamente. — Ordeno-lhe que se cale.

Deteve-se, sufocada de cólera. Deus é testemunha de que eu não sei se ela é bonita, mas gosto de a contemplar quando fica assim suspensa diante de mim, e por isso sinto prazer em provocar-lhe cólera. Talvez percebesse e se zangasse de propósito. Disse-lho.

— Que infâmia! — exclamou enojada.

— Tanto faz — continuei. — Fique sabendo, também, que é perigoso passearmos juntos, assalta-me, muitas vezes, um desejo irreprimível de lhe bater, de a desfigurar, de a estrangular. Pensa que as coisas não hão-de chegar a esse ponto? Põe-me fora de mim. Julga que teria medo do escândalo? Do seu ódio? Dou ao desprezo o seu ódio! Amo-a sem esperança e sei que depois disso a amarei mil vezes mais. Se a matar, um dia, terei de matar-me também. Pois muito bem, hei-de matar-me o mais tarde possível, para sentir sem si essa dor insuportável! Quer saber uma coisa incrível? Amo-a cada dia mais, e é quase impossível. E se isso acontecer, não ficarei fatalista! Lembre-se: anteontem, no Schlangenberg, respondi-lhe baixinho, quando me provocou: A uma palavra sua saltarei no abismo., Se a tivesse dito, eu teria saltado. Não duvida, pois não?

— Que estúpida conversa! — exclamou.

— Pouco me importa que seja estúpida ou não! Só sei que quando está ao pé de mim preciso de falar, falar, falar... e falo. A seu lado, perco todo o amor-próprio e tanto me faz!

— Por que havia eu de obrigá-lo a saltar do alto do Schlangenberg? — replicou-me secamente e no tom mais ofensivo possível. — É perfeitamente inútil.

— Admirável! — gritei eu. — Empregou esse admirável inútil, de propósito para me humilhar. Leio-lhe na alma. Inútil, diz você? Mas o prazer é

sempre útil e um poder absoluto, sem limites, nem que seja sobre uma mosca, é também uma espécie de prazer. O homem é, por natureza, um déspota: gosta de fazer sofrer. A si, não há nada que mais lhe agrade. Lembro-me de que ela me examinava com especial atenção. O meu rosto devia exprimir, então, com certeza, todas as sensações absurdas e extravagantes que eu experimentava. Recordo-me agora de que a nossa conversa se travou quase nos mesmos termos em que a relato aqui. Os meus olhos estavam injectados de sangue. A saliva subia-me aos lábios. E no que respeita ao Schlangenberg, juro-o pela minha honra, ainda neste momento: se ela me tivesse ordenado que me atirasse para o abismo, tê-lo-ia feito! Mesmo se ela o dissesse a brincar, com desprezo, cuspiendo-me em cima, eu teria saltado de igual modo!

— Não, por que não? Acredito em si —olveu, mas num tom que só ela sabia empregar, com tanto desprezo e malícia, tanta arrogância que, por Deus, teria sido capaz de a matar nesse instante. Ela corria esse risco. E eu não mentira ao confessar-lho.

— Não é cobarde? — perguntou-me de chofre.

— Não sei, talvez seja. Não sei... Há muito que não faço a mim mesmo tal pergunta.

— Se eu lhe dissesse: Mate aquele homem... matá-lo-ia?

— Quem?

— Quem eu quisesse.

— O francês?

— Não me faça perguntas, responda só. Quem eu designasse. Quero saber se há bocado estava a falar a sério.

Esperava a minha resposta com tanta gravidade e impaciência que senti a estranheza da atitude.

— Mas será capaz de me dizer, de uma vez por todas, o que está a passar-se aqui!? — gritei. — Será que tem medo de mim? Vejo muito bem as complicações em que se debate aqui. É a enteada de um homem arruinado e louco, dilacerado pela paixão por esse demónio... Blanche, depois há o francês, com a sua influência secreta sobre si, por fim, há instantes, acaba de me fazer... essa pergunta. Que eu saiba o que se passa, pelo menos, senão enlouqueço já e chego a qualquer extremo. Ou será que tem vergonha de se dignar ser franca? Bem sabe que não pode ter vergonha diante de mim.

— Não é nada disso. Fiz-lhe uma pergunta e espero a resposta.

— Evidentemente — explodi —, matarei quem você me apontar, mas poderia... ordenar-me-ia que fizesse tal coisa?

— Não pensa, com certeza, que eu iria poupá-lo, não? Dar-lhe-ia uma ordem e eu ficaria de parte. Era capaz de suportar isto? Claro que não, pois falta-lhe estatura! Talvez matasse a uma ordem minha, mas depois havia de voltar e matar-me por eu ter ousado mandá-lo cometer um crime.

Senti-me como que espancado por essas palavras. Eu considerara, é claro, a pergunta, meio brincadeira, meio provocação, mas a verdade é que ela falara muito a sério. Fiquei estupefacto de a ouvir exprimir-se assim, afirmar tal direito sobre a minha pessoa, reconhecer a si mesma semelhante poder e dizer abertamente: "Corre a perder-te, por mim fico de parte."

Havia nessas palavras um cinismo tal, uma franqueza tal que, parecia-me, ela estava a ultrapassar as medidas. E como se comportaria comigo depois disso? Era o máximo de escravidão e de aviltamento. O papel que me destinava convertia-me em seu igual. Por absurda e incrível que fosse a nossa conversa, o meu coração fraquejou.

Subitamente, rompeu a rir. Estávamos sentados num banco, perto das crianças que brincavam, precisamente em frente do lugar em que as viaturas paravam para que saíssem os passageiros na álea que leva ao cassino.

— Vê aquela gorda baronesa? — exclamou. — É a baronesa Wurmerhelm. Está aqui há três dias. Repare no marido: é aquele prussiano magro e desengonçado de bengala na mão. Lembra-se como ele nos olhou anteontem? Vá imediatamente ter com a baronesa, tire-lhe o chapéu e diga-lhe qualquer coisa em francês.

— Porquê?

— Jurou-me que se lançaria do alto do Schlangenberg, jura-me que está pronto a matar se eu lhe mandar. Em vez de todas essas matanças e tragédias, só quero agora divertir-me um pouco. Obedeça sem discutir. Quero ver o barão dar-lhe uma bengalada.

— Está a provocar-me, julga que não sou capaz de o fazer?

— Sim, estou a provocá-lo. Vá, vá, sou eu que quero!

— Pois bem, aí vou eu, mas é um capricho bem bizarro. Oxalá que isto não vá trazer aborrecimentos ao general, e a si indirectamente. Juro que não me preocupo comigo, mas consigo... e com o general. Que ideia, ir insultar uma mulher!

— Bom, você não passa de um parlapatão, pelo que estou a ver — disse-me ela com desprezo. — Há momentos, tinha os olhos injectados de sangue... Se calhar foi por ter bebido demasiado ao jantar... Sei muito bem que é uma coisa absurda e vulgar e que o general vai ficar furioso. Não quero senão divertir-me. Eis tudo. Não precisará de insultar uma mulher. Hão-de bater-lhe primeiro.

Levantei-me e parti a executar a minha missão sem dizer palavra. Era, evidentemente, uma coisa absurda e eu não soubera descartar-me, mas, ao aproximar-me da baronesa, lembro-me de que me senti levado pelo desejo de cometer uma infantilidade. Aliás, sentia-me tão excitado como se estivesse ébrio.

## Capítulo VI

Passaram dois dias sobre aquilo. Que dia tão estúpido! Que gritos, barulho, agitação e comentários! E sou eu a causa de todo este rebuliço, de toda esta desordem, de toda esta mesquinhez e vulgaridade! De resto, às vezes é cómico, pelo menos para mim. Não consigo perceber o que me aconteceu: estou num período de exaltação ou simplesmente desatinei e estou outra vez em vias de praticar mais incongruências, enquanto não me internam? Em certos momentos, sinto que perco a razão.

Noutros, parece-me que acabei de sair da infância, da escola, e que me entrego a brincadeiras de colegial. A culpa é de Paulina, tudo por sua culpa! Talvez eu nunca tivesse pensado em fazer criancices, se ela lá não estivesse. Quem sabe, talvez tenha feito tudo por desespero (se bem que seja estúpido pensar assim) e não compreenda, sim, não compreenda o que essa mulher tem de bom. É linda, pelo menos para mim. E não sou o primeiro que ela põe louco. É alta, bem feita. Mas muito magra. Tenho a impressão de que se podia fazer um nó com ela ou dobrá-la em dois. O desenho do pé é longo e estreito... torturante. Torturante é a palavra. Tem reflexos ruivos nos cabelos. Verdadeiros olhos de gata, e como ela sabe dar-lhes uma expressão de orgulho e arrogância! Há cerca de quatro meses, quando comecei as minhas funções, uma noite, no salão, ela teve uma longa conversa com Des Grieux, estavam animados. E fitava-o de uma maneira... que quando subi, mais tarde, para me deitar, imaginei que o esbofeteava, que acabara de o esbofetear e o encarava frente a frente...

Foi nessa noite que me apaixonei por ela. Mas voltemos aos factos.

Tomei por um caminho que ia dar à álea, parei a meio da álea e esperei o barão e a baronesa. A cinco passos de distância, tirei o chapéu e cumprimentei-os.

Recordo-me de que a baronesa trazia um vestido de seda cinzento-claro, espantosamente largo, enfeitado de folhos, com uma crinolina e uma cauda. Ela é baixa, muito forte, de queixo largo e recuado que se confunde com as faces. Tem a cara vermelha, pequenos olhos maus e impudentes. Ostenta um ar condescendente. O barão é seco e alto, de rosto oblíquo e sulcado de pequenas rugas, como é costume na Alemanha, usa óculos, tem quarenta e cinco anos. As pernas quase que lhe começam no peito: sinal da raça. É vaidoso como um pavão. Um pouco pesado. Algo de carneiro na expressão faz as vezes de profundidade.

Apercebi-me de tudo isso em segundos.

A minha saudação e o chapéu na mão mal lhes despertaram, primeiro, a atenção. O barão contentou-se com um leve franzir de sobrolho. A baronesa veio direita a mim com um passo majestoso.

— Madame la baronne — disse eu em alta e inteligível voz, marcando cada sílaba —, j'ai l'honneur d'être votre esclave.

Em seguida inclinei-me, voltei a pôr o chapéu e passei ao lado do barão olhando-o com um sorriso afável.

Paulina mandara que eu me descobrisse, mas as curvaturas e os trejeitos de garoto eram da minha própria iniciativa. Sabe Deus o que me levava a isso. Parecia-me que estava a despenhar-me de uma montanha.

— Hein! — gritou, ou antes, guinchou o barão voltando-se para mim com irritado espanto.

Voltei-me e imobilizei-me numa expectativa respeitosa, continuando a olhá-lo sorridentemente.

Estava visivelmente perplexo e franzia o sobrolho até ao nec plus ultra. O rosto tornava-se-lhe cada vez mais sombrio. A baronesa também se voltou com ar de indignado espanto. Das pessoas que passavam, começaram algumas a reparar em nós e a parar.

— Hein? — guinchou de novo o barão com voz sempre mais gritante e mais irritada.

— Ja wohl (1) — disse eu arrastando as palavras e olhando-o fixamente nos olhos.

— Sind Sie rasend (2)? — gritou brandindo a bengala. Parecia tremer. Talvez fosse o meu fato que o perturbava. Eu estava impecavelmente vestido, mesmo com certa elegância, como um homem que pertence à melhor sociedade.

— Ja wo-o-ohl! — gritei de repente com todas as forças carregando no o, como fazem os berlinenses que empregam a cada momento ja wohl na conversa, prolongando mais ou menos a letra o conforme as cambiantes de pensamento ou sentimento que pretendem exprimir.

O barão e a baronesa voltaram-se bruscamente e afastaram-se quase a correr. Estavam com muito medo. De entre o público, alguns começaram a falar, outros olhavam-me com espanto. De resto, não me lembro muito bem. Dei meia volta e dirigi-me com o passo habitual para Paulina Alexandrovna. Mas mal tinha chegado a cem passos do banco em que ela estava sentada, vi-a levantar-se e encaminhar-se para o hotel com as crianças.

Consegui alcançá-la à entrada.

— Levei a cabo... este absurdo — disse-lhe logo que cheguei ao degrau em que ela se encontrava.

— Ah! Muito bem, agora desenvencilhe-se — respondeu-me. E, sem me olhar sequer, subiu os restantes degraus.

\*1. Mas sim, evidentemente!

2. Está louco?

Ao fim da tarde fui passear para o parque. Atravessei o parque, depois a floresta e cheguei a passar para o outro principado. Comi uma omeleta e bebi vinho em casa duns camponeses: esse idílio custou-me thaler e meio.

Só voltei às onze da noite. Disseram-me para ir ter imediatamente com o general.

Os nossos amigos ocupam no hotel duas suites, dispõem de quatro divisões. A primeira é o salão: um grande quarto ornamentado com um piano de cauda, que comunica com outro também grande: o gabinete do general. Era aí que ele me esperava, de pé no centro do quarto, numa atitude extremamente majestosa. Des Grioux estava molemente estendido num divã.

— Caro senhor, dá-me licença que lhe pergunte o que fez? — começou o general.

— Gostaria que abordasse directamente os factos, general — respondi. — Quer, sem dúvida, falar do meu encontro de há bocado com um alemão?

— Com um alemão! Esse alemão é o barão de Wurmerhelm, uma pessoa de categoria! O senhor foi grosseiro com ele e com a baronesa.

— De modo nenhum.

— Deixou-os assustados, caro senhor — gritou o general.

— Nem coisa que se pareça. Em Berlim, eu ouvia a propósito de tudo e de nada, esse ja wohl que as pessoas dizem sempre após cada tirada, e que

pronunciavam arrastadamente, de maneira tão exasperante. Quando me cruzei com ele na álea, esse ja wohl, não sei porquê, saltou-me bruscamente à memória e isso irritou-me... Além do mais, já é a terceira vez que a baronesa, ao encontrar-me, marcha direita a mim como se eu fosse um bicho de conta que se pode esmagar. Há-de concordar que tenho direito a ter o meu amor-próprio. Tirei o chapéu e, polidamente (asseguro-lhe que fui polido), disse-lhe: Madame, j'ai l'honneur d'être votre esclave.

Quando o barão se voltou e gritou: "Hein?", tive vontade de lhe gritar por minha vez: Ja wohl! E disse-o duas vezes. A primeira de maneira habitual, a segunda arrastando as palavras o mais possível. E foi tudo.

Confesso que esta explicação me deixava encantado, esta explicação em tudo digna dum garoto. Eu morria de desejo de tecer muitas considerações sobre esta história, da maneira mais absurda.

E quanto mais a coisa avançava, mais gosto eu sentia nisso.

— Parece-me que está a fazer pouco de mim — gritou o general.

Voltou-se para o marquês e explicou-lhe em francês que decididamente eu estava a tentar provocar um incidente. Des Grieux teve um sorriso de desprezo e encolheu os ombros.

— Oh! Não julgue semelhante coisa, de modo algum — gritei. — O meu acto foi desastrado, reconheço-o sinceramente. Pode dizer-se que é um absurdo, que é uma infantilidade indecente e estúpida, mas... mais nada. E fique sabendo, general, que estou muito arrependido. Mas há uma circunstância que a meus olhos me dispensa quase de me arrepender. Nestes últimos tempos, há quinze dias, há três semanas talvez, não me sinto bem: estou doente, nervoso, irritável, caprichoso e, em certos momentos, perco inteiramente o domínio de mim mesmo. É verdade, várias vezes me aconteceu sentir uma terrível tentação de me dirigir bruscamente ao marquês Des Grieux e de... De resto, é inútil concluir: talvez ele se ofendesse.

Numa palavra, tudo isso são sintomas de doença. Não sei se a baronesa Wurmerhelm tomará esta circunstância em consideração quando eu lhe apresentar desculpas (porque tenho a intenção de lhe apresentar desculpas). Penso que não, tanto mais que, segundo julgo, se começou a abusar desta circunstância nos últimos tempos, no meio jurídico: os advogados, nos processos-crime, dedicam-se a justificar os clientes pretendendo fazer supor que eles estavam inconscientes no momento do crime e isso por doença. Ele bateu, dizem os advogados, e não se recorda de mais nada. Imagine, general, que a medicina faz coro com os advogados... Sustenta a todo o transe que existe uma doença desse género, uma loucura momentânea, durante a qual o homem não se lembra de nada ou só se lembra vagamente. Mas o barão e a baronesa são pessoas da velha geração. Além disso, são Junkers (1) prussianos. Esta evolução que sofreu a medicina legal não lhes deve ser ainda conhecida, portanto não aceitariam as minhas explicações. Que acha, general?

— Basta, senhor — disse bruscamente o general com indignação mal contida —, basta! Vou tentar, de uma vez para sempre, pôr-me a coberto das suas garotices. Não tem que apresentar desculpas ao barão ou à baronesa. Qualquer contacto consigo, mesmo que fosse só para lhes pedir desculpa, seria para eles

muito vexatório. O barão, quando soube que o senhor fazia parte dos meus acompanhantes, teve comigo uma explicação no cassino e, devo confessá-lo, pouco faltou para que me pedisse satisfações. Mede bem aquilo a que me expôs, caro senhor? Tive de apresentar desculpas ao barão e dar-lhe a minha palavra de honra de que, a partir de hoje mesmo, deixaria o senhor de fazer parte da minha casa...

— Desculpe, desculpe, general. Foi ele quem exigiu que eu deixasse de fazer parte da sua casa, segundo a sua própria expressão?

— Não, mas senti-me obrigado a conceder-lhe esta reparação, e, naturalmente, o barão mostrou-se muito satisfeito com ela. Vamos separar-nos, meu caro senhor. Tem a receber quatro fredericos e três florins. Aqui está o seu dinheiro e a correspondente conta: pode verificá-la.

\*1. Em alemão, descendente de nobres.

Adeus. Daqui em diante somos estranhos um para o outro. Só mereci da sua parte aborrecimentos e complicações. Vou chamar o criado e dizer-lhe que a partir de amanhã deixo de ser responsável pelas suas despesas no hotel. Às suas ordens. Peguei no dinheiro, no papel onde as contas tinham sido feitas a lápis, cumprimentei o general e disse-lhe muito seriamente:

— General, isto não pode acabar assim. Sinto-me desolado por o senhor ter ouvido desagradáveis observações por parte do barão, mas, desculpe-me, foi por culpa sua. Por que tomou o senhor o encargo de me substituir na resposta ao barão? Que significa a expressão eu pertenço à sua casa...? Eu sou preceptor dos seus filhos, nada mais. Não sou nem seu filho nem estou sob a sua tutela e não tem que responder pelos meus actos. Eu tenho por mim mesmo uma personalidade jurídica.

Tenho vinte e cinco anos, sou bacharel formado pela Universidade, sou nobre, sou-lhe perfeitamente estranho. Só o infinito respeito que nutro pelos seus méritos me impede de lhe exigir uma reparação por se ter arrogado o direito de responder no meu lugar.

O general ficou de tal modo estupefacto que caiu das nuvens. Depois, bruscamente, voltou-se para o francês e explicou-lhe em poucas palavras que eu acabara de quase o provocar para um duelo. O francês desatou a rir às gargalhadas.

— Mas não considero o barão quite só por isso — voltei a dizer com inteiro sangue-frio, sem me deixar absolutamente perturbar pela hilaridade de M. Des Grieux — e visto que, ao consentir hoje em ouvir as queixas do barão e ao entrar nos seus interesses, se imiscui de certo modo neste assunto, tenho a honra de o informar, general, que amanhã, nem mais um dia depois, exigirei do barão, em meu nome, uma explicação formal das razões que o levaram, sendo o caso comigo, a ignorar-me e a dirigir-se a um terceiro, como se eu fosse incapaz ou indigno de responder pelos meus actos.

O que eu previra aconteceu. O general foi invadido pelo medo ao ouvir este novo absurdo.

— Não me diga que tem o intuito de levar por diante esta maldita questão!  
— gritou. — Vai meter-me em bons lençóis. Ah! Meu Deus! Não faça isso, não faça isso, meu caro senhor, senão dou-lhe a minha palavra que... Aqui também há autoridades, e eu... eu... tive respeito pela minha própria condição... e o barão também... mas... o senhor será preso e expulso pela Polícia para nos poupar ao escândalo! Garanto-lhe que isso acontece!

Se bem que a cólera o dominasse, percebia-se que estava com um medo horrível.

— General — respondi com uma calma exasperante —, não se pode prender ninguém por escândalo antes de o escândalo ser cometido. Eu ainda não tive uma explicação com o barão e o senhor ignora ainda totalmente sob que aspecto e em que bases tenciono abordar o assunto. Só desejo dissipar a suposição injuriosa para mim, de que me encontro sob a tutela de uma pessoa qualificada para fazer pressão no meu livre-arbítrio.

Está a alarmar-se e a inquietar-se inutilmente.

— Pelos céus, pelos céus, Alexis Ivanovitch, abandone esse projecto absurdo! — balbuciou o general que, bruscamente, substituiu a altivez do seu ar por um tom suplicante e chegou mesmo a pegar-me nas mãos. — Vejamos, já pensou no que resultaria disso? Novos contratos! Repare que eu devo manter aqui um comportamento especial, sobretudo agora!... Sobretudo agora! O senhor não conhece inteiramente a situação! Estou pronto a admiti-lo outra vez ao meu serviço quando sairmos daqui. Hoje é simplesmente por uma questão formal, enfim, resumindo... compreende com certeza as razões que me levam a isso! — exclamou o general com desespero. — Aléxis Ivanovitch, Alexis Ivanovitch!

Ao retirar-me, pedi-lhe mais uma vez, instantemente, que não se inquietasse, prometi-lhe que tudo correria bem e apressei-me a sair do quarto.

Quando no estrangeiro, os russos são por vezes exageradamente poltrões. Têm um medo terrível do que vão dizer deles, do modo como vão olhá-los, e temem não respeitar as conveniências! Numa palavra, dir-se-ia que trazem um colete-de-forças, sobretudo os que pretendem passar por importantes. Empenham-se em adoptar servilmente, nos hotéis, durante um passeio, nas reuniões, em viagem, uma forma pré-concebida e estabelecida de uma vez para sempre... Mas o general deixara entender que certas circunstâncias o obrigavam a manter um comportamento especial. Por isso ele ficou bruscamente com medo e mudou de tom em relação a mim. Não deixei de tomar nota do facto. Ele era bastante tolo e podia chamar as autoridades: eu tinha de agir com prudência. I, De resto, não era de meu interesse aborrecer o general.

Paulina, sim, gostaria eu de ter irritado. Ela tratara-me tão cruelmente e lançara-me num caminho tão absurdo que desejava levá-la a que me pedisse, a que fosse ela mesma a pedir-me, que eu não persistisse nessa atitude. As minhas infantilidades podiam, por fim, comprometê-la também.

Além disso, sensações, desejos novos nasciam em mim: se, por exemplo, eu me aniquilasse voluntariamente diante dela, isso não significaria de modo algum que eu fosse um galispo perante os outros, e não caberia com certeza ao barão dar-me bengaladas. O que queria era divertir-me à custa de toda essa gente e sair do divertimento com todas as honras.

Iam ver quem eu era. Nada a temer! Ela vai ter medo do escândalo e há-de chamar-me. E mesmo que ela não me chame, acabará por perceber que não sou um galarote...

Uma notícia espantosa: acabo de saber pela criada que toma conta das crianças e que encontrei na escada, que Maria Filipovna partiu hoje sozinha para Carlsbad, pelo comboio da noite, a visitar a prima. Que quererá isso dizer? A criada afirma que Maria Filipovna tinha esse projecto há muito tempo.

Como é que ninguém sabia de nada? Se calhar, era só eu quem o ignorava. A criada deixou-me perceber que Maria Filipovna tivera uma violenta briga com o general anteontem. Compreendi perfeitamente. Foi com certeza... Mademoiselle Blanche. Sim, está a preparar-se algo de decisivo.

## Capítulo VII

Esta manhã, chamei o criado e pedi-lhe que me tirasse a conta à parte. O meu quarto não era tão caro que me levasse a ter medo e a deixar definitivamente o hotel. Eu tinha dezasseis fredericos, e lá em baixo... lá em baixo, quem sabe, a fortuna! Coisa estranha, ainda não ganhei, mas procedo, sinto, penso como se fosse um homem rico e não posso ver-me doutra maneira.

Formava o projecto, apesar da hora matinal, de ir imediatamente ter com Mr. Astley, ao Hotel de Inglaterra, mesmo ao lado do nosso, quando Des Grioux entrou subitamente no meu quarto. Isso nunca acontecera e, além do mais, nesses últimos tempos, mantive com esse senhor relações extremamente distantes e extremamente tensas. Não só ele não ocultava o desdém que sentia por mim, como fazia todos os esforços para o demonstrar abertamente. E eu... tinha as minhas razões para não gostar dele. Numa palavra, odiava-o. A sua chegada espantava-me muito. Percebi imediatamente que qualquer coisa muito singular estava a passar-se.

Mostrou-se muito amável e declarou-se encantado com o meu quarto. Ao ver que eu tinha o chapéu na mão, admirou-se que eu fosse passear tão cedo. Quando lhe disse que ia ver Mr. Astley para tratar de negócios, ficou um momento a reflectir e o seu rosto ganhou uma expressão muito preocupada.

Des Grioux era como todos os franceses, quero dizer, afável e alegre quando era preciso e quando isso lhe era de utilidade, e insuportavelmente desagradável quando a necessidade de ser afável e alegre desaparecia.

É raro que um francês seja amável logo de princípio. Dir-se-ia que é amável por ordem de alguém, por cálculo. Se, por exemplo, ele vê a necessidade de ser, ao contrário do que é costume, fantasista, original, a fantasia mais absurda e mais artificial reveste nele formas de antemão admitidas e há muito tempo classificadas como banalidades. No estado natural, o francês alimenta-se do positivismo mais burguês, mais mesquinho, mais baixo. É, em resumo, o ser mais aborrecido que há no mundo. É minha opinião que só as jovens e sobretudo as jovens russas podem ser vítimas do charme, dos franceses, qualquer homem normal percebe imediatamente e ganha aversão a essa repetição em série de

formas fixas, de uma vez para sempre, da amabilidade de salão, da desenvoltura e da alegre complacência.

— Venho vê-lo para tratar de uma questão — começou com grande à-vontade mas polidamente. — Não lhe oculto que o procuro da parte do general, na qualidade de embaixador ou, melhor, medianeiro. Como sei muito mal o russo, quase nada compreendi ontem. Mas o general explicou-me tudo em pormenor, e confesso que...

— Ouça, senhor Des Grieux — interrompi-o eu —, será que também neste assunto o senhor desempenha o papel de medianeiro? Sou evidentemente um preceptor e nunca quis a honra de ser um amigo da casa nem de manter relações de grande intimidade, por isso há circunstâncias que ignoro, mas explique-me uma coisa: será que o senhor faz agora parte integrante da família? Porque, enfim, o senhor dedica a tudo tal interesse, apresenta-se sempre como medianeiro...

A minha pergunta desagradou-lhe. Era demasiado transparente e ele não queria trair-se.

— Estou ligado ao general, em parte por negócios, em parte por certas circunstâncias especiais — disse-me secamente. — O general encarregou-me de lhe pedir que renunciasse aos seus intuitos de ontem. Tudo o que imaginou é, realmente, muito espiritual, mas ele pede-me que lhe faça notar que não chegará a conseguir nada; mais ainda... o barão não o vai receber com certeza, e o que é verdade é que dispõe de todos os meios para evitar aborrecimentos que ulteriormente possam vir-lhe da sua pessoa. Concorde comigo. E para quê teimar, diga-me? O general promete readmiti-lo ao seu serviço logo que as circunstâncias o permitam e pagar-lhe até essa altura os salários, vos appointements. Proposta bastante vantajosa, não acha?

Repliquei-lhe com toda a calma que se enganava um pouco, que talvez o barão não me expulsasse mas, pelo contrário, me ouvisse; pedi-lhe que confessasse que viera ter comigo para saber exactamente quais eram as minhas intenções actuais.

— Meu Deus, pois se o general se interessa de tal modo pelo assunto, é-lhe com certeza agradável saber o que projecta fazer o senhor. É perfeitamente natural!

Pus-me a dar explicações; ouvia-me, enterrado na cadeira, a cabeça levemente inclinada para o meu lado, uma certa ironia não dissimulada nos olhos. Em suma, tratava-me com bastante altivez. Esforcei-me o melhor que me foi possível por fingir que considerava o assunto com toda a seriedade. Expliquei-lhe que o barão, ao queixar-se de mim ao general, como se eu fosse criado dele, conseguira: primeiro, fazer-me perder o lugar; segundo, tratar-me como um indivíduo incapaz de responder pelos seus actos, a quem nem sequer se dirige uma palavra. Eu sentia-me, pois, justamente ofendido; no entanto, levando em conta a diferença de idades, a situação social, etc., etc. (foi-me difícil conter o riso nesta passagem), não tinha a intenção de tomar a iniciativa de um novo despropósito, quero dizer, de exigir francamente do barão, ou mesmo só oferecer-lhe uma reparação. Fosse como fosse, eu achava que tinha todo o direito de apresentar (e sobretudo à baronesa) as minhas desculpas, tanto mais que,

realmente, nos últimos tempos, me sentia mal, deprimido, e, por assim dizer, de humor caprichoso, etc., etc. Contudo, o próprio barão, ao fazer essa diligência tão injuriosa para mim e ao insistir com o general para que me despedisse, colocara-me numa tal situação que me era doravante impossível apresentar-lhe as minhas desculpas e à baronesa, porque ele, a baronesa e toda a gente pensariam sem dúvida que eu ia apresentar-lhe desculpas movido pelo medo e para reaver o emprego. Resultava de tudo isso que eu me sentia agora obrigado a pedir ao barão que me apresentasse primeiro as suas desculpas, nos termos mais moderados, dizendo, por exemplo, que de modo algum quisera ofender-me, e quando o barão satisfizesse o meu pedido, então, já de mãos livres, eu apresentar-lhe-ia as minhas sinceras desculpas do fundo do coração. Resumindo, concluí eu, tudo o que peço é que o barão me solte as mãos.

— Ih! Que susceptibilidade e que requinte! E para quê pedir desculpas? Vá, confesse, monsieur... monsieur... que engendrou toda esta intriga só com o objectivo de indispor o general... talvez até com intenções pessoais... Mon cher monsieur... pardon, j'ai oublié votre nom, monsieur Alexis, n'est-ce pas?

— Mas, dê-me licença, mon cher marquês, que tem o senhor a ver com isto?

— Mais le général...

— Como pode isto atingir o general? Ele disse-me ontem que era obrigado a ter um comportamento especial... disse-mo com ar bastante inquieto... mas garanto-lhe que não compreendi absolutamente nada.

— Ora é aqui precisamente que surge uma circunstância particular — replicou Des Grieux com ar implorativo mas que deixava perceber um crescente despeito.

— Vous connaissez Mademoiselle de Cominges?

— Quer dizer Mademoiselle Blanche?

— Sim, sim, Mademoiselle Blanche de Cominges... e madame as mère. Há-de concordar que o general... numa palavra, o general está apaixonado e mesmo... mesmo... o casamento deve realizar-se aqui. Imagine, numa ocasião destas, os escândalos, as histórias...

— Não vejo que haja escândalo ou histórias que possam relacionar-se com esse casamento.

— Mais le baron est si irascible, un caractère prussien, vous savez, enfin il fera une querelle d'Allemand.

— Não há-de ser comigo, e consigo também não, visto que já não faço parte da casa. (Estava a tentar parecer tão estúpido quanto fosse possível.) Mas, desculpe, está então decidido, Mademoiselle Blanche casa com o general? Então por que esperam eles, isto é, por que se escondem de nós?

— Não posso... De resto, não está ainda absolutamente... Entretanto... o senhor sabe que esperam notícias da Rússia; o general tem uma série de assuntos pessoais a resolver...

— Ah, ah! La baboulinka!

Des Grieux lançou-me um olhar furioso.

— Numa palavra — interrompeu-me —, conto firmemente com a sua inata delicadeza, com o seu espírito, com o seu tacto... Não deixará de agir assim em

atenção a esta família que o recebeu como um parente, que o acarinhou, que lhe demonstrou consideração...

— Desculpe, mas despediram-me! Diz-me agora que é pelas aparências, mas há-de concordar que se lhe dissessem: É claro, não quero puxar-te as orelhas, mas dá-me licença para as puxar por causa das aparências..., é ou não é a mesma coisa?

— Se quer que seja assim, se nenhum rogo pode demovê-lo — começou ele com tom arrogante —, permita-me que lhe assegure que se hão-de tomar medidas. Aqui há autoridades, o senhor será expulso hoje mesmo... que diable! Un blanc-bec comme vous a querer provocar para duelo uma pessoa tão importante como o barão! E julga que o vão deixar agir tranquilamente! Fique certo de que aqui ninguém tem medo de si! Se lhe fiz este pedido, foi mais por minha iniciativa, porque o senhor deixou o general apreensivo. Como pode o senhor acreditar que o barão não o mande expulsar muito simplesmente por um laçao?

— Mas, não vou ter com ele pessoalmente — respondi, perfeitamente calmo. — Engana-se, Monsieur Des Grioux, tudo se passará de maneira muito mais decente do que imagina. Olhe, vou imediatamente ter com Mr. Astley para lhe pedir que seja meu intermediário, em conclusão, que seja o meu second. Esse homem demonstra afeição por mim; não vai com certeza recusar-se. Procurará o barão e o barão recebê-lo-á. Se sou um preceptor e tenho a aparência de um subalterne, de um ser sem defesa, Mr. Astley, pelo seu lado, é sobrinho dum lorde, dum verdadeiro lorde, toda a gente o sabe, de lorde Peabroke, e esse lorde está aqui. Fique tranquilo, o barão usará de muita polidez para com Mr. Astley e ouvi-lo-á. E se não o ouvir, Mr. Astley tomará isso como ofensa pessoal (o senhor sabe como os ingleses são obstinados); mandará um dos seus amigos ter com o barão, e conta com bons amigos. Já pode ver que o desenlace será talvez diverso daquele que imagina.

O francês ficou positivamente espavorido; de facto, tudo estava muito próximo da verdade, e assim eu parecia realmente em condições de provocar um escândalo.

— Peço-lhe — voltou a dizer em tom suplicante —, abandone todos esses projectos! Dir-se-ia que lhe dá prazer provocar um escândalo! Não é uma reparação que pede, mas um escândalo! Eu disse-lhe que tudo isso seria divertido e mesmo espiritual e que talvez atingisse o seu objectivo, mas... resumindo — terminou ele ao ver que eu me levantava e pegava no chapéu —, vim trazer-lhe duas palavras duma pessoa... leia... pediram-me que esperasse pela resposta.

E logo tirou da algibeira e estendeu-me um bilhete dobrado e fechado.

A mão de Paulina escrevera nele:

Parece que tem a intenção de dar sequência a toda esta história. Está irritado e começa a fazer infantilidades. Mas há circunstâncias especiais, que um dia talvez lhe explique; peço-lhe por tudo que não prossiga e seja razoável. Que estupidez tudo isto! Preciso de si e você prometeu-me que me obedecia. Não esqueça o Schlangenbergl. Peço-lhe que seja dócil e, se for preciso, ordeno-lhe que seja dócil.

Sua, Paulina.

P.S. — Se está zangado comigo pelo que se passou ontem, perdoe-me.

Tudo começou a dançar-me diante dos olhos quando li estas linhas. Os meus lábios descoraram e entrei num tremor contínuo. O maldito francês fingia um ar discreto e olhava para outro lado como para não ver a minha perturbação. Teria preferido que se risse na minha cara.

— Muito bem — exclamei —, diga a mademoiselle que esteja tranquila. Deixe-me no entanto que lhe pergunte — continuei bruscamente —, por que esperou tanto para me entregar esse bilhete? Em vez de dizer asneiras, deveria ter começado por me entregar o bilhete, parece-me... no caso de ter vindo expressamente para se livrar desse encargo...

— Oh! Eu queria... em suma, é tudo tão estranho que espero desculpe a minha natural impaciência. Desejava saber pessoalmente, o mais depressa possível, quais eram as suas intenções. Ignoro, de resto, o que está escrito no bilhete e pensava que a todo o tempo podia entregá-lo.

— Percebo muito bem, disseram-lhe simplesmente que não me entregasse o bilhete senão em último extremo e que não o utilizasse se pudesse arranjar as coisas de viva voz. Foi isso, não? Diga-me francamente, Monsieur Des Grieux.

— Peut-être — disse ele fingindo extrema reserva e encarando-me com expressão bizarra.

Peguei no chapéu; fez-me um sinal com a cabeça e saiu. Julguei perceber nos seus lábios um sorriso mordaz. Como não havia de ser assim?

— Ainda temos contas a ajustar, meu galarote, havemos de medir forças — resmungava eu descendo as escadas. Não me sentia ainda capaz de coordenar ideias, parecia-me que tinha apanhado uma mocada. O ar fresco fez-me bem.

Dois minutos mais tarde, logo que comecei a poder pensar, duas ideias se me apresentaram com toda a nitidez: a primeira era que um divertimento pueril, meia dúzia de ameaças inverosímeis lançadas ontem ao ar por um garoto, tinham provocado um alarme universal! A segunda era: que influência terá este francês sobre Paulina? Uma palavra dele... e ela faz tudo o que lhe é necessário, escreve um bilhete, chega ao ponto de me pedir. Evidentemente, as relações de um com outro sempre foram para mim um enigma, desde que os conheci; mas no entanto, nos últimos dias notei nela verdadeira repulsa, mesmo desprezo por ele; quanto ao francês, nem sequer a olhava e mostrava-se as mais das vezes bastante grosseiro com ela.

De tudo isso me apercebi. A própria Paulina me confessara a sua repulsa, deixara escapar afirmações extremamente significativas... Logo, ele tem-na nas mãos, comprometida no seu jogo...

## Capítulo VIII

No passeio, como se diz aqui, isto é, na álea dos castanheiros, encontrei o meu inglês.

— Oh! Oh! — exclamou ele ao avistar-me —, vem ter comigo e eu vou ter consigo! Então deixou os seus amigos?

— Diga-me, primeiro, como é que está ao corrente de tudo — perguntei-lhe, admirado. — Então toda a gente já sabe?

— Oh! Não! Nem toda a gente, não vale a pena, ninguém fala disso.

— Se assim é, como o sabe?

— Sei-o, ou antes, tive ocasião de ser informado. Para onde vai agora? Sou seu amigo e é a razão por que ia falar consigo.

— O senhor é um homem como poucos, Mr. Astley — disse-lhe (eu estava espantado: como teria sido informado?). — E como ainda não tomei café e o senhor almoçou mal com certeza, vamos ao cassino: contar-lhe-ei tudo e... também terá qualquer coisa para me contar.

O café distava cem passos. Atenderam-nos, instalámo-nos confortavelmente, acendi um cigarro. Mr. Astley não fumava e, de olhos postos em mim, preparou-se para me ouvir.

— Não vou para parte nenhuma, fico aqui — comecei.

— Estava convencido de que ficaria — disse Mr. Astley com ar aprovador.

Ao procurar Mr. Astley, não tinha a mínima intenção de lhe falar do meu amor por Paulina. Queria mesmo evitar este assunto.

Nos últimos dias, não lhe dissera palavra a esse respeito. De resto, ele era muito tímido. Percebi logo que Paulina o impressionava bastante, mas nunca o ouvi pronunciar o nome dela. Coisa estranha, mal se sentou e fixou em mim o olhar calmo e insistente, veio-me a tentação, Deus sabe porquê, de lhe contar tudo, quero dizer, de lhe dar conta de todo o meu amor com todos os matizes. Falei durante meia hora e isso fez-me bastante bem; era a primeira vez que me abria com alguém a tal respeito! Ao verificar que se perturbava com as passagens mais vivas, aumentei intencionalmente o ardor da minha narração. De uma coisa me arrependo: falei talvez de mais do francês...

Mr. Astley ouvia-me, sentado diante de mim, imóvel, sem dizer palavra ou emitir um som, de olhos fitos nos meus; mas logo que aludi ao francês fez-me parar bruscamente e perguntou-me severamente se eu tinha o direito de mencionar essa circunstância accidental. Mr. Astley tem sempre um modo muito estranho de abordar as questões.

— Tem razão; receio que não — respondi.

— Sobre o marquês e Miss Paulina não poderá dizer algo de preciso, fora de simples suposições?

— Não, nada de preciso, é claro — respondi.

— Se assim é, fez mal não só em falar-me nisso, como até em pensá-lo.

— Bom, bom! Concordo; mas não é disso que se trata agora — atalhei, muito admirado no meu foro íntimo. Conte-lhe, então, com todos os pormenores, a história da véspera, a extravagância de Paulina, a minha aventura com o barão, o despedimento que me atingira, a extraordinária velhacaria do

general e, finalmente, relatei-lhe miudamente a visita de Des Grieux, mostrando-lhe, para terminar, o bilhete.

— Que conclui disto? — perguntei. — Ia ter consigo precisamente para saber a sua opinião.

Por mim, mataria de bom grado esse galarote francês e talvez o faça.

— Eu também — disse Mr. Astley. — No que respeita a Miss Paulina... sabe que entramos mesmo em relações com pessoas que detestamos se a necessidade a isso nos leva. Pode haver ligações que ignora, dependendo de circunstâncias acessórias. Acho que pode estar tranquilo... em parte, é claro. Quanto à atitude que ela teve ontem, é evidentemente estranha, não porque tenha querido desembaraçar-se de si pondo-o em risco de apanhar bengaladas do barão (de resto não compreendo por que não utilizou ele a bengala, se a trazia), mas porque um despropósito tal é indecente para... uma mulher tão notável. Evidentemente, ela não poderia adivinhar que o senhor ia executar à letra esse malicioso capricho...

— Sabe? — exclamei subitamente, olhando com atenção Mr. Astley. — Tenho a impressão de que o senhor já ouviu falar de tudo isto, e sabe por quem?... por Miss Paulina em pessoa!

Mr. Astley olhou-me muito admirado.

— Os seus olhos cintilam e leio neles a suspeita — retorquiu o inglês, recuperando imediatamente a calma. — O senhor não tem o direito de revelar as suas suspeitas. Não posso reconhecer-lhe esse direito e recuso-me formalmente a responder à sua pergunta.

— Bem, passemos adiante! De resto, é inútil! — exclamei, singularmente agitado e não compreendendo por que isso me viera ao espírito. E quando, onde, como teria Mr. Astley sido escolhido por Paulina para confidente? Nos últimos tempos, de resto, eu perdera bastante de vista Mr. Astley; quanto a Paulina, sempre foi para mim um enigma; a tal ponto que agora, por exemplo, decidido a contar a Mr. Astley toda a história do meu amor, fui surpreendido, no momento de iniciar o relato, pela impossibilidade de dizer algo de preciso e positivo sobre as minhas relações com ela.

Bem pelo contrário, tudo era fantástico, estranho, inconsistente e inverosímil.

— Muito bem, muito bem; perdi o fio à meada e ainda há muitas coisas em que não posso pensar — respondi quase ofegante. — De resto, o senhor é um homem a valer. Passemos a outro assunto: vou pedir-lhe não um conselho mas a sua opinião.

Calei-me por momentos e depois continuei:

— Que lhe parece o facto de o general ter tido tanto medo? Por que fizeram eles um drama da minha ridícula garotice? A tal ponto que o próprio Des Grieux julgou indispensável intervir pessoalmente (e ele só intervém nas circunstâncias mais graves); veio ter comigo (veio, sim!), rogou-me, dirigiu-me súplicas, ele, Des Grieux! Enfim, não deixe de o notar, veio um pouco antes das nove e o bilhete de Miss Paulina já lhe estava confiado. Quando teria sido escrito? É uma pergunta que se pode fazer? Será que acordaram Miss Paulina de propósito? Além da conclusão que tiro de que Miss Paulina é dele escrava (visto que me

pede perdão a mim!), além disso, que faz ela em tudo isto, ela, pessoalmente? Por que tiveram eles medo do primeiro barão que lhes apareceu? E que adianta ou atrasa que o general case com Mademoiselle Blanche de Cominges? Eles afirmam que é preciso ter um comportamento especial, por causa dessa circunstância, mas é demasiado especial, há-de concordar! Que pensa disto? Vejo pela sua expressão que também aqui o senhor sabe mais do que eu.

Mr. Astley sorriu e sacudiu a cabeça.

— Sim, acho realmente que, sobre este aspecto também, sei muito mais que o senhor — disse-me ele. — A questão só diz respeito a Mademoiselle Blanche e é minha convicção que aí reside a inteira verdade.

— Mas que vem fazer em tudo isto Mademoiselle Blanche? — exclamei impaciente (eu tinha subitamente esperado descobrir qualquer coisa sobre Mademoiselle Paulina).

— Julgo que Mademoiselle Blanche tem neste momento especial interesse em evitar de qualquer modo um encontro com o barão e a baronesa; ainda com mais razão um encontro desagradável e, o que é pior, escandaloso.

— Oh! Oh!

— Mademoiselle Blanche já esteve aqui em Roletemburgo, há dois anos, durante a saison. Também me encontrava aqui nessa altura. Ela não se chamava então Mademoiselle de Cominges, nem a mãe, madame veuve Cominges, existia ainda. Pelo menos não se falava nela. Des Grioux também cá não estava. Desconfio de que não só eles não são parentes, como também de que não se conhecem senão há muito pouco tempo. Des Grioux é marquês de fresca data, uma circunstância há que me dá essa certeza. Pode até supor-se que só há pouco dá pelo nome de Des Grioux. Conheço alguém aqui que já o encontrou usando outro nome.

— No entanto, ele possui realmente um círculo de sólidas relações.

— Sim, pode ser que sim. Mademoiselle Blanche também pode ter boas relações. Mas há dois anos, Mademoiselle Blanche, por queixa desta mesma baronesa, foi convidada pela Polícia a deixar a cidade, o que fez.— Como assim?

— Ela apareceu aqui primeiro na companhia dum italiano, um príncipe de nome histórico, Barberini ou qualquer coisa do género, um homem coberto de anéis e de diamantes verdadeiros. Passeavam num carro mirífico. Mademoiselle jogava ao trinte et quarante; primeiro ganhou, depois a sorte mudou, se a memória não me traiçoa. Lembro-me de que uma noite ela perdeu uma soma fabulosa. Mas o pior foi que un beau matin o seu príncipe desapareceu não se sabe para onde; os cavalos, o trem, tudo desapareceu. Ela devia somas enormes no hotel. Mademoiselle Zelma (de Barberini, transformara-se bruscamente em Mademoiselle Zelma), estava no auge do desespero. Soluçava, gritava por todo o hotel e em estado de fúria rasgava o vestido. Havia nessa altura no hotel um conde polaco (todos os polacos, quando viajam, são condes), e Mademoiselle Zelma, rasgando as vestes e arranhando a cara como uma gata com as suas lindas, brancas e perfumadas mãos, causou nele uma certa impressão. Tiveram uma longa conversa e ao jantar ela já estava consolada. À noite apareceu pelo braço dele no cassino. Mademoiselle Zelma ria muito alto, conforme era seu hábito, e mostrava um pouco mais de liberalidade nas maneiras. Enfileirou

imediatamente nessa categoria de mulheres frequentadoras da roleta que, ao abrirem caminho para a mesa, afastam à cotovelada um jogador para arranjar lugar. É uma especialidade das senhoras daqui. Não notou isso, não?

— Oh! Sim!

— Isso nem merece atenção. Para desagrado do público decente, suportam aqui, pelo menos acho que trocam diariamente notas de mil francos. Mas logo que deixam de trocar notas de mil francos, pedem-lhes que se vão embora.

Mademoiselle Zelma continuou a trocá-las, mas foi ainda mais infeliz ao jogo. Repare que não é raro que tais senhoras tenham sorte ao jogo; dispõem de um extraordinário domínio sobre si mesmas. De resto, a minha história está a acabar. Um dia, o conde desapareceu, tal como o príncipe. Mademoiselle Zelma foi jogar sozinha à noite. Ninguém dessa vez se apresentou para lhe oferecer o braço. Em dois dias perdeu tudo o que possuía. Quando jogou e perdeu a última moeda de ouro, olhou em volta e reparou que ao seu lado estava o barão Wurmerhelm que a olhava atentamente e com ar de profunda indignação. Mas Mademoiselle Zelma não percebeu a indignação e, dirigindo-se ao barão com um sorriso inequívoco, pediu-lhe que pusesse por ela dez luíses de ouro no vermelho.

Ocorrido isto, a uma queixa da baronesa ela foi convidada a não mais aparecer no cassino. Se se admira de eu conhecer tantos pormenores mesquinhos perfeitamente inconvenientes, fique sabendo que os obtive de Mr. Fieder, meu parente, que, na mesma noite, levou Mademoiselle Zelma na sua caleche para Spa. Compreenda agora: Mademoiselle Blanche quer tornar-se generala, sem dúvida, para não mais receber de futuro semelhantes convites. Já não joga, mas isso porque tem agora, segundo todos os indícios, um capital que empresta a juros aos jogadores daqui. É muito mais prudente.

Suspeito mesmo que o desgraçado general faz parte do número dos seus devedores. Talvez também Des Grioux lhe deva dinheiro. A não ser que seja seu associado. Tem de perceber agora que, pelo menos até ao casamento, ela não quer atrair sobre a sua pessoa a atenção do barão e da baronesa. Numa palavra, é um escândalo que pode prejudicá-la muito, na situação em que se encontra. O senhor está ligado a eles e os seus actos podem provocar um escândalo, tanto mais que ela mostra-se diariamente em público pelo braço do general ou de Miss Paulina. Percebeu agora?

— Não, não percebi! — gritei batendo tão violentamente na mesa que o criado correu espavorido. — Diga-me, Mr. Astley — continuei, num transporte de fúria —, se é verdade que conhecia já toda essa história e sabia, assim, perfeitamente, quem era Mademoiselle Blanche de Cominges, como é possível que não nos tenha avisado, a mim, ao general, e, sobretudo, a Miss Paulina que se mostra aqui no cassino, em público, de braço dado com Mademoiselle Blanche? Como é possível?

— Eu não podia avisá-los, porque nada podiam fazer — respondeu tranquilamente Mr. Astley. — E de resto, avisá-los contra quem?

O general sabe provavelmente muito mais do que eu sobre Mademoiselle Blanche e isso não o impede de passear com ela e com Miss Paulina. O general é um homem desafortunado. Vi ontem Mademoiselle Blanche galopar num magnífico cavalo em companhia de Des Grioux e desse príncipezinho russo, e o

general seguia-os num alazão. De manhã, queixara-se de dores nas pernas, e no entanto mostrava-se agora muito direito na sela.

Nesse momento preciso, veio-me bruscamente à ideia que ele era um homem definitivamente perdido; de resto, nada disto me diz respeito e só há pouco tempo tive a honra de conhecer Miss Paulina. Além do mais — continuou Mr. Astley —, já lhe disse que não posso reconhecer-lhe o direito de me fazer certas perguntas, apesar de ter por si uma sincera amizade.

— Basta — disse eu levantando-me. — Agora vejo claramente que também Miss Paulina sabe com o que pode contar em relação a Mademoiselle Blanche, mas que não pode separar-se do seu francês e é por isso que passeia com ela. Acredito que nenhuma outra influência a forçaria a passear com Mademoiselle Blanche e a suplicar-me num bilhete que não tocasse no barão. É aqui precisamente que intervém a tal influência diante da qual tudo se inclina! E a verdade é que foi ela quem me empurrou para o barão! Diacho, é de quebrar a cabeça!

— Está a esquecer, primeiro, que essa Mademoiselle de Cominges é noiva do general e, segundo, que Miss Paulina, enteada do general, tem um irmão e uma irmã mais novos, filhos do general, completamente abandonados por esse insensato e sem dúvida arruinados.

— Sim, sim, é exacto, deixar os filhos equivale a abandoná-los completamente; ficar, é defender os interesses deles e talvez salvar algumas migalhas da fortuna. Sim, sim, tudo isso é verdade, mas contudo, contudo! Oh! Compreendo porque todos se interessam tanto agora pela avó!

— Por quem? — perguntou Mr. Astley.

— Por essa velha bruxa de Moscovo que não se decide a morrer; eles esperam o telegrama que comunique a sua morte.

— Evidentemente, o interesse está todo concentrado nela. Tudo depende da herança. Garantida a herança, o general casa-se; Miss Paulina fica também com o pulso livre e Des Grieux...

— Des Grieux, o quê?

— Des Grieux será reembolsado; é tudo o que ele espera.

— Acha que é tudo o que ele espera?

— Nada mais sei — disse Mr. Astley que se fechou num silêncio teimoso.

— Pois sei eu, sei! — repeti furibundo. — Ele espera também a herança, porque Paulina receberá um dote e, mal o receba, saltar-lhe-á ao pescoço. As mulheres são todas iguais! As mais altivas tornam-se escravas dos mais vis! Paulina só pode amar apaixonadamente, eis a verdade! Esta é a minha convicção! Observe-a, principalmente quando está sentada, só e pensativa: parece predestinada, condenada, amaldiçoada, votada a todos os horrores da vida e da paixão!... Ela... ela... Mas quem está a chamar-me? — exclamei subitamente. — Quem está a gritar? Eu ouvi gritar em russo: Alexis Ivanovitch! É uma voz de mulher! Ouça, ouça!

Aproximámo-nos, nesse momento, do nosso hotel. Há muito que tínhamos deixado o café, quase sem nos apercebermos.

— Ouvi uma mulher gritar, mas não sei por quem chamava ela; falava russo. Agora, sim, percebo de onde veio a voz — disse Mr. Astley estendendo o

braço. — É essa mulher, sentada numa grande cadeira e que todos os criados acabam de transportar para o terraço. Atrás dela vêm muitas malas, quer dizer que acaba de chegar.

— Mas por que está a chamar-me? Está a gritar de novo: veja, faz-me sinais.

— Estou a ver — disse Mr. Astley.

— Alexis Ivanovitch! Alexis Ivanovitch! Oh, meu Deus, que imbecil! — Tais exclamações, pronunciadas em voz cortante, chegavam-nos do terraço do hotel.

Corremos quase até à escada. Subi os degraus... deixei cair os braços, de tão surpreendido, e os pés ficaram-me como que presos ao chão.

## Capítulo IX

No patamar superior da larga escadaria para onde tinham transportado a sua cadeira, cercada de criados, de criadas e do inumerável pessoal obsequioso do hotel, na presença do próprio maitre de hotel, que viera ao encontro dessa distinta visitante que desembarcava de maneira tão ruidosa, com gente e um grande número de malas e de baús, reinava... a avó sim, era bem ela, a terrível e rica Antonina Vassilievna Tarassevitch, de 75 anos de idade, proprietária e grande senhora de Moscovo, a baboulinka, objecto de todas essas idas e vindas de telegramas, moribunda e sempre viva, e que, bruscamente, surgia entre nós, em pessoa, sem dizer água vai. Privada do uso das pernas, era transportada numa cadeira, como sempre acontecia já há cinco anos, mas mostrava-se, como era seu hábito, bem alerta, agressiva, satisfeita com a sua própria pessoa, muito direita, falando alto e gritando com voz de comando, ralhando com toda a gente. Em resumo, exactamente igual ao que era nas duas vezes que tive a honra de a ver, na época em que entrei como preceptor para casa do general. Era natural que ficasse diante dela petrificado de surpresa.

Vira-me a cem passos com os seus olhos de lince, enquanto a faziam subir a escada, sentada na cadeira, reconhecera-me e chamara-me pelo nome e pelo apelido que gravou de uma vez para sempre como habitualmente. E é uma mulher destas que eles esperavam ver no túmulo e com a herança da qual contavam?, pensei eu comigo mesmo. Mas ela é que nos vai enterrar a todos, incluindo a gente do hotel! Meu Deus, que vai acontecer aos outros, que vai fazer agora o general? A velha revolverá tudo!

— Então, meu caro, porque é que ficas aí a revirar os olhos? — gritava a avó. — Não sabes cumprimentar, dar os bons-dias, não? Ou é o orgulho que te impede? Ou será que já não me conheces? Estás a ver, Potapytch? — disse voltando-se para um velhinho de cabelos brancos, de fato e gravata brancos, de calva rósea, seu mordomo, que a acompanhava na viagem. — Estás a ver, não nos conhece! Eles já me tinham enterrado! Mandavam telegrama sobre telegrama: Ela já morreu? Não morreu ainda?, Sim, porque eu sei tudo! E como vês, ainda tenho sangue na guelra!

— Perdão, Antonina Vassilievna, por que havia eu de querer-lhe mal? — respondi alegremente, mal recobrei o domínio de mim mesmo... — Só fiquei surpreendido... E como não ficar surpreendido: foi tão inesperado.

— De que te admiras? Subi para o comboio e vim por aí fora. Viaja-se muito bem, não há solavancos. Foste passear?

— Sim, dei uma volta pelo cassino.

— Está-se bem aqui — disse a avó olhando em volta. — Está calor e as árvores são magníficas. Exactamente como eu gosto! Os nossos estão em casa? O general?

— Sim, a estas horas todos devem estar em casa.

— Ah! Também aqui acertam os relógios, dão-se ares. Têm um carro, se é verdade o que me disseram, les seigneurs russes! Esbanjada a fortuna, fogem para o estrangeiro! Prascóvia também está com eles?

— Paulina Alexandrovna está aqui também.

— E o francesito? Mas vou vê-los em pessoa. Aléxis Ivanovitch, leva-me ao general. E tu, sentes-te bem aqui?

— Razoavelmente, Antonina Vassilievna.

— Tu, Potapytch, diz a esse pasmado criado que me dêem um apartamento confortável, agradável, no primeiro andar, e que levem para lá imediatamente as bagagens.

Mas por que se precipitam todos para me levar? Para quê tanta pressa? Que servilismo! Quem está contigo? — perguntou-me voltando-se mais uma vez para mim.

— É Mr. Astley — respondi.

— Que Mr. Astley?

— Um viajante, um bom amigo; ele também conhece o general.

— Um inglês. Por isso é que me olha fixamente sem descerrar os dentes. De resto, gosto dos ingleses. Vá, levem-me para cima, levem-me já para o apartamento deles. Onde é que se instalaram?

Transportou-se a avó: eu fui à frente e subi a larga escadaria do hotel. O nosso cortejo causou sensação. Todos os que encontrávamos paravam e olhavam-nos de olhos muito abertos. O nosso hotel passa por ser o mais belo, o mais caro e o mais aristocrático da cidade. Na escada, nos corredores, cruzámo-nos sempre com belas mulheres e imponentes ingleses.

Muitos foram informar-se lá abaixo, ao maitre de hotel que, por seu lado, estava muito impressionado. Respondia simplesmente a quem lhe fazia perguntas, que era uma estrangeira de distinção, une russe, une comtesse, grande dame, e que ia ocupar o apartamento que oito dias antes ocupara la grande duchesse de N... O ar imperioso e dominador da avó sentada na cadeira fazia grande efeito. Sempre que nos cruzávamos com alguém, ela olhava com curiosidade e fazia-me em voz alta perguntas sobre toda a gente. A avó tinha um temperamento forte e, embora nunca deixasse a cadeira, via-se que era de grande estatura. Mantinha-se sempre direita como um I e nunca se encostava à cadeira. Levantava a larga cabeça de cabelos brancos, de traços grossos mas acentuados; olhava para tudo com um ar altivo e até provocador; percebia-se que o seu olhar e os seus gestos eram absolutamente naturais. Apesar dos 75 anos, o rosto

apresentava-se bastante fresco e os dentes não pareciam muito estragados. Trazia um vestido de seda negra e um gorro branco.

— Ela interessa-me muitíssimo — murmurou-me Mr. Astley, que subia a meu lado.

A avó está ao corrente dos telegramas — pensei —, conhece Des Grioux mas parece desconhecer ainda Mademoiselle Blanche.

Dei logo parte destas reflexões a Mr. Astley Para vergonha minha, confesso que logo que a surpresa passou me senti muito contente pela partida que nesse preciso momento íamos fazer ao general. Tal sentimento estimulava-me e eu caminhava à frente, bastante eufórico.

Os nossos haviam reservado compartimentos no terceiro andar; sem prevenir nem sequer bater, abri a porta e a avó fez uma entrada triunfal. Estavam todos, como se fosse expressamente, reunidos no gabinete do general. Era meio-dia e projectavam, parecia, uma excursão em comum, uns de caleche, outros a cavalo; também havia convidados. Além do general, de Paulina, das crianças e da criada, encontravam-se no gabinete: Des Grioux, Mademoiselle Blanche, de novo vestida de amazona, a mãe, madame veuve Cominges, o príncipezinho e um sábio alemão que eu já vira com eles.

Empurrou-se a cadeira da avó para o meio da sala, a três passos do general. Meu Deus, nunca esquecerei essa impressionante cena! Quando da nossa entrada, o general contava qualquer coisa e Des Grioux secundava-o. Note-se que Mademoiselle Blanche e Des Grioux há dois ou três dias se mostravam muito diligentes para com o príncipezinho, à la barbe du pauvre général, e a companhia adoptara um tom talvez fictício mas cordial e íntimo. Ao ver a avó, o general ficou de boca aberta e parou a meio duma palavra. Olhava para ela, de olhos fora das órbitas, como fascinado por uma serpente.

A avó também o contemplava sem dizer palavra, imóvel, mas com um olhar triunfante, provocante e severo! Ficaram assim a observar-se por uns dez segundos no meio do geral silêncio.

Des Grioux ficou, primeiro, como que estupidificado, mas depressa uma extrema inquietação se revelou no seu rosto. Mademoiselle Blanche franzia as sobrancelhas, a boca entreaberta, e encarava a avó com ar estúpido. O príncipe e o sábio contemplavam a cena muito intrigados. No olhar de Paulina percebia-se um espanto e uma perplexidade extremos, depois, repentinamente, ficou branca como linho; momentos volvidos, o sangue subiu-lhe ao rosto e avermelhou-lhe as faces... Sim, era um desastre para toda a gente! Eu não deixava de olhar ora a avó ora para os assistentes. Mr. Astley, como era seu hábito, mantinha-se à parte, digno e calmo.

— Pois muito bem, aqui estou eu! Venho em substituição do telegrama! — disse finalmente a avó quebrando o silêncio. — Não me esperavam, não é verdade?

— Antonina Vassilievna... minha boa tia... por que acaso... — balbuciou o desgraçado general. Se a avó se tivesse mantido em silêncio mais tempo, talvez ele caísse com um ataque.

— Como? Por que acaso? Subi para o comboio e a caminho! Para que servem os caminhos-de-ferro? Julgavam talvez que eu ia sair de casa de pés para

a frente e deixar-vos a herança, não? Sim, porque eu sei que tu mandaste telegramas. Devem ter-te custado caro. Daqui, não sai muito barato. Mas enchi-me de coragem, e aqui estou. É o francês, não é?, Monsieur Des Grieux, creio?

— Oui, madame — ripostou Des Grieux —, et croyez que je suis si enchanté... votre santé... c'est un miracle... vous voir ici... une surprise charmante...

— Sim, charmante não há dúvida que é; como eu te conheço, farsante, não acredito em ti nem isto (e mostrou-lhe o dedo mínimo).

Quem é esta? — continuou a avó apontando para Mademoiselle Blanche. A francesa, que dava nas vistas, vestida de amazona, de chicote na mão, surpreendera-a visivelmente. É daqui?

— É Mademoiselle Blanche de Cominges, e esta é sua mãe, Madame de Cominges; vieram para este hotel — expliquei.

— É casada? — perguntou a velha sem mais cerimónias.

— Não, não é — respondi o mais respeitosamente que pude, baixando intencionalmente a voz.

— É alegre?

Não compreendi a pergunta.

— Estar com ela é aborrecido? Sabe russo? Em Moscovo, Des Grieux engrolava algumas palavras.

Expliquei-lhe que Mademoiselle de Cominges nunca fora à Rússia.

— Bonjour — disse a avó bruscamente, dirigindo-se sem mais preâmbulos a Mademoiselle Blanche.

— Bonjour, madame — respondeu Mademoiselle Blanche, mergulhando numa reverência cerimoniosa e estudada, deixando entrever, sob a capa de uma extrema polidez, pela expressão do rosto e de toda a pessoa, o espanto que sentia perante uma pergunta e uma conduta tão estranhas.

— Oh! Baixa os olhos, faz momices: já vejo com que pássaro tenho de haver-me: actriz ou qualquer coisa do género. Vim para este hotel, alojei-me lá em baixo — disse a velha senhora voltando-se bruscamente para o general. — Vamos ser vizinhos. Estás contente ou não?

— Oh! E a tia, creia nos meus sinceros sentimentos... de satisfação — replicou o general. Já se recompusera um pouco, e como sabia encontrar no momento próprio os termos graves que se harmonizam com certa pretensão de efeito, pôs-se a perorar.

— Ficámos tão alarmados, tão em sobressalto com as notícias da indisposição de que foi vítima... Recebíamos telegramas tão desesperados, e de repente...

— Mentos, mentos — interrompeu-o imediatamente a avó.

— Mas como — interrompeu-a por sua vez o general, levantando a voz e fingindo não ter ouvido —, como se resolveu a emprender uma viagem destas? Tem de concordar que na sua idade e no seu estado de saúde... pelo menos, tudo isto é tão inesperado que o nosso espanto é compreensível. Mas sinto-me tão contente... vamos todos fazer o possível (aqui, ele começou a sorrir com uma expressão de enternecido júbilo) por tornar a sua estadia o mais agradável que puder ser...

— Vá, basta, essa conversa é inútil; como é teu hábito não dizes senão petas; sei muito bem como hei-de ocupar o meu tempo. Aliás, não tenho nada contra vocês, não sou rancorosa. Perguntas-me como me decidi a fazer a viagem? Mas da maneira mais simples. Por que se espantam tanto? Bom dia, Prascóvia (1), que fazes por aqui?

— Bom dia, avó — disse Paulina, aproximando-se. — Começou a viagem há muito tempo?

— Aqui está, pelo menos, uma pergunta inteligente, em vez de todos esses oh!, e ah! Pois muito bem, vou contar-te: estive uma eternidade de cama, a tratar-me; então, despachei todos os médicos e mandei chamar o sacristão de São Nicolau. Ele já curou uma mulher da mesma doença com pó de feno. Também a mim conseguiu melhorar-me: dois dias depois, transpirei por todos os poros e levantei-me. Então, os meus alemães reuniram-se outra vez, puseram as lunetas e deliberaram: Se for agora fazer uma cura de águas ao estrangeiro, disseram-me, a obstrução desaparecerá completamente."Por que não?" pensei eu. Os Dur-Zajigine gritaram: "É uma loucura ir para tão longe!"

\*1. Atribuía-se frequentemente aos jovens russos de educação francesa e inglesa nomes franceses ou ingleses que lembravam os seus nomes. Aqui Prascóvia torna-se Paulina.

Ora, ora! Em vinte e quatro horas, a bagagem estava pronta, e, na semana passada, peguei numa criada de quarto e em Potapytch, depois em Fiodor, que acabei por mandar para Berlim, porque vi que não precisava dele e que podia muito bem viajar sozinha... Reservei um compartimento especial; há carregadores em todas as estações que por vinte copeques nos levam onde queremos. Vocês têm um belo apartamento! — concluiu a velha senhora, olhando à sua volta. — Onde vais buscar dinheiro, meu caro? Se não me engano hipotecaste tudo: só aqui ao francezito, deves os olhos da cara! Sei tudo, desculpa, mas sei tudo!

— Minha tia — começou o general no auge da confusão —, surpreende-me que... parece-me que posso, sem controlo de ninguém... de resto, as minhas despesas não ultrapassam as minhas possibilidades monetárias e aqui, nós...

— Não ultrapassam as tuas possibilidades, isso é que é audácia! A verdade é que privaste os teus filhos das últimas migalhas, tu, que és o tutor!

— Depois disso, depois dessas palavras... — disse o general indignado... —, não sei se...

— Não sabes o quê? Imagino que não deixas a roleta! Estás nas últimas!

O general ficou tão aterrado que por pouco sufocava sob o império da emoção.

— A roleta, eu? Um homem da minha categoria!... Caia em si, minha tia, ainda não está completamente restabelecida...

— Tudo isso não passa de mentira! Aposto que não te conseguem arrancar da roleta! Tu não fazes senão loucuras! Ainda hoje hei-de ir ver o que é a roleta. Prascóvia, hás-de dizer-me o que há aqui para ver. Alexis Ivanovitch

acompanhar-me-á; tu, Potapytch, toma nota dos sítios que se devem ir visitar. Que se pode ver aqui? — voltou ela a perguntar dirigindo-se a Paulina.

— Nos arredores, há um castelo em ruínas, e também o Schlangenberg.

— Que é o Schlangenberg? Uma floresta?

— Não, é um monte; lá longe há uma pointe...

— Que pointe?

— A parte mais elevada do monte. Fizeram lá um miradouro. A vista é incomparável.

— Será preciso levar a minha cadeira até lá acima? Será possível?

— Oh, é fácil arranjar carregadores — respondi.

A certa altura, Fédossia, a criada, veio cumprimentar a avó; trazia-lhe os filhos do general.

— Ah! Nada de beijos! Não gosto de beijar as crianças, são todas ranhosas. Como te sentes aqui, Fédossia?

— Aqui está-se muito bem, minha boa senhora — respondeu Fédossia. — E a senhora, como vai agora a minha querida senhora? Grande cuidado nos causou!

— Sei muito bem; tu, pelo menos, és uma alma simples. Todos estes são vossos convidados? — disse a velha dirigindo-se novamente a Paulina. — Quem é este magricela de óculos?

— É o príncipe Nilski, avó — disse-lhe Paulina em voz baixa.

— Ah, um russo? E eu que pensava que ele não estava a perceber! Talvez não tenha ouvido! Já vi Mr. Astley. Mas aqui está ele outra vez — exclamou a avó ao avistá-lo. — Bom dia! — disse-lhe ela à queima-roupa.

Mr. Astley inclinou-se sem dizer palavra.

— Então, não me diz nada de agradável? Diga qualquer coisa! Traduz-lhe o que acabo de dizer, Paulina.

Paulina traduziu.

— Direi que estou a contemplá-la com grande prazer e que me sinto feliz de a encontrar de boa saúde — respondeu Mr. Astley em tom sério mas com extrema solicitude.

Traduziram estas palavras à avó e elas agradaram-lhe visivelmente.

— Como estes ingleses têm sempre resposta para tudo! — disse. — Não sei porquê, mas gostei sempre dos ingleses; não se comparam com os franceses! Venha visitar-me — disse ainda a Mr. Astley. — Procurarei não o aborrecer muito. Traduz-lhe o que acabo de dizer e informa-o de que habito aqui, no primeiro andar. No primeiro andar, compreende? Lá em baixo — repetiu ela a Mr. Astley apontando para o chão com o dedo.

Mr. Astley ficou encantado com o convite.

A velha senhora envolveu Paulina dos pés à cabeça num olhar atento e satisfeito.

— Quero-te muito, Prascóvia — disse-lhe de repente. — És boa rapariga, a melhor de todas, mas tens um destes feitios!... De resto, também eu... Volta-te um pouco; isso que trazes são cabelos postiços?

— Não, avó, são os meus.

— Felizmente! Acho horrível essa estúpida moda. És muito bonita. Se fosse homem ficava apaixonado por ti. Por que não te casas? Mas já é tempo de me ir embora. Apetece-me passear, depois de tanto tempo passado no comboio... Então, continuas aborrecido? — perguntou ela ao general.

— Por Deus, minha tia, não prossiga! — respondeu o general, já calmo. — Compreendo muito bem, na sua idade...

— *Cette vieille est tombée en enfance* — murmurou-me Des Grieux.

— Quero ver tudo o que há aqui. Emprestas-me Aléxis Ivanovitch? — perguntou a avó ao general.

— Oh! Pelo tempo que quiser, mas eu... e Paulina, o senhor Des Grieux, gostaríamos de a acompanhar.

— Mais, madame, cela sera un plaisir... — insinuou Des Grieux com um sorriso cativante.

— Hum, um prazer! Dás-me vontade de rir, meu caro. Claro que não te darei dinheiro — disse ela de repente, dirigindo-se ao general. — Levem-me para o meu apartamento: vou dar-lhe uma vista de olhos, depois visitaremos tudo. Carreguem-me.

Carregou-se de novo a avó e descemos a escadaria em procissão atrás da sua cadeira. O general caminhava como que atordoado por uma cacetada. Des Grieux parecia reflectir. Mademoiselle Blanche primeiro quis ficar, depois julgou preferível vir connosco. O príncipe vinha logo atrás; só o alemão e Madame Cominges ficaram no apartamento do general.

## Capítulo X

Nas termas, e verosimilmente também em toda a Europa, os gerentes e maitres de hotel, quando reservam alojamento para um cliente, inspiram-se menos nas suas exigências ou desejos do que na opinião que formam dele; e forçoso é reconhecer que raramente se enganam. Mas deram à avó, Deus sabe porquê, alojamento tão faustoso que desta vez passaram os limites: quatro divisões magnificamente mobiladas, com quarto de banho, dependências para os criados, quarto separado para a camareira, etc., etc. Uma grande-duchesse ocupara efectivamente o alojamento até oito dias antes e houve pressa, é claro, de comunicar o facto aos novos ocupantes, para valorizar ainda mais o preço da habitação. Transportou-se, ou melhor, fez-se rodar a avó por todos os quartos e ela submeteu-os a severo e atento exame. O maitre, homem de certa idade, de crânio calvo, acompanhou-a cortesmente durante essa volta de proprietária.

Não sei por quem tomavam eles a avó. Sem dúvida por pessoa de grande distinção e, principalmente, rica. No registo, inscreveram imediatamente: Madame la générale, princesse de Tarassevitcheva, apesar de a avó nunca ter sido princesa. Os criados, o compartimento reservado, o monte de inúteis embrulhos, de malas e de arcas que haviam sido desembarcados juntamente com a velha senhora serviram sem dúvida de pedestal ao seu prestígio. E a cadeira, o ar cortante e a voz da avó, as impertinentes perguntas que fazia com total

desenvoltura e sem admitir a mais pequena réplica, em resumo, toda a sua personalidade, direita, brusca, autoritária, acabaram por granjear-lhe veneração universal. Enquanto passava o alojamento em revista, a velha senhora fazia parar bruscamente a cadeira, apontava para qualquer peça do mobiliário e fazia perguntas inesperadas ao maitre, que sorria respeitosamente mas começava já a tremer. Interrogava-o em francês, língua que falava bastante mal, de modo que eu tinha de estar quase sempre a traduzir. As respostas do maitre de hotel desagradavam-lhe quase todas e pareciam-lhe insuficientes. De resto, ela fazia perguntas destituídas de sentido e inspiradas pela mais alta fantasia. Por exemplo, parava bruscamente diante de um quadro, cópia bastante fraca de um original célebre, de tema mitológico.

— É o retrato de quem?

O maitre explicou que era possivelmente de uma condessa.

— O quê! Não sabes? Vives aqui e não sabes! Por que está este quadro aqui? Será possível que ela entorte os olhos?

A todas estas perguntas não pôde o maitre responder de modo satisfatório e acabou mesmo por ficar aturdido.

— Que imbecil! — declarou a avó em russo.

Levaram-na mais para diante. O mesmo incidente se reproduziu com uma estatueta de Saxe que a velha contemplou longamente e mandou em seguida retirar, sem que se saiba porquê. Enfim, ela afogou o maitre com perguntas: quanto custaram os tapetes do quarto da cama, onde se fabricavam. O maitre prometeu informar-se.

— Que asnos! — resmungou a velha, e concentrou toda a sua atenção na cama.

— Aqui está um magnífico baldaquino! Desfaçam-no.

Desfez-se a cama.

— Mais, mais, desfaçam tudo. Tirem os travesseiros, as fronhas, o édredon.

A roupa da cama ficou na maior confusão. A avó examinou tudo atentamente.

— Felizmente que não há percevejos. Levem a roupa. Põem-se os meus lençóis e os meus travesseiros. De resto, tudo isto é luxuoso demais. Para que preciso eu, na minha idade, de um alojamento assim? Morre-se de tédio sozinha. Alexis Ivanovitch, vem ver-me amiudadas vezes, quando acabares de dar as lições às crianças.

— Deixei de estar, a partir de ontem, ao serviço do general, e vivo no hotel à minha custa.

— E porquê?

— Chegou há dias de Berlim, com a mulher, um alemão de marca, um barão. Ontem, durante o passeio, dirigi-lhe a palavra em alemão, sem observar a pronúncia berlinense.

— E então?

— Tomou isso como impertinência e queixou-se ao general.

Este despediu-me imediatamente.

— Mas quê, insultaste esse barão? Mesmo que o tivesses feito, não havia grande mal nisso!

— Oh, não! Pelo contrário, ele é que levantou a bengala contra mim.

— E tu, rapazola, deixaste que o barão tratasse assim o preceptor dos teus filhos? — disse bruscamente a velha ao general. — E ainda por cima o despediste! Vocês todos não passam duns maricas, pelo que vejo.

— Não se amofine, tia — respondeu o general com uma pontinha de altiva familiaridade —, sei muito bem tratar dos assuntos que me dizem respeito. Alexis Ivanovitch, ainda por cima, não lhe fez um relato inteiramente exacto do que se passou.

— E como pudeste tu aguentar tudo? — perguntou-me ela.

— Eu queria provocar o barão para um duelo — respondi com a maior modéstia e a maior calma —, mas o general opôs-se.

— Porquê? — volveu a avó. — Tu, meu caro, vai-te embora; voltarás quando te chamarem — disse ela ao maitre. — Não suporto esta carantonha de Nuremberga!

O homem inclinou-se e saiu, sem compreender, é claro, o cumprimento da avó.

— Desculpe, minha tia, mas são possíveis os duelos? — respondeu o general soltando um risinho.

— E por que não? Os homens não passam de pequenos galos. Batiam-se, e pronto! Franganotes, é o que sois, franganotes incapazes de defender a honra do vosso país. Vá, levem-me! Potapytch, dá ordens para que estejam sempre à minha disposição dois carregadores. Contrata-os e fixa as condições. Dois bastam. Só nas escadas é que preciso que me carreguem. Em terreno plano, na rua, fazem-me rodar, explica-lhes isso, e dá-lhes um adiantamento, serão mais solícitos. Tu vais ficar sempre ao pé de mim, e tu, Alexis Ivanovitch, hás-de mostrar-me, durante o passeio, esse barão: que eu veja, ao menos, quem vem a ser esse tal von Baron. Vamos, onde é que é a roleta?

Expliquei-lhe que as roletas estavam instaladas nas salas do cassino. Logo vieram as perguntas: Há muitas? Há muita gente a jogar? Joga-se durante todo o dia? Como é organizado o jogo? Respondi que o melhor era ver tudo isso com os próprios olhos e que era muito difícil fazer uma descrição assim.

— Muito bem, então levem-me lá imediatamente! Vai à frente, Alexis Ivanovitch!

— Então, minha tia, não descansa sequer um bocadinho? — perguntou o general com solicitude.

Parecia um pouco agitado. De resto, estavam todos embaraçados e trocavam olhadelas. Provavelmente sentiam-se perturbados e até envergonhados por acompanharem a avó ao cassino, onde ela daria curso, evidentemente, a algumas das suas excentricidades, e desta vez em público.

No entanto, ofereceram-se para a escoltar.

— Por que havia eu de descansar? Não estou cansada. Há cinco dias que não me mexo. Depois vamos ver as nascentes, as águas termais. E depois... essa... como foi que disseste, Prascóvia? Essa pointe, não é assim?

— Sim, avó.

— Voto na pointe. E que há mais aqui?

— Muitas coisas, avó — disse Paulina embaraçada.

— Bom, tu não sabes nada! Marta, vem também comigo — disse a velha à camareira.

— Por que quer levá-la, minha tia? — perguntou o general subitamente inquieto — É impossível. Duvido mesmo que deixem entrar Potapytch no cassino.

— Parvoíces! Então havia de ficar cá fora só porque é uma criada?! Ou não será filha de Deus, como qualquer? Há oito dias que andamos pelas estradas: também lhe apetece a ela ver qualquer coisa. Quem havia de levá-la senão eu? Não ousa sequer dar um passeio sozinha na rua.

— Mas, avó...

— Se calhar tens vergonha de vir comigo, não? Então fica em casa, que ninguém te pede nada. Um general, coisa de peso! Também eu sou generala. Além disso não preciso de arrastar comigo toda esta procissão! Vou ver tudo com Alexis Ivanovitch...

Mas Des Grioux insistiu para que todos fizessem parte da expedição e prodigalizou frases amáveis sobre o prazer de a acompanhar, etc. Puseram-se todos a caminho.

— Elle est tombée en enfance — repetiu Des Grioux ao general. Sozinha, fará asneiras...

Não ouvi mais nada, mas ele embalava com certeza qualquer projecto e talvez até lhe tivesse voltado a esperança.

O trajecto até ao cassino era aproximadamente de quinhentos metros. Seguimos pela álea dos castanheiros até ao jardim da praça, demos-lhe a volta e entrámos directamente no cassino. O general parecia um pouco mais sossegado, pois ao nosso cortejo, se bem que bastante excêntrico, não faltava dignidade. E nada havia de espantoso no facto de uma pessoa doente e fraca, privada do uso das pernas, vir às termas. Mas era visível que o general temia o cassino. Que ia fazer uma doente, e ainda por cima velha, à roleta? Paulina e Mademoiselle Blanche caminhavam uma de cada lado da cadeira de rodas. Mademoiselle Blanche ria, mostrava uma alegria discreta e, uma vez por outra, trocava comentários irónicos com a avó, a tal ponto que esta acabou por felicitá-la. Paulina, do outro lado, era obrigada a responder às inúmeras e incessantes perguntas da velha senhora, perguntas deste género: "Quem foi que passou agora por nós? Que mulher é essa que vai de carruagem? A cidade é grande? O jardim é vasto? Que árvores são estas? Como se chamam estas montanhas? Há águias por aqui? Que telhado mais estranho!"

Mr. Astley, que caminhava ao meu lado, disse-me em voz baixa que esperava muito dessa manhã. Potapytch e Marta vinham atrás, logo a seguir à cadeira: Potapytch de fato e gravata brancos, mas trazendo gorro, e Marta, mulher de quarenta anos, de bochechas vermelhas e cabelos já grisalhos, usava touca e vestido de indiana e calçava sapatos de pele de cabrito, que rangiam. A avó voltava-se frequentemente para eles para lhes dirigir a palavra. Des Grioux e o general haviam ficado um pouco mais para a retaguarda e conversavam com animação. O general estava muito abatido. Des Grioux falava com ar decidido. Talvez estivesse a tentar levantar o moral do companheiro. Era visível que lhe dava conselhos. Mas a avó já dissera a frase fatal: "Não te darei dinheiro."

Podia ser que esta novidade parecesse inverosímil a Des Grieux, mas o general conhecia muito bem a tia. Eu notara que Des Grieux e Mademoiselle Blanche continuavam a trocar piscadelas de olho. Vi o príncipe e o alemão no extremo da álea. Deixaram-nos seguir à frente e partiram noutra direcção.

Fizemos uma entrada triunfal no cassino. O porteiro e os criados mostraram solicitude idêntica à da criadagem do hotel. Olhavam-nos, todavia, com curiosidade. A avó ordenou, logo de início, que a levassem a dar uma volta por todas as salas. Ora louvava o que via ora se mostrava indiferente, mas de tudo se informava. Chegámos, por fim, às salas de jogo. O criado postado de sentinela junto à porta fechada, logo a abriu de par em par, como que fulminado pela surpresa.

O aparecimento da avó na roleta causou profunda impressão no público. Nas mesas da roleta e na outra extremidade da sala, onde se encontrava a mesa do trente et quarante, acotovelavam-se cerca de cento e cinquenta ou duzentos jogadores, formando várias filas. Os que haviam conseguido furar até junto da mesa aguentavam-se firmemente nas suas posições, como habitualmente, e não cediam o lugar senão quando perdiam todo o dinheiro, pois não é permitido ocupar tal posição como simples espectador e desfrutar gratuitamente do lugar de um jogador. Muito embora houvesse cadeiras em redor da mesa, poucos se sentavam nelas, sobretudo quando a multidão era compacta, porque ficando de pé ocupa-se menos espaço e está-se mais à vontade para fazer e distribuir as paradas. As pessoas da segunda e terceira filas amontoavam-se atrás das da primeira, à espera de vez, mas não raro, impacientes, enfiavam a mão por entre os jogadores para também apostarem. Na terceira fila igualmente se esforçavam por fazer chegar fichas até ao pano verde. Por isso, de dez em dez ou de cinco em cinco minutos havia contestação num dos extremos da mesa. A Polícia do cassino está de resto muito bem organizada.

Não podem, evidentemente, evitar a balbúrdia; pelo contrário, ficam contentes quando há afluência, porque ganham com isso; mas oito croupiers sentados à volta da mesa seguem atentamente as apostas; eles é que pagam, e se um diferendo surge eles é que o resolvem. Nos casos extremos, chama-se a Polícia e a questão é regulada instantaneamente. Os agentes trajam civilmente e estão espalhados pela sala, entre os espectadores, de modo que não se pode reconhecê-los. Vigiam de preferência os larápios e os escroques profissionais, que aparecem em grande número na roleta, onde é especialmente simples o exercício da sua indústria. Na verdade, em qualquer outro lado, é preciso revolver algibeiras ou fazer saltar fechaduras e, em caso de insucesso, esperam-vos fortíssimos aborrecimentos, ao passo que aqui basta chegar ao pé da roleta, começar a jogar e, súbita, ostensivamente, sob o nariz ou nas barbas de todos, fazer mão baixa do ganho de outrem e metê-lo na algibeira. Em caso de alteração, o ladrão proclama em alta e nítida voz que essa entrada é dele e de mais ninguém. Se o golpe é executado com habilidade e as testemunhas hesitam, o ladrão consegue, não raro, ficar com o dinheiro, quando, é claro, a quantia é pouco elevada, pois caso contrário já os croupiers ou um outro jogador a teriam notado. Se a quantia é pequena, o legítimo proprietário renuncia, por vezes, de

sua própria iniciativa, a continuar a disputa e retira-se, receoso do escândalo. Mas se se consegue desmascarar o ladrão, corre-se com ele sem mais contemplações.

A avó observou tudo isso de longe, com ávida curiosidade. Ficava encantada cada vez que expulsavam um ladrão. O trente et quarante pouco lhe espicava a curiosidade. A roleta é que lhe agradava, principalmente quando a esfera começava a girar.

Quis, finalmente, ver o jogo mais de perto. Não sei como isso se conseguiu, mas os criados e alguns indivíduos pressurosos (a maior parte das vezes polacos que se arruinaram ao jogo e impõem os seus empréstimos aos jogadores felizes e a todos os estrangeiros) arranjaram-lhe imediatamente lugar perto do centro da mesa, ao lado do croupier principal, e, apesar dos encontrões, empurraram até aí a cadeira. Um grande contingente de visitantes, que não jogavam mas se limitavam a observar (principalmente ingleses acompanhados das famílias), refluiu logo para a mesa para ver a avó. Os croupiers conceberam esperanças: uma jogadora tão excêntrica prometia realmente algo de extraordinário. Uma mulher de setenta anos, enferma, que desejava jogar... Eis uma circunstância pouco comum. Consegui também furar até à mesa e instalei-me ao lado da avó. Potapytch e Marta ficaram à parte, entre a multidão. O general, Paulina, Des Grieux e Mademoiselle Blanche juntaram-se aos espectadores.

A avó, primeiro, olhou os jogadores que a cercavam. Fazia-me, a meia-voz, rápidas perguntas: Quem é este? Quem é aquela? Mostrou-se sobretudo interessada por um jovem instalado no extremo da mesa e que jogava forte, apostava aos milhares de francos e ganhara já, murmuravam os vizinhos, quarenta mil francos, que se amontoavam à sua frente em moedas de ouro e em notas. Estava pálido, de olhos brilhantes e de mãos trémulas. Fazia as entradas sem contar, pegando no dinheiro aos punhados, e no entanto não deixava de ganhar e o ouro crescia diante dele. Os criados multiplicavam-se em cuidados, traziam-lhe uma cadeira, não deixavam que as pessoas se amontoassem sobre ele, para que se sentisse à vontade, e tudo isso, é claro, na esperança de uma rica gorjeta, pois jogadores há, dos felizes, que lhes dão uma mão-cheia de dinheiro que tiram do bolso e nem sequer contam. Ao lado do jovem instalara-se já um polaco, que não estava parado um momento e lhe falava continuamente ao ouvido, respeitosamente, sem dúvida para o aconselhar e lhe dirigir o jogo e, bem entendido, à espera de uma remuneração. Mas o jogador quase não lhe prestava atenção, fazia o jogo como calhava e continuava a amontoar. Era evidente que perdera a cabeça.

A avó esteve a observá-lo durante alguns minutos.

— Diz-lhe — pediu-me ela, subitamente preocupada e acotovelando-me —, diz-lhe que abandone o jogo, recolha já o dinheiro e se ponha a andar. Vai perder, vai perder tudo de um momento para o outro — volveu ela inquieta, quase ansiosa de tanta emoção. — Onde pára Potapytch? Mandem ir ter com ele Potapytch! Mas diz-lhe, então — tornava ela dando-me pequenos socos. — Onde se meteu Potapytch? Sortez! Sortez! — começou a velha a gritar para o jovem.

Inclinei-me e disse-lhe ao ouvido, mas firmemente, que não era permitido gritar assim naquele lugar, que era mesmo proibido falar, a não ser em voz baixa, porque de outro modo perturbavam-se os cálculos, e que iam obrigar-nos a sair.

— Que pena! Esse homem está perdido! Mas se calhar é porque ele próprio assim o quer... Não consigo olhá-lo, sinto-me como se estivesse do avesso. Que tolo!

E a avó virou-se logo para o outro lado.

Aí, à esquerda, via-se uma jovem senhora acompanhada por uma espécie de anão. Ignoro quem era aquele anão: seria um parente? Tê-lo-ia a senhora levado só para dar nas vistas? Eu havia notado já essa jovem senhora. Vinha todos os dias ao cassino à uma hora da tarde e retirava-se pontualmente às duas.

Não jogava mais do que uma hora por dia. Já a conheciam e puseram logo uma cadeira à sua disposição. Tirou do bolso algumas moedas de ouro e algumas notas de mil francos e começou a apostar paulatinamente, friamente, registrando os números numa folha de papel e esforçando-se por descobrir o sistema segundo o qual as possibilidades se agrupavam num momento dado.

Arriscava muito. Ganhava todos os dias mil, dois mil, três mil francos no máximo, não mais, e, mal os ganhava, retirava-se imediatamente. A avó observou-a um bom momento.

— Pois muito bem, aquela não há-de perder! Aquela não há-de perder! Quem é? Sabes?

— Uma francesa, provavelmente uma dessas senhoras... — murmurei eu.

— Ah, pelo voo se conhece o pássaro! Vê-se que tem garras afiadas. E agora explica-me o que significa cada volta e como é que se deve apostar.

Expliquei o melhor que pude à avó o sentido das inúmeras combinações de apostas: o rouge et noir, pair et impair, manque et passe e, por fim, os diversos matizes no sistema dos números. A velha senhora ouvia-me com atenção, fazia-me novas perguntas e ia-se instruindo. Era fácil dar-lhe um exemplo imediato de cada sistema de apostas, de modo que a lição era aprendida com facilidade. A avó ficou muito contente.

— E que significa zero? O croupier principal acaba de gritar zero,! Por que recolheu ele tudo o que estava na mesa? Ficou com todo esse montão! Que significa isto?

— Zero, avó, é o lucro da banca. Se a esfera calha no zero, tudo o que está na mesa, sem distinção, pertence à banca. Para ser mais exacto, é concedida mais uma volta para desforra, mas a banca não paga nada.

— Essa agora! Então não recebo nada!

— Não. Se apostou antes no zero e o zero sai, pagam-lhe trinta e cinco vezes a entrada que fez.

— O quê? Trinta e cinco vezes?! E sai com frequência? Porque é que estes imbecis não cobrem o zero?

— Porque há trinta e seis possibilidades contra, avó.

— Que absurdo! Potapytch! Potapytch! Espera, tenho dinheiro comigo... aqui está! — Tirou da algibeira uma bolsa pejada e extraiu dela um frederico.

— Pega, põe-no já a cobrir o zero.

— Avó, o zero saiu mesmo agora — disse-lhe eu —, portanto não voltará a sair senão daqui a muito tempo. Arrisca demasiado: espere um pouco.

— Não, estás a dizer tolices, põe onde te disse!

— Desculpe, mas muito provavelmente só voltará a sair à noite, mesmo que aposte mil vezes; já se viu isso muito.

— Tolices, tolices, quem tem medo compra um cão. Quê? Perdeste? Volta a pôr!

Perdemos assim o segundo frederico; pusemos um terceiro. A avó não estava quieta; acariciava com o olhar a esfera que saltava entre as casas do prato giratório. Perdemos o terceiro frederico. A avó estava fora de si! Não podia ficar tranquila e bateu com o punho na mesa quando o croupier anunciou trinta e seis em vez do zero esperado.

— Então! — exclamou a avó já furiosa —, esse maldito zero sai ou não? Que me enforcem se eu não jogar até o zero sair! A culpa é desse croupier, de cabelinho ondulado: com ele nunca sai! Alexis Ivanovitch, põe duas moedas de uma vez! Apostas tão pouco que se o zero sair não ganharemos nada.

— Avó!

— Joga, joga! O dinheiro não é teu.

Pus dois fredericos. A esfera rolou um bom bocado no prato e, finalmente, começou a saltar por cima das casas. A avó desfaleceu e apertou-me o braço e, de repente, zás!

— Zero! — proclamou o croupier.

— Vês, vês! — disse a avó voltando-se vivamente para mim. — Eu bem te disse, eu bem te disse! Foi Deus que me sugeriu que pusesse duas moedas de ouro! Quanto vou receber agora? Por que não me pagam? Potapytch, Marta, onde é que eles param? E os nossos, para onde foram? Potapytch, Potapytch!

— Imediatamente, avó — murmurei-lhe eu. — Potapytch está à porta, não o deixarão entrar aqui. Olhe, avó, estão a pagar-lhe, recolha o dinheiro!

Lançaram à avó um pesado rolo de cinquenta fredericos embrulhados em papel azul-escuro, e contaram-lhe ainda vinte fredericos não embrulhados. Puxei tudo para a frente da avó.

— Faites le jeu, messieurs! Faites le jeu, messieurs! — gritou o croupier convidando os jogadores a apostar e preparando-se para lançar a esfera.

— Meu Deus, estamos atrasados! Vão já começar! Joga joga! — disse a avó, agitada. — Depressa, não percas tempo — volveu ela completamente fora de si e dando-me fortes cotoveladas.

— Mas onde, avó?

— No zero! No zero! Sempre no zero,! Põe o mais que puderes! Quanto temos ao todo? Setenta fredericos? É inútil estar a poupar, põe vinte duma vez!

— Avó, seja razoável! Às vezes está duzentas vezes sem sair! Por Deus, vai cá deixar todo o seu dinheiro!

— Tolices, tolices, joga depressa! Olha que o martelo já está a bater! Sei muito bem o que faço — disse a avó a tremer nervosamente.

— O regulamento proíbe que se ponham mais de doze fredericos no zero. Pronto, já lá estão.

— Como assim? Isso é verdade? Moussié! Moussié! — disse ela empurrando com o cotovelo o croupier, que se sentava à sua esquerda e que se preparava para lançar a esfera: — Combien zéro? Douze?

Apressei-me a explicar-lhe a pergunta em francês.

— Oui, madame — respondeu polidamente o croupier —, assim como nenhuma aposta deve ultrapassar quatro mil florins; é o regulamento — ajuntou à guisa de esclarecimento.

— Bem, nada a fazer. Põe doze, então.

— Le jeu est fait! — gritou o croupier. O prato girou, e foi o treze que saiu. Tínhamos perdido!

— Outra vez! Outra vez! Joga outra vez! — gritou a avó.

Dessa vez não lhe opus mais resistência, encolhi os ombros e voltei a cobrir o zero, com doze fredericos. O prato girou longamente. A avó tremia seguindo-o com os olhos. Será que ela pensa realmente que o "zero" vai voltar a sair?, perguntei a mim mesmo olhando-a com espanto. No rosto brilhava-lhe a convicção absoluta de que ia ganhar, a esperança firme de ouvir nesse momento gritar: zero! A esfera saltou para uma casa.

— Zero! — gritou o croupier.

— E então?! — disse a avó voltando-se para mim com ar triunfante e agressivo.

Eu era um jogador: senti-o nesse preciso momento. Os braços e as pernas tremiam-me, as têmporas batiam-me. Evidentemente, era raro que numa dezena de lances o zero saísse três vezes, mas não havia nisso nada de particularmente espantoso. Eu próprio, na antevéspera, vira o "zero" sair três vezes seguidas e, nessa ocasião, um dos jogadores que assentara aplicadamente os lances num papel fizera notar em voz alta que, no dia anterior, esse mesmo zero, não saíra senão uma vez em vinte e quatro horas.

Entregaram o dinheiro à avó com a deferência e a atenção particulares devidas à pessoa que conseguira o maior ganho.

Ela recebeu exactamente quatrocentos e vinte fredericos, ou seja, quatro mil florins e vinte fredericos. Deram-lhe os vinte fredericos em moedas de ouro e os quatro mil florins em notas.

Mas, dessa vez, a avó já não chamou por Potapytch: tinha outros planos em mente! Já não parecia agitada nem tremia exteriormente. Mas tremia interiormente, se assim se pode dizer. Toda a atenção se lhe concentrava num ponto, como se ela estivesse a atirar ao alvo:

— Alexis Ivanovitch, ele disse que não se podia apostar mais de quatro mil florins de uma só vez, não foi? Olha, pega, põe esses quatro mil florins no vermelho — decidiu ela.

Era inútil procurar dissuadi-la. O prato começou a girar.

— Rouge! — proclamou o croupier.

Novo ganho de quatro mil florins, o que dava oito mil ao todo.

— Deixa-me quatro mil e volta a pôr o resto no vermelho — ordenou-me a avó.

Voltei a arriscar mais uma vez quatro mil florins.

— Rouge! — anunciou de novo o croupier.

— Doze, no total! Dá-me tudo. Guarda-me o ouro na bolsa e apanha as notas. É quanto basta! Vamos embora! Empurrem-me a cadeira.

## Capítulo XI

Fez-se rodar a cadeira para a porta, na outra extremidade da sala. A avó estava radiante. Os nossos formaram círculo em torno dela para a felicitar. Por excêntrica que tivesse sido a conduta da avó, o triunfo que alcançara fazia esquecer muita coisa e o general já não receava comprometer-se publicamente pelo seu parentesco com uma mulher tão original. Cumprimentou a avó com um sorriso condescendente e um ar familiar e divertido, como se faz com uma criança que se quer distrair.

De resto, estava visivelmente impressionado, como todos os outros espectadores. Comentava-se o caso, apontava-se para a avó. Muitos passavam-lhe ao lado para a verem mais de perto.

Mr. Astley falava dela, um pouco afastado, com dois dos seus amigos ingleses. Damas imponentes contemplavam-na com majestoso espanto, como se se tratasse de um fenómeno. Des Grieux multiplicava-se em felicitações e em sorrisos.

— Quelle victoire! — disse ele.

— Mais, madame, c'était du feu! — ajuntou Mademoiselle Blanche com um sedutor sorriso.

— Pois é, do pé para a mão ganhei doze mil florins! Que digo eu? Doze mil florins? E as moedas de ouro? Ao todo, ao todo são perto de treze mil. Quanto é que isto dá em rublos? Seis mil?

Expliquei-lhe que tal soma dava mais de sete, talvez mesmo oito, segundo a actual cotação.

— Oito mil, uma ninharia! Que estão aí a fazer pasmados? Potapytch, Marta, vocês viram?

— Minha boa senhora, como é que conseguiu? Oito mil rublos! — exclamava Marta, obsequiosa.

— Olhem, aqui têm cinco moedas de ouro para cada um, peguem!

— Potapytch e Marta precipitaram-se para lhe beijar as mãos.

— E dêem também um frederico a cada um dos carregadores. Dá uma moeda a cada um, Alexis Ivanovitch. Por que está este rapaz a fazer curvaturas, e também o outro? Para me felicitar? Dá-lhes também um frederico.

— Madame la princesse... un pauvre expatrié... malheur continuel... les princes russes sont si généreux... — suplicava junto da cadeira um sujeito de sobrecasaca já no fio, de colete pintalgado, que ostentava bigode e segurava o gorro enquanto sorria servilmente.

— Dá-lhe também um frederico. Não, dá-lhe dois. Pronto, basta! Senão nunca mais acabamos. Levantem-me, levem-me!

Prascóvia — disse ela a Paulina Alexandrovna —, amanhã compro-te um vestido, e à Mademoiselle... como é que ela se chama, Mademoiselle Blanche, não é?, dou-lhe também qualquer coisa para que compre um vestido. Traduz-lhe o que eu disse, Prascóvia!

— Merci, madame — disse Mademoiselle Blanche mergulhando numa reverência e esboçando um irónico sorriso na direcção de Des Grieux e do

general. Este parecia um pouco perturbado e experimentou grande alívio quando chegámos à álea.

— E Fédossia, Fédossia! Nem vai acreditar no que ouvir! — disse a avó pensando na criada que tomava conta das crianças. — Que se lhe dê também qualquer coisa para comprar um vestido. Eh, Alexis Ivanovitch, Alexis Ivanovitch, dá esmola a este mendigo!

Passava pelo caminho um miserável esfarrapado, de costas curvadas, que nos olhava.

— Se calhar não é um mendigo, mas um farsante, avó.

— Dá, dá! Dá-lhe um florim!

Aproximei-me e estendi-lhe a moeda. Olhou-me estupefacto, mas pegou na moeda sem dizer nada. Cheirava a vinho.

— E tu, Alexis Ivanovitch, ainda não tentaste a sorte?

— Ainda não, avó.

— Brilhavam-te os olhos, vi muito bem.

— Hei-de tentar com certeza, mas mais tarde.

— E não hesites, joga no zero! Hás-de ver! Quanto dinheiro tens?

— Vinte fredericos, avó.

— Não é muito. Empréstote cinquenta fredericos, se quiseres. Olha, pega nesse rolo... Quanto a ti, meu caro, não alimentes ilusões, não te darei nada! — disse ela bruscamente ao general.

Este pareceu perturbado, mas calou-se. Des Grieux franziu o sobrolho.

— Que diable, c'est une terrible vieille! — disse ele ao general por entre dentes.

— Um mendigo, um mendigo, outra vez um mendigo! — gritou a avó. — Alexis Ivanovitch, dá também um florim a esse homem.

Dessa vez vinha ao nosso encontro um velho de cabelos brancos, com uma perna de pau, vestido com uma espécie de manto azul-escuro e segurando um cajado na mão. Parecia um velho soldado. Mas mal lhe estendi o florim, deu um passo para trás e encarou-me ameaçadoramente.

— Was ists der Teufel (1) — gritou ele, fazendo acompanhar a exclamação de uma dúzia de insultos!

— Que imbecil! — exclamou a avó enquanto desenhava com a mão um gesto de desprezo. — Vamos embora! Estou morta de fome! Janto já, descanso um pouco e volto outra vez.

\*1. "Diabo! Que vem a ser isto?"

— Quer jogar ainda mais, avó? — perguntei eu, admirado.

— Que julgavas tu? Que eu ia ficar a olhar para vocês, a vê-los criar bolor?

— Mais, Madame! — disse Des Grieux aproximando-se —, les chances peuvent tourner, une seule mauvaise chance et vous perdrez tout, surtout avec votre jeu... c'était terrible!

— Vous perdrez absolument — murmurou Mademoiselle Blanche.

— E que vos importa a vocês? Não era o vosso dinheiro que eu perdia, era o meu! Mas onde pára Mr. Astley? — perguntou-me ela.

— Ficou no cassino, avó.

— Que pena! É tão bom rapaz!

De regresso a casa, a avó, cruzando-se com o maitre de hotel na escada, chamou-o e gabou-se do ganho que tivera. Depois chamou Fédossia, deu-lhe três fredericos e ordenou-lhe que servisse o jantar. Fédossia e Marta expandiram-se em exclamações durante o jantar.

— Fiquei a vê-la, minha querida senhora — gralhava Marta —, e disse a Potapytch: Que vai fazer a nossa patroa? E que quantidade de dinheiro na mesa! Santos do céu! Nunca vi tanto dinheiro junto na minha vida! E em volta só senhores, só senhores! De onde virão todos estes senhores, Potapytch? — disse eu. Não fazia senão pensar: Que a mãe de Deus a ajude! Rezei por si, minha boa senhora; sentia o coração falhar, parar, e tremia toda. Ajudai-a, Senhor! — roguei e o Senhor protegeu-a! Ainda tremo só de pensar nisso, tremo da cabeça aos pés!

— Alexis Ivanovitch, depois do jantar vai arranjar-te. Às quatro voltamos lá. Entretanto, adeus, e não te esqueças de me mandar um desses médicos, um desses sacripantas: também preciso de tomar as águas. Podias esquecer-te.

Deixei a avó meio aturdido. Tentava adivinhar o que ia acontecer com os nossos e que volta levariam os casos de cada um. Via claramente que nenhum deles se recompusera ainda da primeira impressão (sobretudo o general). O aparecimento da avó em vez do telegrama, esperado hora a hora, que devia anunciar a sua morte (e, conseqüentemente, a abertura da herança) destruíra tão completamente o castelo de projectos e de decisões que cada um havia erguido, que eles seguiam com verdadeira perplexidade e uma espécie de estupefacção as ultteriores proezas da velha senhora na roleta. E, no entanto, este último facto era talvez mais importante do que o primeiro porque, apesar de a avó ter declarado por duas vezes que não dava dinheiro ao general, quem sabe, talvez não fosse de perder ainda toda a esperança. Des Grioux, ligado aos assuntos do general, não estava disposto, com certeza, a renunciar.

Tinha a certeza de que Mademoiselle Blanche, também muito interessada (qualquer estaria por menos: generala, uma bela herança!), não perderia a coragem e empregaria todos os recursos da coquetterie para agir sobre o ânimo da avó, ao contrário da orgulhosa Paulina, que não sabia ceder nem tornar-se amável. Mas agora, agora que a avó realizara tais proezas à roleta, agora que a sua personalidade se afirmara perante eles tão nitidamente (velha senhora obstinada, autoritária e tombée en enfance), agora, talvez tudo estivesse perdido: pois ela sentia-se tão feliz como um estudante em férias e iria fatalmente deixar-se depenar ao jogo. "Meu Deus!", pensava (com alegria má, "Deus me perdoe!"), meu Deus!, cada frederico de ouro arriscado ainda há pouco pela avó trespassava o coração do general, fazia perder a cabeça a Des Grioux e deixava furiosa Mademoiselle de Cominges que via passar a colher sob o nariz! Outra coisa: mesmo quando, com a alegria do ganho, a avó distribuía dinheiro por todos e tomara o primeiro que passava por mendigo, mesmo nessa altura não deixara de dizer ao general: "Mas a ti não darei nada!" O que fazia crer que a avó tinha essa ideia fixa, se agarrava a ela, não desistia de tal resolução; era perigoso, muito perigoso!

Estas reflexões bailavam-me na mente quando, pela escada principal, subia do apartamento da avó para o pequeno quarto que ocupava no último andar. Tudo aquilo me interessava prodigiosamente; se é verdade que podia adivinhar antecipadamente os fios mais fortes que ligavam os actores que actuavam sob os meus olhos, desconhecia, contudo, as molas e os segredos desse jogo. Paulina nunca me demonstrara inteira confiança. É certo que, por vezes, e como que contra-vontade, me abrira o coração, mas eu notara que, frequentemente, quase sempre, depois de tais confidências, ela ridicularizava o que dissera ou modificava tudo sob uma falsa luz. Oh! Muita coisa me escondia! Em todo o caso, eu pressentia que o fim dessa misteriosa e tensa situação estava próximo. Mais outro lance, e tudo acabaria e seria descoberto. Quanto ao meu destino, empenhado igualmente em tudo aquilo, quase não me preocupava.

Estranho estado de espírito o meu! Só tenho vinte fredericos no bolso; estou longe do meu país, sem uma situação, sem meios de existência, sem esperança, sem projectos, e... não me sinto absolutamente nada inquieto! Se não pensasse em Paulina, abandonar-me-ia muito simplesmente ao interesse cómico do próximo desenlace e riria a bandeiras despregadas. Mas Paulina perturba-me. A sorte dela vai decidir-se, sinto-o, confesso no entanto que não é isso que me preocupa. Gostaria de penetrar os seus segredos, gostaria que se me dirigisse e dissesse: Bem sabes que te amo, mas se tal loucura é irrealizável, então... que desejar? Será que sei o que desejo? Estou como que perdido; o que quero é ficar ao pé dela, na sua auréola, na sua irradiação, para sempre, durante toda a vida. Nada mais sei! Será que posso afastar-me dela?

No terceiro andar, no corredor, senti uma espécie de choque. Voltei-me e, a vinte passos, vi Paulina que saía para o corredor. Parecia que me espiava, e logo me fez sinal para me aproximar.

— Paulina Alexandrovna...

— Mais baixo! — recomendou-me...

— Imagine — disse-lhe em voz baixa —, que acabo de sentir como que uma pancada nas costas: volto-me, era você! Como se um fluido saísse de si!

— Pegue nesta carta — disse-me Paulina com ar sombrio e preocupado (não ouvira com certeza o que eu acabara de lhe dizer) —, e entregue-a imediatamente e pessoalmente a Mr. Astley. Peço-lhe que aja depressa. Não tem resposta. Ele...

Não concluiu.

— A Mr. Astley? — repeti, espantado. Mas Paulina já desaparecera.

Com que então mantêm correspondência um com o outro! Bem entendido, fui imediatamente à procura de Mr. Astley, primeiro ao hotel, onde ele não estava, depois ao cassino, de que percorri todas as salas e, por fim, voltava a casa, quase desesperado, quando o encontrei por acaso, na companhia de cavaleiros e cavaleiras ingleses. Fiz-lhe sinal: parou, e entreguei-lhe a carta. Nem sequer tivemos tempo de trocar um olhar. Mas creio que Mr. Astley chibatou o cavalo intencionalmente.

Era o ciúme que me torturava? Realmente sentia-me abatido. Não me preocupava sequer inteirar-me do motivo da correspondência que os dois trocavam. Com que então ele era o seu homem de confiança! Amigo é,

evidentemente (e desde quando?). Mas terá o amor alguma intervenção nisto? Com certeza que não, segredava-me a razão. Mas a razão por si só tem pouca importância em semelhante ocorrência. Em todo o caso, precisava de tirar isso a claro. A questão complicava-se desagradavelmente.

Mal entrara no hotel e já o porteiro e o maitre corriam ao meu encontro, informando-me de que estavam a chamar-me, de que me procuravam, de que já por três vezes haviam tentado informar-me do sítio onde eu estaria e que me pediam fosse o mais depressa possível ao apartamento do general. Eu estava de humor execrável. Encontrei o general no gabinete, em companhia de Des Griex e de Mademoiselle Blanche, sozinha, sem a mãe.

Decididamente essa mãe era usada só quando se tornava preciso, principalmente para ser mostrada; quando se tratava de um verdadeiro negócio, Mademoiselle Blanche operava só. Duvido mesmo que tal personagem estivesse ao corrente dos assuntos da pretensa filha.

Discutiam os três com muita animação e a porta do gabinete estava fechada à chave, o que nunca acontecia. Ao aproximar-me, percebi o vozear, o tom impertinente e sarcástico de Des Griex, a vociferação furiosa e grosseira de Mademoiselle Blanche e a voz lacrimosa do general que, visivelmente, tentava justificar-se. Quando entrei, dominaram-se e corrigiram as respectivas atitudes. Des Griex ajeitou o penteado e arvorou um sorriso: o sorriso francês, cortês e oficial, que tanto detesto. O general, abatido, perdido, levantou-se, mas quase maquinalmente. Só Mademoiselle Blanche não mudou praticamente a expressão de grande aborrecimento e calou-se, olhando-me com impaciência. Faço notar que até então ela me tratava com uma sem-cerimónia incrível, nem sequer correspondia aos meus cumprimentos, ignorando-me pura e simplesmente.

— Alexis Ivanovitch — começou o general em tom de afectuosa censura —, consinta que lhe faça notar que é estranho, extremamente estranho... resumindo, que a sua conduta em relação a mim e à minha família... numa palavra, é estranha no mais alto grau.

— Eh! Ce n'est pas Ça — interrompeu-o Des Griex com irritação e desprezo (não havia dúvida: ele intervinha em tudo!). Mon cher Monsieur, notre cher général se trompe ao tomar esta atitude (continuou o discurso em russo), eu quero dizer-lhe... isto é, pô-lo de sobreaviso, ou melhor, pedir-lhe instantemente que não o deite a perder, sim, que não o deite a perder! Emprego precisamente esta expressão...

— Mas como, como? — interrompi eu.

— Desculpe, o senhor fez-se o guia (ou como dizer?) dessa velha senhora *cette pauvre terrible vieille* — confessou Des Griex —, pois ela vai perder, vai perder até à última moeda! O senhor viu com os seus próprios olhos como ela joga, foi testemunha! Se começa a perder, não mais deixará a mesa de jogo, por obstinação, por despeito, jogará tudo, jogará tudo! Nesses casos, nunca é possível reconquistar o perdido, e então... então...

— E então — sublinhou o general —, então o senhor deitará a perder toda a família! Eu e a minha família somos seus herdeiros, ela não tem parentes mais próximos. Confesso-lhe francamente: os meus assuntos vão mal, extremamente mal. Está em parte informado... Se ela perder uma quantia importante ou, quem

sabe?, toda a fortuna (Deus do céu!), que aconteceria aos meus filhos (e o general olhou para Des Grieux), à minha própria pessoa! (olhou para Mademoiselle Blanche que se virou desdenhosamente). Alexis Ivanovitch, salve-nos!

— Mas como, general, diga-me como posso... Que espécie de crédito tenho eu junto dela?

— Recuse, recuse, deixe-a sozinha!

— Nesse caso, aparecerá outro! — gritei.

— Ce n'est pas ça, ce n'est pas ça, que diable! — interrompeu de novo Des Grieux. — Não, não a abandone, mas, pelo menos, exorte-a, aconselhe-a, desvie-a... Enfim, não a deixe perder demasiado, distraia-a de uma maneira ou de outra.

— Mas como hei-de fazer? E se se encarregasse disso pessoalmente, senhor Des Grieux? — ajuntei com o ar mais ingénuo.

Nesse momento cacei um olhar rápido, ardente, interrogador, de Mademoiselle Blanche a Des Grieux. O rosto deste último foi tomado, pelo espaço de um segundo, por expressão singular, sincera, que ele não pôde dissimular.

— Ela não me aceitaria agora, eis a triste verdade! — exclamou Des Grieux fazendo com a mão um gesto de impotência.

— Se... mais tarde...

Des Grieux lançou um olhar significativo para Mademoiselle Blanche.

— Oh, mon cher monsieur Alexis, soyez si bon — disse Mademoiselle Blanche em pessoa aproximando-se de mim com um encantador sorriso; pegou-me nas mãos e apertou-as nas suas.

Que diabo! Aquele rosto diabólico sabia transformar-se instantaneamente. Nesse momento, arvorou um ar tão suplicante, tão gracioso, com um sorriso infantil, travesso mesmo; ao acabar a frase, lançou-me, às escondidas, um piscar de olhos brejeiro: será que ela queria conquistar-me imediatamente?

Parecia muito interessada nisso, mas o processo era demasiado grosseiro!

O general surgiu (surgiu é a palavra) atrás dela:

— Alexis Ivanovitch, desculpe-me por me ter expressado assim há bocado, não era exactamente o que eu queria dizer... Peço-lhe, suplico-lhe, inclino-me diante de si até ao chão, à maneira russa; só o senhor, só o senhor nos pode salvar! Eu e Mademoiselle de Cominges suplicamos-lhe, espero que compreenda, compreende, não é verdade? — implorava, apontando-me com o olhar Mademoiselle Blanche. Provocava realmente piedade.

Nesse momento, três leves e respeitadas pancadas soaram na porta. Foram abrir: era o criado de serviço ao andar; atrás dele, a alguns passos, vinha Potapytch. Tinham sido mandados pela avó. Ela ordenara-lhes que me procurassem e me levassem imediatamente.

— Está quase a zangar-se — informou-me Potapytch.

— Mas são só três e meia!

— Não conseguiu dormir, passou o tempo a voltar-se, depois, de repente, levantou-se, pediu a cadeira e ordenou que o chamassem. Já está na escada da entrada.

— Quelle mégère! — gritou Des Grieux.

Efectivamente, encontrei a avó na escada, já irritada com a minha ausência. Não conseguira esperar até às quatro horas.

— Vá, leva-me! — gritou, e voltámos para a roleta.

## Capítulo XII

A avó estava nervosa, irritada; via-se que a roleta a obcecava. Já não prestava atenção a mais nada e mostrava-se quase sempre muito distraída. Por exemplo, não fez perguntas durante o caminho como fizera de manhã. Vendo uma sumptuosa caleche que passava a toda a velocidade à nossa frente, esboçou um gesto e perguntou-me quem era o proprietário da caleche, mas duvido que tenha prestado atenção à minha resposta; o seu devaneio era constantemente interrompido por gestos sacudidos, impacientes, por bruscas manifestações.

Quando lhe mostrei de longe, ao aproximarmo-nos do cassino, o barão e a baronesa Wurmerhelm, olhou-os com ar distraído e totalmente indiferente, dizendo: "Ah!" e voltando-se vivamente para Potapytch e Marta, que a seguiam, lançou-lhes:

— Ora bem, por que se agarram vocês a mim? Não vou levá-los sempre comigo! Voltem para trás! Basta que venhas tu — acrescentou ela quando os outros, depois de a terem cumprimentado à pressa, deram meia volta.

No cassino, já esperavam a avó. Reservaram-lhe imediatamente o mesmo lugar, ao lado do croupier. Tenho a impressão de que estes croupiers sempre tão correctos, com o ar de simples funcionários a quem é indiferente que a banca ganhe ou perca, não são de modo algum indiferentes à sorte da banca; têm com certeza instruções para atrair os jogadores e defender os interesses do fisco, o que lhes vale bónus e gratificações. Pelo menos, já olhavam para a avó como para uma vítima.

Decididamente, o que os nossos tinham previsto aconteceu.

Foi assim: A avó fixou imediatamente a sua atenção no zero e ordenou-me que arriscasse doze fredericos num só lance. Apostámos uma vez, duas vezes, três vezes o zero não saía. "Continua! Continua!", repetia a avó dando-me impacientes cotoveladas. Eu obedecia.

— Quantas vezes já jogámos? — perguntou-me por fim, rangendo os dentes furiosamente.

— Doze vezes, avó. Perdemos 144 fredericos. Repito-lhe que, talvez que até à noite...

— Cala-te! — disse-me. — Aposto no zero e põe imediatamente mil florins no vermelho. Pega, aqui está uma nota.

O vermelho saiu, mas o zero também dessa vez não apareceu: eu recolhi mil florins.

— Estás a ver, estás a ver! — disse-me em voz baixa a avó —, já recuperámos quase tudo. Aposto outra vez no zero,... mais dez lances e vamos embora.

Mas ao quinto lance a velha senhora já achava que era de mais.

— Para o diabo esse maldito zero! Olha, põe quatro mil florins no vermelho — comandou ela.

— Avó! É muito, e se o vermelho não sai? — implorava eu; mas pouco faltou para que me batesse (de resto, as suas cotoveladas eram verdadeiras pancadas). Nada a fazer. Pus no vermelho os quatro mil florins ganhos de manhã. O prato começou a girar. A avó estava calma e endireitava-se com ar altivo, convencida de que ia ganhar.

— Zéro! — gritou o croupier.

A avó, primeiro, não percebeu, mas quando viu o croupier recolher os seus quatro mil florins com tudo o que se encontrava sobre a mesa e soube que o zero, que estivera tanto tempo sem sair e no qual apostáramos duzentos fredericos, saíra dessa vez, como que de propósito, no preciso momento em que ela acabava de o insultar e de o abandonar, lançou uma exclamação e bateu ruidosamente com as mãos uma na outra. Em redor, puseram-se a rir.

— Santos do paraíso! Aí está ele a sair agora, o tratante! — gemia a avó. — Ah! Miserável! A culpa é tua! A culpa é tua! — disse atirando-se a mim, furiosa, e dando-me socos. — Foste tu que me dissuadiste de jogar nele.

— Avó, eu queria fazer-lhe ver as coisas, não posso ser responsável pela sorte do jogo.

— A sorte dou-ta eu — resmungou ameaçadoramente —, vai-te embora!

— Adeus, avó — disse, e afastei-me como para me ir embora.

— Alexis Ivanovitch, Alexis Ivanovitch, deixa-te estar! Onde vais tu? Vamos, vamos! Olha para ele a aborrecer-se, Imbecil! Fica, fica ainda um pouco, não te zangues, eu é que sou burra! Diz-me agora o que é preciso fazer, sim?

— Não quero dar-lhe mais conselhos, avó, depois pedia-me contas. Jogue por si mesma, dê as suas ordens que eu aposto.

— Está bem, está bem: põe quatro mil florins no vermelho! Pega, aqui tens a minha carteira. — Tirou a carteira do bolso e estendeu-ma. — Despacha-te, estão aí vinte mil rublos.

— Avó — balbuciei —, apostas destas...

— Que me enforcem se não recuperar tudo. Joga! — Jogámos e perdemos.

— Outra vez, outra vez! Põe oito mil numa só parada!

— Impossível, avó, a aposta mais elevada é de quatro mil!

— Então quatro mil! — Dessa vez ganhámos. A avó recobrou coragem.

— Vês, vês! — disse dando-me uma cotovelada. — Põe ainda quatro mil!

Apostámos... e perdemos; voltámos a apostar... e voltámos a perder.

— Avó, os doze mil florins já se foram — comuniquei-lhe.

— Sei muito bem que se foram — respondeu-me com uma espécie de raiva impassível, se assim se pode dizer. — Sei muito bem, meu caro, sei muito bem — resmungou, de olhar fixo e parecendo reflectir. — Eh! Vou deixar aqui a pele, mas tanto pior! Aposta ainda quatro mil florins!

— Já não temos dinheiro, avó; na sua carteira só há obrigações russas a cinco por cento e algumas letras, mas dinheiro não.

— E na minha bolsa?

— Trocos, avó.

— Há cambistas aqui? Disseram-me que se podiam cambiar todos os nossos valores — perguntou-me a avó com ar decidido.

— Oh, à vontade! Mas vai perder no câmbio... Até um judeu tremeria!

— Tolices! Vou recuperar o meu dinheiro! Leva-me. Chama-me esses patifes!

Eu empurrava a cadeira, os carregadores vieram ao nosso encontro e deixámos o cassino.

— Mais depressa, mais depressa, mais depressa! — ordenava a avó. — Mostra-me o caminho, Alexis Ivanovitch, e vai ao que estiver mais perto... É longe?

— A dois passos, avó.

Mas à esquina, ao deixar a avenida para entrar na álea, encontrámos a nossa companhia: o general, Des Grioux, Mademoiselle Blanche e a sua mãezinha. Paulina Alexandrovna não estava com eles, Mr. Astley também não.

— Vamos, vamos! Nada de parar! — gritava a avó.

— O que é que vocês querem? Não tenho tempo de os aturar!

Eu caminhava atrás. Des Grioux veio ter comigo.

— Ela perdeu tudo o que ganhou esta manhã, mais doze mil florins. Vamos cambiar obrigações a cinco por cento — disse-lhe em voz baixa, precipitadamente.

Des Grioux bateu com o pé no chão e correu a comunicar a notícia ao general. Nós continuávamos a empurrar a cadeira da avó.

— Segurem-na! Segurem-na! — murmurou o general, furibundo.

— Experimente o senhor! — disse-lhe eu.

— Minha tia — disse o general aproximando-se —, minha boa tia... nós vamos... nós vamos... (a voz tremia-lhe e quebrava-se) alugar cavalos e dar um passeio ao campo... uma vista maravilhosa... a pointe... vínhamos convidá-la!

— Vai para o diabo mais a tua pointe! — disse a avó com um gesto impaciente para o repelir.

— Lá no fundo, há uma aldeia... tomaremos chá... — continuou o general, desta vez sem a menor esperança.

— Nous boirons du lait sur l'herbe fraiche — ajuntou Des Grioux com feroz hostilidade. Du lait, de l'herbe fraiche, é o que há de mais idealmente pastoril para um burguês de Paris; nisso reside, como se sabe, toda a sua concepção de la nature et de la vérité.

— Dou ao desprezo o teu leite. Aleita-te por ti mesmo, a mim faz-me mal ao estômago. Por que teimam? Já lhes disse que não tinha tempo!

— Já chegámos, avó! — gritei. — É aqui!

Empurrámo-la até à casa onde estava instalado o cambista. Fui fazer o câmbio: a avó ficou à entrada à minha espera; Des Grioux, o general e Blanche mantinham-se à parte, não sabendo que fazer. A avó olhou-os com hostilidade e eles afastaram-se em direcção ao cassino.

Ofereceram-me um câmbio tão desvantajoso que hesitei e voltei para pedir instruções à avó.

— Ah, bandidos! — exclamou a velha senhora batendo com as mãos uma na outra. — Tanto pior, aceita! — disse-me peremptoriamente. — Espera, chama cá o cambista!

— Talvez um dos empregados, avó!

— Pode ser um empregado, é-me indiferente. Ah, bandidos!

O empregado consentiu em sair quando soube que era uma velha condessa, fraca e impossibilitada, quem o chamava. A avó fez-lhe um longo discurso, censurando-o colericamente por ser um gatuno, e tentando negociar; isto tudo numa mistura de russo, de inglês e de alemão, de que eu fazia de intérprete. O empregado, de cara fechada, olhava para nós dois e sacudia a cabeça sem dizer nada. Encarava mesmo a avó com uma curiosidade insistente muito próxima da indelicadeza; por fim, começou a sorrir.

— Está bem, põe-te andar! — gritou a avó. — E que o meu dinheiro te afogue! Troca mesmo aí, Alexis Ivanovitch, não temos tempo; se tivéssemos, íamos a outro...

— Ele diz que os outros ainda dão menos.

Já não me lembro da taxa exacta da operação, mas era desastrosa. Obtive doze mil florins em moedas de ouro e notas, peguei na conta e trouxe-a à avó.

— Muito bem, muito bem! É inútil verificar! — disse agitando os braços. — Depressa, depressa!

— Nunca mais volto a apostar nem nesse maldito zero, nem no vermelho — resmungou enquanto nos encaminhávamos para o cassino.

Dessa vez, empreguei todas as minhas forças para a convencer a apostar o menos possível, assegurando-lhe que se a sorte mudasse seria sempre tempo de fazer paradas altas.

Mas ela estava muito impaciente e, embora tivesse cedido inicialmente às minhas razões, não pude segurá-la durante o jogo. Mal começou a ganhar dez, vinte fredericos, pôs-se a dar-me cotoveladas.

— Vês, vês! Ganhámos. Se tivéssemos posto quatro mil florins em vez de dez, teríamos ganho quatro mil, ao passo que agora... A culpa é tua, sempre tua!

Apesar da indignação que me ganhava ao vê-la jogar, decidi por fim calar-me e não lhe dar mais conselhos.

De repente, apareceu Des Grieux. Os três encontravam-se nas proximidades. Notei que Mademoiselle Blanche ficava de parte, em companhia da mãe, fingia de amável com o príncipezinho. Era visível que o general caíra em desgraça, quase em exílio.

Blanche não se dignava sequer olhá-lo, embora ele se multiplicasse em cuidados à volta dela. Pobre general!

Empalidecia, corava, tremia e já nem sequer seguia o jogo da avó. Blanche e o príncipezinho saíram por fim; o general correu atrás deles.

— Madame, madame — sussurrou Des Grieux com voz melosa ao ouvido da avó. — Madame, esse jogo, não... Não, não, impossível... — dizia em mau russo — não!

— Então como? Diz-me o que devo fazer! — disse a avó.

Des Grieux pôs-se a falar francês com volubilidade; dava conselhos, gesticulava, dizia que era preciso esperar a sorte, chegou mesmo a fazer

cálculos... A avó nada compreendia. Ele voltava-se a todo o momento para mim para que eu traduzisse; espetava o dedo em direcção à mesa para lhe mostrar; finalmente, pegou num lápis e lançou números no papel. A avó perdeu a paciência.

— Basta, vai-te, vai-te. Estás a dizer tolices. Madame, madame! E tu próprio não percebes nada disto. Vai-te embora!

— Mais, madame — gaguejou Des Grieux que recomeçou a fazer demonstrações e a dar explicações. Estava muito agastado.

— Está bem, joga uma vez como ele diz — ordenou-me a avó —, talvez dê resultado.

Des Grieux só queria impedi-la de fazer jogo forte: sugeriu-lhe que apostasse nos números separadamente e por série. A conselho dele, pus um frederico numa sequência de números ímpares dos doze primeiros, e cinco fredericos em grupos de números de 12 a 18 e de 18 a 24: ao todo, arriscávamos dezasseis fredericos. O prato começou a girar.

— Zéro! — gritou o croupier. Tínhamos perdido tudo.

— Que pateta! — exclamou voltando-se para Des Grieux. — Francesito velhaco! Vem esse aborto dar-me conselhos! Vai-te embora, vai-te embora! Não percebe nada disto e mete o nariz em tudo!

Atrozmente vexado, Des Grieux encolheu os ombros, lançou à avó um olhar de desprezo e retirou-se. Sentia-se envergonhado de se ter comprometido com ela, mas não pudera conter-se. Ao fim de uma hora, apesar de esforços desesperados, tínhamos perdido tudo.

— Vamos embora! — gritou a avó.

Não lhe disse palavra até chegarmos à álea. Aí, já perto do hotel, deixou escapar algumas exclamações.

— Estúpida galinha! Parva! Grande parva é o que és!

Mal chegámos ao seu alojamento, ela disparou:

— Chá! E preparemo-nos logo! Vamos partir!

— Para onde quer ir, minha boa senhora? — arriscou-se Marta a perguntar.

— Será que isso te diz respeito? Trata da tua vida! Potapytch, prepara as bagagens todas. Voltamos a Moscovo! Perdi quinze mil rublos em dinheiro!

— Quinze mil, minha querida senhora! Deus do céu! — exclamou Potapytch batendo com as mãos uma na outra com ar consternado, julgando sem dúvida que estava a ser agradável para com a patroa.

— Vá, vá, imbecil! Agora põe-se a choramingar! Cala-te! Trata mas é de preparar as coisas! Que me dêem a conta o mais depressa possível!

— O próximo comboio parte às nove e meia, avó — disse eu para acalmar-lhe a fúria.

— E que horas são agora?

— Sete e meia.

— Que maçada! Tanto pior! Alexis Ivanovitch, estou sem dinheiro. Olha, aqui estão duas notas, vai trocar-mas a correr. Senão, não terei sequer possibilidade de partir.

Saí. Quando voltei, meia hora depois, encontrei os nossos amigos junto da avó. Pareciam ainda mais atingidos pela notícia da partida definitiva da avó para

Moscovo do que pelas perdas que ela tivera ao jogo. Admitindo que esta partida lhes salvasse a fortuna, que ia acontecer ao general? Quem ia reembolsar Des Grieux? Mademoiselle Blanche não esperaria pela morte da avó e safar-se-ia sem dúvida com o príncipezinho ou com qualquer outro. Ali estavam diante dela, tentando consolá-la e torná-la razoável. Paulina continuava ausente. A avó apostrofava-os sem cerimónia.

— Ponham-se ao fresco, diabos! Que têm a ver com isto? Porque é que esta barba de chibo se esfrega em mim? — gritou para Des Grieux. — E tu, periquito, que queres tu? — disse, invectivando Mademoiselle Blanche. — Por que te saracoteias tanto?

— Diantre! — murmurou Mademoiselle Blanche com olhos faiscantes de ódio; mas de repente estoirou numa gargalhada e deixou o quarto.

— Elle vivra cent ans! — gritou Blanche para o general do limiar da porta.

— Ah! Então estás a contar com a minha morte? — perguntou a avó com voz esganiçada ao general. — Põe-te a andar! Corre com todos, Alexis Ivanovitch! Que têm vocês a ver com isto? Foi o meu dinheiro que perdi, não foi o vosso!

O general encolheu os ombros, curvou-se e saiu. Des Grieux seguiu-o.

— Chama Prascóvia — ordenou a avó a Marta. Cinco minutos mais tarde, Marta voltou com Paulina. Paulina, que ficara, todo esse tempo, no seu quarto com as crianças (sem dúvida decidira não sair propositadamente durante todo o dia). Tinha aspecto triste e preocupado.

— Prascóvia — começou a avó —, é verdade o que eu acabei de saber há bocado indirectamente: o teu imbecil padrasto quer casar com essa cabeça de vento, essa francesa, actriz ou pior ainda? Diz-me, é verdade?

— Não sei nada de certo, avó — respondeu Paulina —, mas, segundo as declarações de Mademoiselle Blanche, que nem sequer se dá ao cuidado de dissimular, concluo que...

— Basta! — interrompeu a avó energicamente —, percebo tudo! Sempre pensei que ele acabaria assim e sempre o considereei o homem mais vácuo e mais frívolo que pode haver. Exibe a sua categoria de general (que lhe foi concedida quando se reformou como coronel) e dá-se ares. Mas sei tudo, minha cara. Sei que vocês mandaram telegramas sobre telegramas para Moscovo. Será que a velha avó vai esticar depressa o pernil? E que queria dizer isso? Que vocês esperavam a minha herança; sem o dinheiro, essa criatura (como é que ela se chama: De Cominges, não é?) nem para lacaio a queria, com os dentes artificiais que tem. Dizem que ela empresta dinheiro a juros e que juntou um bom pé-de-meia. Não estou a acusar-te, Prascóvia, não foste tu quem me mandou os telegramas, e não quero pisar no pisado.

Sei que tens mau feitio... uma vespa! Quando picas, provocas inchaços! Mas tenho pena de ti porque era muito amiga da tua falecida mãe Catarina. Ouve, se quiseres, deixa tudo isto e vem comigo. Não tens para onde ir e não é muito conveniente para ti ficar agora com eles. Espera! — gritou a avó para Paulina que ia responder-lhe —, ainda não acabei. Não te pedirei nada. Conheces a minha casa de Moscovo: é um palácio. Instalas-te num andar inteiro se quiseres e ficas semanas sem me visitar se a minha maneira de ser te desagrade. Aceitas ou não?

— Dê-me licença que lhe faça primeiro uma pergunta: quer de facto partir imediatamente?

— Ó pequena, estou com o ar de quem brinca? Disse que me ia embora, vou-me. Perdi hoje quinze mil rublos em dinheiro na vossa três vezes maldita roleta! Fiz a promessa, há cinco anos, de reconstruir em pedra a igreja de madeira da minha propriedade dos arredores de Moscovo e, em vez disso, arruinei-me aqui ao jogo. Agora, minha querida, vou construir a igreja.

— E as águas, avó? Veio para tomar as águas!

— Deixa-me em paz com as tuas águas! Não me obrigues a zangar-me, Prascóvia; será que o fazes de propósito? Então, vens ou não?

— Estou-lhe muito, muito reconhecida, avó — começou Paulina com emoção —, pelo refúgio que me oferece. Adivinhou em parte a minha situação. Estou-lhe tão reconhecida por isso que, acredite-me, provavelmente irei ter consigo bem depressa; mas, de momento, tenho razões... sérias... não posso tomar essa decisão imediatamente. Se ficasse, nem que fossem só quinze dias...

— Então não queres, não?

— Não posso. Além disso, não posso deixar o meu irmão e a minha irmã, e como... como é possível que eles fiquem sozinhos... Se me levasse com as crianças, avó, eu ia com certeza viver consigo, e acredite que saberia merecê-lo! — acrescentou acaloradamente. — Mas sem as crianças, não posso, avó.

— Está bem, não choramingues! (Paulina não pensava sequer em choramingar, e de resto nunca deitava uma lágrima que fosse.) Há-de arranjar-se também um lugar para os pintainhos: o galinheiro é bastante grande. De resto, é tempo de começarem a ir à escola. Então, não partes assim? Toma cuidado, Prascóvia! Eu quero-te bem e sei por que não partes! Sei tudo, Prascóvia! Não tens nada a esperar de bom desse velhaco francesito.

Paulina ficou de faces em fogo. Eu estremeci. (Todos sabiam! Só eu não!)

— Vá, vá, não faças beicinho. Não vou insistir no mesmo assunto. Mas tem cuidado, poupa-te a desgraças... Compreendes o que eu quero dizer? És uma rapariga inteligente; eu teria muita pena. Ponto final. Que eu não vos veja mais! Adeus!

— Eu vou consigo, avó — disse Paulina.

— É inútil, aborrecer-me-ias e estou farta de vocês todos até à ponta dos cabelos.

Paulina beijou a mão da avó, mas esta retirou a mão e beijou a rapariga na cara. Ao passar na minha frente, Paulina lançou-me um olhar rápido e desviou imediatamente os olhos.

— Também te digo adeus, Alexis Ivanovitch! Falta só uma hora para partir o comboio. Penso que estás cansado de mim. Olha, fica com esses cinquenta fredericos.

— Agradeço-lhe muitíssimo, avó, mas não ousou...

— Bem, bem! — gritou a avó tão enérgica e ameaçadoramente que eu não pude recusar e tive de pegar no dinheiro.

— Se te vires sem emprego em Moscovo, procura-me. Dar-te-ei cartas de recomendação. Vá, vá!

Dirigi-me para o meu quarto e estendi-me na cama. Fiquei cerca de meia hora deitado de costas, de braços cruzados sob a cabeça. A catástrofe estoirara, havia muito que pensar. Decidi falar seriamente no dia seguinte a Paulina. Eh, o francesito! Então sempre era verdade? Mas que poderia ter-se passado? Paulina e Des Grieux! Deus meu, que aproximação!

Tudo aquilo era absolutamente incrível. Levantei-me bruscamente, fora de mim, para ir procurar imediatamente Mr. Astley e fazê-lo falar, custasse o que custasse. Também sobre isso ele deveria saber mais do que Mr. Astley! Outro enigma!

Mas, subitamente, bateram à porta. Fui abrir: era Potapytch.

— Alexis Ivanovitch, meu bom senhor, a senhora chama-o.

— Que se passa? Já se vai? Ainda faltam vinte minutos para o comboio.

— Está muito agitada, meu caro senhor, muito impaciente: Depressa! Depressa!, É o senhor quem ela quer ver. Por amor de Deus, não demore! — Decidi imediatamente. Já haviam transportado a avó para o corredor. Ela segurava a carteira na mão.

— Alexis Ivanovitch, segue à frente, vamos lá abaixo!

— Onde, avó?

— Recuperarei o meu dinheiro, nem que tenha de morrer! Vamos, caminha, nada de perguntas! Joga-se até à meia-noite, não é?

Fiquei petrificado, pensei um momento, mas tomei imediatamente uma decisão.

— Como quiser, Antonina Vassilievna, mas eu não vou.

— Porquê? Que se passa ainda? Que mosca mordeu a todos?

— Como quiser. Mais tarde havia de censurar-me a mim mesmo, não quero! Não quero ser testemunha, nem participante; peço que me dispense, Antonina Vassilievna. Aqui tem os seus cinquenta fredericos, adeus! — E, depositando o rolo de moedas de ouro numa mesinha ao lado da cadeira da avó, cumprimentei e saí.

— Que estupidez! — gritou-me a avó —, muito bem, não venhas, hei-de encontrar o caminho sozinha. Potapytch, fazes-me companhia? Vamos, levai-me!

Não encontrei Mr. Astley e voltei para o hotel. Tarde, por volta da uma hora da manhã, soube por Potapytch como terminara o dia da avó. Perdera tudo o que eu lhe tinha trocado, quero dizer, dez mil rublos a mais. O polaco a quem ela dera dois fredericos transformara-se em sua sombra e dirigira-lhe o jogo durante todo o tempo. De princípio, ela recorreu a Potapytch, mas bem depressa o mandou embora; foi nesse momento que surgiu o polaco. Nem por encomenda: ele compreendia o russo e palrava mais ou menos bem uma mistura de três línguas, de modo que podiam chegar a compreender-se. A avó não deixara de o maltratar sem piedade apesar do outro rastejar aos pés da pani (1).

— Nenhuma comparação consigo, Alexis Ivanovitch — contava Potapytch. — A si, ela tratava-o como um senhor, ao passo que o outro (vi com estes olhos, que Deus me fulmine se não é verdade!) lhe roubava o dinheiro debaixo do nariz. Uma ou duas vezes, aconteceu mesmo que ela o surpreendeu e o insultou, chamando-lhe todos os nomes; chegou a puxar-lhe os cabelos. É verdade, não mintu. A cena provocou risos nos outros. Perdeu tudo, meu bom senhor: tudo o

que tinha, tudo o que o senhor lhe tinha trocado. Trouxemo-la para aqui, à pobre senhora; pediu um copo de água, fez o sinal da cruz e foi-se deitar.

\*1. Senhora.

Devia estar esgotada, porque adormeceu logo. Que Deus lhe dê sonhos celestiais! Oh! O estrangeiro — concluiu Potapytch —, eu bem lhe disse que isto não ia dar nada de bom! Que a gente volte depressa à nossa Moscovo! Que é que falta lá longe, na nossa terra? O jardim, flores como não há aqui, ar, macieiras que crescem a olhos vistos, espaço... Não; era preciso ir para o estrangeiro! Oh! Oh! Oh!

### Capítulo XIII

Há quase um mês que não mexo nestas notas, começadas sob a influência de impressões desordenadas, mas violentas. A catástrofe de que senti a aproximação, sobreveio, mas cem vezes mais brutal e mais inesperada do que eu pensava. Foi tudo estranho, escandaloso, e mesmo trágico, pelo menos no que me diz respeito. Aconteceram-me várias aventuras miraculosas; assim as considero, ainda, pelo menos, embora sob outro ponto de vista e a avaliar pelo turbilhão que me envolveu, tais aventuras sejam mesmo excepcionais. Mas o milagre, para mim, foi a maneira como me comportei no meio de todos esses acontecimentos. Ainda não compreendo! E tudo passou como um sonho, até a minha paixão; no entanto, era forte e sincera mas... em que se tornou agora? É verdade que, por vezes, um pensamento me assalta bruscamente: Não estaria eu louco nessa altura, e não teria passado todo este tempo num manicómio?

Talvez que lá esteja ainda, talvez tudo isto não fosse e não seja ainda senão uma aparência...

Juntei e reli as minhas notas, quem sabe, talvez para me convencer de que não as escrevi num manicómio? Agora, estou só no mundo. O Outono aproximase, as folhas amarelecem. Estou nesta cidadezinha vagarosa (oh!, que tristes podem ser as cidadezinhas alemãs!) e, em vez de pensar no futuro, vivo sob o efeito de sensações quase desvanecidas, sob o efeito de recordações recentes, de toda a tempestade ainda próxima que me arrastou por algum tempo no seu turbilhão e que me atirou longe.

Momentos há em que tenho a impressão de que volto a ser tomado por esse turbilhão, que o furacão vai desencadear-se, apanhar-me à passagem com a sua asa e que, perdido o equilíbrio no sentido da medida, vou começar a girar, a girar, a girar...

De resto, vou talvez fixar-me e deixar de girar, se fizer a recapitulação tão exacta quanto possível de tudo o que aconteceu este mês. Assalta-me de novo a vontade de pegar na pena; e por vezes não tenho absolutamente nada para fazer à noite. Coisa estranha, para ocupar o tempo, levo da medíocre sala de leitura daqui os romances de Paulo de Kock (traduzidos em alemão) que não suporto;

mas leio-os e fico admirado: dir-se-ia que temo, por uma leitura ou por uma ocupação séria, romper o encantamento que acaba de se dissipar. Dir-se-ia que este sonho incoerente e as impressões que ele me deixou me são tão queridas que temo qualquer novo contacto, com medo que eles se dissipem em fumo! Será, portanto, que tudo isto me interessa ainda muito? Sim, é mais que certo; hei-de recordar tudo talvez ainda durante quarenta anos...

Assim, pego de novo na pena. De resto, tudo isto pode agora contar-se resumidamente: as minhas impressões já não são precisamente as mesmas... Para já, acabemos com a avó. No dia seguinte, perdera tudo.

Não podia ser de outro modo: quem se mete, como ela, em tal caminho, desce cada vez mais depressa, como se deslizasse de trenó do alto de uma montanha nevada. A avó jogou durante todo o dia até às oito horas da noite; não assisti e o que sei foi por ouvir dizer. Potapytch esteve de guarda junto dela, no cassino, durante todo o dia. Os polacos que dirigiam a avó revezavam-se várias vezes. Começou por expulsar o polaco da véspera, ao qual puxara os cabelos, e aceitou os serviços de outro, mas o segundo mostrou-se talvez ainda pior. Depois de ter despachado este, e chamado novamente o primeiro, que ficara por ali e que, durante todo o tempo da má sorte, vagueara atrás da cadeira da avó, passando a cada momento a cabeça por cima do seu ombro, a velha senhora caiu por fim num verdadeiro desespero. O segundo polaco também não quis por nada do mundo deixar o lugar: um instalou-se à direita da velha, outro à esquerda. Passaram o tempo a questionar e a insultar-se mutuamente por causa das apostas e da marcha do jogo, chamando-se gatunos, ou outras gentilezas polacas, depois reconciliavam-se e lançavam o dinheiro ao acaso.

Enquanto discutiram, cada um apostava por seu lado, um no vermelho, por exemplo, e outro no preto. Em conclusão, acabaram por fazer perder a cabeça à avó que pediu, quase com lágrimas nos olhos, a um velho croupier, que a defendesse e expulsasse os polacos. O que se fez imediatamente, apesar dos gritos e protestos deles. Vociferavam os dois ao mesmo tempo, afirmando que a avó lhes devia dinheiro, que os enganara, que agira desonestamente com eles. O infeliz Potapytch contava-me estas coisas chorando, nessa mesma noite, e recobrava a sua indignação, ao relatar que os polacos tinham enchido as algibeiras, que os vira roubar o dinheiro descaradamente e metê-lo nos bolsos. Um deles, por exemplo, pedia cinco fredericos à avó pela sua colaboração e punha-os ao lado das apostas da velha senhora. Se ela ganhava, gritava que ele é que tinha ganho e que ela perdera. Quando os expulsaram, Potapytch interveio e declarou que tinham as algibeiras cheias de ouro. A avó pediu logo ao croupier, que tomasse disposições e, apesar dos gritos de pavão dos polacos, a Polícia acorreu e os bolsos deles foram esvaziados imediatamente em proveito da avó. Enquanto teve dinheiro, a velha beneficiou de um prestígio manifesto junto dos croupiers e da direcção do cassino. Pouco a pouco, a sua fama espalhou-se por toda a cidade. Os veraneantes de todos os países, dos mais simples aos mais ilustres, acorriam para ver une vieille comtesse russe tombée en enfance, que já perdera vários milhões.

Mas a avó ganhou pouco, muito pouco, em desembaraçar-se dos polacos. Para os substituir, um terceiro veio imediatamente propor-lhe os seus serviços:

esse falava perfeitamente russo e estava vestido como um gentleman, embora parecesse um laçao; tinha um enorme bigode e muito amor-próprio. Também ele beijava o rasto dos passos da pani e rastejava a seus pés, mas tratava os circunstantes com arrogância e comandava como um déspota; numa palavra, mostrava-se não como servidor, mas como patrão da avó. A todo o momento, a cada lance, virava-se para ela e jurava-lhe com as mais horríveis expressões, que era um pan honrado e que não lhe ficaria nem com um cêntimo. Repetiu tão insistentemente tais afirmações que ela acabou por ganhar realmente medo. Mas como o pan ao princípio pareceu rectificar o jogo da velha senhora e começou a ganhar, a avó não pôde resolver-se a correr com ele. Uma hora depois, os dois primeiros polacos expulsos do cassino apareceram de novo atrás da cadeira da avó, a oferecer-lhe outra vez os seus serviços e prontos até a fazer recados. Potapytch garantiu-me que o pan honrado trocou olhares de inteligência com eles e chegou mesmo a passar lhes qualquer coisa para a mão. Como a avó não jantara e não deixava a cadeira, um dos polacos pôde efectivamente tornar-se útil: correu ao bufete do cassino para lhe trazer uma tigela de caldo, e depois chá. De resto, foram os dois ao bufete. Mas, no fim do dia, quando toda a gente podia ver que ela perdia a última nota, havia atrás da sua cadeira seis polacos que ninguém vira antes. E quando a avó perdeu as últimas fichas, não só eles não a ouviam, mas nem sequer lhe prestavam atenção, inclinando-se sobre a mesa por cima do ombro dela, apanhando o dinheiro, dando ordens, apostando, questionando, interpelando com familiaridade o pan honrado; quanto a este, já esquecera quase a existência da avó. E quando a avó, totalmente arruinada, voltou cerca das oito horas para o hotel, três ou quatro polacos não podiam ainda decidir-se a deixá-la; corriam ao lado da cadeira, gritando em voz muito alta e demonstrando com volubilidade que a avó os enganara e lhes devia dinheiro. Foi assim que chegaram ao hotel, onde acabaram por ser expulsos a pontapé.

Segundo os cálculos de Potapytch, a avó perdera nesse dia, além do dinheiro que perdera na véspera, perto de oitenta e seis mil rublos. Todas as obrigações de cinco por cento, rendas do Estado, acções que possuía, trocou-as uma a uma.

Admirei-me que ela pudesse ter-se aguentado durante seis ou sete horas de seguida, sentada na cadeira, e não deixando a mesa, mas Potapytch contou-me que, por duas ou três vezes, a avó começara realmente a conseguir grandes ganhos; arrastada de novo pela esperança, não tivera coragem de se ir embora. De resto, os jogadores bem sabem que um homem pode ficar vinte e quatro horas no mesmo lugar, de cartas na mão, sem volver os olhos para a direita ou para a esquerda.

Entretanto, no mesmo dia, acontecimentos decisivos deram-se também no nosso hotel. De manhã, antes das onze, estando a avó ainda no seu alojamento, os nossos, isto é, o general e Des Grieux, resolveram-se a empreender uma derradeira diligência.

Tendo sabido que a avó, em vez de pensar em ir-se embora, voltava para o cassino, eles vieram em conclave (com excepção de Paulina), conferenciar com ela definitivamente e mesmo sinceramente. O general, tremendo e desfalecendo à ideia das terríveis consequências que daí resultariam para ele, forçou mesmo a

dose: após meia hora de rogos e de súplicas, depois de chegar até a confessar a sua paixão por Mademoiselle Blanche (perdera completamente a cabeça), o general mostrou subitamente um ar ameaçador e chegou a gritar e a bater com o pé; ele berrava que a velha senhora desonrava a família, era objecto de escândalo para a cidade e enfim... enfim: emporcalha o nome russo, madame! — gritou o general —, há uma Polícia para isso! A avó, para acabar, pô-lo fora às bengaladas (no sentido exacto da palavra).

O general e Des Grioux ainda trocaram impressões uma ou duas vezes nessa manhã; procuravam sobretudo saber se não poderiam realmente chamar a Polícia. Dizendo que uma infeliz mas respeitável velha, já tonta, ia perder todo o seu dinheiro ao jogo, etc., não poderiam eles, de uma maneira ou de outra, obter uma vigilância ou uma interdição? Mas Des Grioux encolheu os ombros e riu na cara do general que, já sem argumentos, passeava de cá para lá no seu gabinete. Enfim, Des Grioux fez um gesto desdenhoso com a mão e não foi mais visto.

À noite, soube-se que ele deixara definitivamente o hotel, depois de ter tido uma conversa decisiva e misteriosa com Mademoiselle Blanche. Quanto a esta última, logo de manhã tomara medidas enérgicas e categóricas: correu com o general e não tolerou mais a sua presença. Quando o general foi atrás dela no cassino e a encontrou pelo braço do príncipezinho, nem ela nem madame veuve de Cominges o reconheceram. O príncipezinho também não o cumprimentou. Durante todo o dia, Mademoiselle Blanche sondou e manobrou o príncipe para que ele se declarasse enfim categoricamente. Mas, ai!, ela enganava-se cruelmente nos seus cálculos! Essa pequena catástrofe só à noite se desencadeou; descobriu-se subitamente que o príncipe era pobre como Job e que contava mesmo pedir-lhe dinheiro emprestado contra uma promissória, para jogar na roleta.

Blanche expulsou-o com indignação e fechou-se no seu quarto.

Na manhã do mesmo dia, fui ter com Mr. Astley, ou melhor, procurei-o por toda a parte sem conseguir encontrá-lo. Não estava em casa, não estava no cassino, nem no parque. Não jantara dessa vez no hotel. Às cinco horas, vi-o de repente.

Saía da estação e dirigia-se ao Hotel de Inglaterra. Estava com pressa e parecia muito preocupado, embora fosse difícil perceber a preocupação ou qualquer confusão no seu rosto. Estendeu-me a mão cordialmente, com a exclamação habitual: "Ah!" Mas sem se deter e caminhando sempre com passo rápido.

Acompanhei-o, mas ele respondeu-me de tal modo que não tive tempo de perguntar-lhe fosse o que fosse. Além disso, eu não podia sem grande embaraço começar a falar de Paulina; também não se mostrou inquieto com a sorte dela. Contei-lhe o que acontecera à avó: ouviu-me com gravidade e atenção, depois encolheu os ombros.

— Ela vai perder tudo! — fiz-lhe notar.

— Oh! Sim! — respondeu. — Já fora para o jogo quando eu parti e eu estava certo de que ela ia perder tudo. Se tiver tempo, passo ainda pelo cassino para ver isso, porque deve ser interessante...

— Onde é que foi? — perguntei, admirando-me de não me ter ainda lembrado de lhe fazer essa pergunta.

— A Frankfurt.

— Tratar de negócios?

— Sim.

Que podia eu perguntar-lhe mais? Caminhava a seu lado, mas ele virou bruscamente em direcção ao Hotel das Quatro Nações, que era a caminho, fez-me um sinal com a cabeça e desapareceu.

Ao voltar, formei pouco a pouco a seguinte certeza: mesmo que eu tivesse falado com ele duas horas, nada teria sabido, porque... não tinha nada a perguntar-lhe! Sim, era assim com certeza! Não teria podido, em caso algum, abordar o assunto que me preocupava.

Durante o dia, Paulina passeou no parque com as crianças e a criada ou ficou em casa. Há muito que ela evitava o general e quase não lhe falava, pelo menos de coisas sérias. Eu notara isso já há algum tempo.

Mas, sabendo eu em que situação se encontrava o general agora, pensei que ele não pudera evitar a jovem, isto é, que devia ter havido com certeza entre eles, em família, explicações importantes. Contudo, quando cheguei de novo ao hotel depois da minha conversa com Mr. Astley, encontrei Paulina e as crianças; o seu rosto reflectia a mais calma serenidade, como se só a ela as tempestades familiares tivessem poupado. Correspondeu à minha saudação com um movimento de cabeça. Subi para o meu quarto muito irritado.

Evitava falar-lhe e não voltara a procurá-la uma só vez desde o incidente dos Wurmerhelm. Fazia disso ponto de honra; mas, quanto mais o tempo passava, mais a indignação crescia em mim. Mesmo que não gostasse nada de mim, ela não podia calcar assim aos pés os meus sentimentos e receber as minhas manifestações com tal desprezo. Ela sabia que eu a amava realmente; tolerara, consentira que eu lhe falasse assim! É certo que isso começara de modo estranho entre nós. Há tempos (já há muito, dois meses!) notei que queria tornar-me um amigo, um confidente e que fazia mesmo tentativas nesse sentido. Mas nada resultou; em vez disso, conservámos estas bizarras relações; por isso comecei a falar-lhe assim. Mas se o meu amor lhe desagradava, por que não proibia ela muito simplesmente que lhe falasse nele?

Ora ela não fazia nada; às vezes até chegava a incitar-me a falar... para fazer pouco, é claro. Estou certo disso, porque o senti: era-lhe agradável, depois de me ter ouvido e exasperado até ao sofrimento, desconcertar-me bruscamente com qualquer manifestação inequívoca de desprezo ou de indiferença.

E, no entanto, sabe que eu não posso viver sem ela. Por isso é que, três dias passados sobre a história do barão, já não posso suportar mais a nossa separação. Quando a encontrei há bocado perto do cassino, o coração bateu-me tão depressa que fiquei branco. E ela também não pode viver sem mim! Sou-lhe necessário... Será possível que seja só como bobo? Tem um segredo... é evidente! A conversa que teve com a avó partiu-me o coração. Porque eu pedi-lhe mil vezes que fosse sincera comigo e ela sabe que estou realmente pronto a dar a vida por ela. Mas sempre me afastou com desdém ou, em vez do sacrificio da minha vida que eu lhe oferecia, exigia de mim actos extravagantes, como no outro dia com o barão.

Não é revoltante? Poderá ser que o francês seja tudo para ela? E Mr. Astley? Aqui, a história torna-se decididamente incompreensível, e no entanto... Meu Deus, que tormento sofria eu!

Ao voltar para o meu quarto, num acesso de fúria, peguei na pena e garatujei o que segue.

Paulina Alexandrovna, vejo claramente que o desenlace se aproxima; é claro que também vai atingi-la. Repito-lhe pela última vez: precisa da minha vida? Se lhe posso ser útil? seja. No que for, disponha de mim: passo agora a maior parte do tempo no quarto; não vou a lado nenhum. Se for preciso, escreva-me ou mande-me chamar.

Lacrei o bilhete e entreguei-o ao groom de serviço ao andar com a ordem de o fazer chegar a Paulina por mão própria. Não esperava resposta, mas três minutos depois o groom voltou, comunicando que ela me enviava cumprimentos. Cerca das sete, chamaram-me da parte do general.

Estava no gabinete, vestido como se fosse para sair. O chapéu e a bengala pousados no divã. Quando entrei, pareceu-me vê-lo no centro do quarto, de pernas afastadas, cabeça baixa, e falando sozinho. Mal percebeu que eu entrara, lançou-se sobre mim quase gritando; dei, sem querer, um passo para trás e tentei sair, mas agarrou-me com as duas mãos e puxou-me para o divã; sentou-se nele, fez-me instalar numa cadeira que estava mesmo na sua frente e, sem me largar as mãos, de lábios trémulos, disse-me com voz implorativa com os olhos rasos de água:

— Alexis Ivanovitch, salve-me, salve-me, tenha pena de mim!

Durante um bom bocado fiquei sem perceber nada; o general falava sem cessar e repetia a cada momento: "Tenha pena de mim!"

Percebi finalmente que ele esperava da minha pessoa qualquer coisa como um conselho ou que, talvez, abandonado por todos, presa da angústia e do desespero, se lembrara de mim e me convocara só para falar, falar, falar...

Não estava no seu juízo ou pelo menos perdera completamente a cabeça. Juntava as mãos e parecia prestes a lançar-se a meus pés para que eu (poderiam adivinhá-lo?) fosse imediatamente ter com Mademoiselle Blanche e lhe suplicasse, a exortasse a voltar para ele e a desposá-lo.

— Desculpe, general — exclamei —, mas Mademoiselle Blanche provavelmente nem sequer reparou em mim! Que posso eu fazer?

Era inútil protestar, ele não ouvia o que lhe dizia. Começou a discorrer sobre a avó, manifestando opiniões incoerentes; não renunciava à ideia de recorrer à Polícia.

— No nosso país, no nosso país — irrompeu ele fervendo de súbita indignação —, numa palavra... no nosso país, num Estado bem organizado em que há autoridades, velhas assim seriam imediatamente postas sob tutela. — Sim, meu caro senhor, sim, — continuou o general, adoptando inesperadamente um tom doutoral, levantando-se bruscamente e andando de um lado para o outro —, ainda não sabia isto, caro senhor — dizia, dirigindo-se a um interlocutor imaginário que estava a um canto —, fique pois sabendo que... sim... no nosso país velhas assim são dobradas, subjugadas, sim, caro senhor... Oh!... Que desgraçado sou!

Atirou-se sobre o divã e, momentos depois, prestes a soluçar, contou-me apressadamente, quase esbaforido, que Mademoiselle Blanche não queria casar com ele porque a avó chegara em vez do telegrama e que agora era evidente que ele não receberia a herança. O general pensava que eu não sabia ainda de nada. Quis falar de Des Grieux, mas deteve-me com um gesto.

— Foi-se embora! Tem todos os meus bens como penhor, estou nu como um verme! O dinheiro que o senhor trouxe... esse dinheiro... não sei ao certo quanto é, talvez setecentos francos, creio, é tudo o que me resta, é tudo, e agora, não sei, não sei...

— Como vai pagar a conta do hotel? — exclamei aterrado. — E... depois?

Olhou-me pensativamente, mas era visível que não compreendia nada e nem sequer me ouvira bem. Tentei desviar a conversa para Paulina Alexandrovna, para as crianças, respondeu-me precipitadamente: Sim, sim!, e voltou logo a falar do príncipe que ia partir com Mademoiselle Blanche e então... e então...

— Que vai ser de mim, Alexis Ivanovitch? — disse bruscamente para onde eu estava. — Por Deus! Que vai ser de mim? Diga, é ingratidão, é ingratidão, não acha?

Para acabar, pôs-se a chorar lágrimas em fio.

Nada a fazer com um homem naquele estado. Deixá-lo sozinho também era perigoso: podia acontecer-lhe qualquer coisa. Desembaracei-me dele como pude, mas disse à criada que viesse ver de tempos a tempos como se encontrava ele; além disso falei ao groom de serviço ao andar, rapaz muito inteligente, que me prometeu também vigiar o general.

Mal deixara o general, Potapytch veio pedir-me que fosse ter com a avó. Eram oito horas e a velha senhora acabara de voltar do cassino onde perdera o último cêntimo. Desci: a avó estava sentada na sua cadeira, fatigada e visivelmente doente. Marta deu-lhe uma chávena de chá e obrigou-a a bebê-la quase com emprego da força. E a voz e o ar da avó tinham mudado nitidamente.

— Boa noite, Alexis Ivanovitch, meu caro — disse-me lentamente e inclinando a cabeça com ar grave. — Desculpe incomodá-lo ainda uma vez mais, mas perdoará a esta velha. Ficou-me lá tudo, meu amigo, cerca de cem mil rublos. Tiveste razão de não vir comigo ontem. Agora já não tenho nada, estou sem dinheiro. Não quero demorar-me nem um momento mais, parto às nove e meia. Chamei o teu inglês Astley, parece-me; queria pedir-lhe emprestados três mil francos por oito dias. Diz-lhe que não tenha apreensões e que não me recuse o que lhe peço. Ainda sou bastante rica, meu caro, tenho três aldeias e duas casas e algum dinheiro, pois não trouxe todo. Digo isto para que ele não se inquiete... Ah! Aí está ele! Vê-se que é um homem decente.

Mr. Astley acudira ao primeiro chamamento da avó. Sem hesitação e sem inúteis discursos, contou logo três mil francos aceitando em troca um recibo que a avó assinou. Quando a operação terminou, o inglês cumprimentou e retirou-se.

— Agora deixa-me, Alexis Ivanovitch. Ainda tenho cerca de uma hora: vou estender-me um pedaço, doem-me os ossos. Não te preocupes comigo, não passo de uma velha tonta. Agora, não acusarei mais os jovens de leviandade. Hesito mesmo em censurar o vosso infeliz general. Mas não lhe darei dinheiro, queira

ele ou não, porque acho que é parvo demais, e eu, galinha velha, não sou mais inteligente do que ele. A verdade é que Deus castiga tarde ou cedo a presunção. Vamos, adeus. Marta, levanta-me!

Eu formara no entanto a intenção de acompanhar a avó. Além disso, estava à espera; parecia-me que de um momento para o outro qualquer coisa iria acontecer! Não pude ficar no meu quarto. Saí para o corredor, fui passear durante uns momentos pela álea. A minha carta a Paulina era clara e categórica, e a catástrofe presente com certeza definitiva. No hotel, ouvi falar da partida de Des Grieux. Em suma, se ela me repelia como amigo, talvez me aceitasse como criado. Porque eu sou-lhe necessário, mesmo que não seja senão para lhe fazer os recados! Sim, precisa de mim, é evidente!

No momento da partida, corri à estação e instalei a avó no comboio. Haviam tomado lugar num compartimento reservado.

— Obrigada pela tua ajuda desinteressada, meu amigo — disse-me a velha senhora despedindo-se de mim. — E torna a dizer a Prascóvia o que eu lhe disse ontem. Fico à espera dela.

Voltei ao hotel. Ao passar pelos alojamentos do general, encontrei a criada, informei-me do estado do patrão.

— Vai indo, meu bom senhor — respondeu-me ela tristemente.

Entrei, apesar de tudo, mas parei à porta do gabinete, estupefacto. Mademoiselle Blanche e o general riam às gargalhadas. A viúva Cominges também lá estava, sentada no divã. O general, visivelmente louco de alegria, dizia toda a espécie de absurdidades e tinha acessos de hilaridade nervosos e prolongados que lhe marcavam o rosto com inúmeras rugas e lhe faziam desaparecer os olhos.

Soube mais tarde, pela própria Mademoiselle Blanche, que depois de ter corrido com o príncipe e sabido do desespero do general, quisera consolá-lo e viera fazer uma visitinha.

Mas o pobre general não sabia que nesse mesmo minuto a sua sorte já estava decidida e que Mademoiselle Blanche começara a preparar as malas para partir no dia seguinte para Paris no primeiro comboio da manhã.

Parado uns momentos à porta do gabinete, renunciei a entrar e retirei-me sem que se apercebessem de mim. Subi para o meu quarto. Ao abrir a porta, distingui na semiobscuridade uma silhueta sentada numa cadeira a um canto, perto da janela. Levantou-se quando eu entrei. Aproximei-me rapidamente, olhei, e... faltou-me a respiração: era Paulina!

## Capítulo XIV

Soltei um grito.

— Então, que é que tem? — perguntou-me com voz estranha.

Estava pálida e parecia de humor sombrio.

— Que tenho? Você! Aqui, no meu quarto!

— Quando venho, venho inteira. É meu hábito. Vai ver já; acenda uma vela. — Obedeci. Ela levantou-se, aproximou-se da mesa e pousou diante de mim uma carta já aberta.

— Leia — ordenou-me.

— É a letra de Des Grieux — gritei, pegando na carta. As mãos tremiam-me e as linhas dançavam diante dos meus olhos. Já não me lembro dos termos exactos da carta, mas aqui deixo, se não palavra por palavra, pelo menos ideia por ideia.

Mademoiselle (escrevia Des Grieux), desagradáveis circunstâncias obrigam-me a partir sem uma palavra. Notou certamente que eu evitei de propósito uma explicação definitiva consigo antes de tudo estar esclarecido. A chegada da vieille dame, sua parente, e a conduta absurda que ela teve puseram termo às minhas hesitações. A desordem dos meus próprios assuntos proíbe-me decididamente de alimentar as doces esperanças que consenti me embalassem algum tempo.

Lamento o que se passou, mas espero que não encontre nada na minha conduta que seja indigno dum gentilhomme e de um honnête homme. Tendo perdido quase todo o meu dinheiro no pagamento das dívidas de seu padraсто, encontro-me reduzido à necessidade de utilizar o que me resta.

Já comuniquei aos meus amigos de Sampetersburgo que deviam proceder sem demora à venda dos bens que tenho como penhor; sabendo, no entanto, que o seu leviano padraсто desbaratou toda a fortuna de mademoiselle, decidi fazer-lhe dom de cinquenta mil francos e dar-lhe até ao montante desta soma uma parte das declarações de dívida; tem, pois, agora, a possibilidade de reaver tudo o que perdeu, exigindo a restituição dos seus bens por via judicial. Espero, mademoiselle, que, no estado actual das suas coisas, a minha iniciativa lhe seja proveitosa. Espero também, com este gesto, preencher os deveres de um homem de honra. Garanto-lhe que a sua lembrança ficará para sempre gravada no meu coração.

— Muito bem, é evidente — disse voltando-me para Paulina. — Esperava realmente outra coisa? — continuei com indignação.

— Não esperava nada — respondeu-me com aparente calma, mas havia uma tremura na sua voz. — Há muito tempo que formei a minha opinião: li-a nos pensamentos dele. Julgava que o procurava... que eu insistiria... (a meio da frase parou, mordeu os lábios e calou-se). Propositadamente dupliquei as manifestações de desprezo para com ele — continuou Paulina —, a ver qual seria a sua reacção. Se o telegrama tivesse chegado, eu atirar-lhe-ia à cabeça o dinheiro que lhe deve esse idiota (o meu padraсто), e correria com ele! Há muito, há muito já que não posso suportá-lo. Oh! Dantes era um homem diferente, um homem muito diferente! E agora, agora!... Com que alegria lhe atiraria eu agora os cinquenta mil francos cuspindo-lhe na cara!

— Mas esse papel, essa declaração de dívida de cinquenta mil francos que ele lhe deu, está nas mãos do general? Pegue nela e devolva-a a Des Grieux.

— Oh! Não é a mesma coisa! Não é a mesma coisa!

— Sim, é verdade! Para que serve o general agora? E a avó? — exclamei subitamente.

Paulina olhou-me com ar distraído e impaciente.

— A avó? — perguntou ironicamente. — Não posso ir para casa dela... e não quero pedir perdão a ninguém — ajuntou exasperada.

— Que fazer? — exclamei. — Mas como, como pôde amar Des Grieux?! É um velhaco, um velhaco! Quer que o mate em duelo? Onde está ele agora?

— Em Frankfurt, fica lá três dias.

— Uma palavra sua e parto para lá amanhã no primeiro comboio! — disse eu com uma exaltação idiota.

Ela começou a rir.

— Sim, e ele ia dizer-lhe talvez: Devolva-me primeiro os cinquenta mil francos. E por que havia ele de bater-se? Que estupidez!

— Mas então onde ir buscar, onde ir buscar esses cinquenta mil francos — teimava eu rangendo os dentes —, como se fosse possível subitamente apanhar esse dinheiro do chão. Ouça, e Mr. Astley? — perguntei-lhe, enquanto uma estranha ideia me assaltava.

Os olhos dela começaram a brilhar.

— Então, queres que te deixe por esse inglês? — disse fixando em mim um olhar penetrante e sorrindo amargamente. Era a primeira vez que me tratava por tu.

Sem dúvida, nesse momento, a cabeça andava-lhe à roda de emoção: sentou-se bruscamente no divã. Parecia ter chegado ao limite das forças.

Fiquei assombrado como por um relâmpago; ali, de pé, sem acreditar no que os meus olhos viam, no que os meus ouvidos ouviam!

Então era verdade: ela amava-me! Viera ter comigo e não com Mr. Astley! Ela, uma rapariga, viera sozinha ao meu quarto, num hotel! Comprometia-se assim aos olhos de todos, e eu continuava para ali, parado diante dela, sem compreender!

Um pensamento louco cintilou-me no espírito.

— Paulina! Dá-me só uma hora! Espera aqui uma hora que eu... volto já! É... é indispensável! Vais ver! Fica aí, fica aí!

E saí do quarto a correr, sem responder ao seu olhar interrogador. Gritou qualquer coisa, mas não voltei atrás.

Sim, às vezes o pensamento mais louco, aparentemente mais impossível, enraíza-se tão fortemente no nosso espírito, que acabamos por acreditar que é realizável... Mais ainda: se essa ideia está ligada a um desejo violento, apaixonado, acolhemo-la finalmente como algo de fatal, de necessário, de predestinado, como algo que não pode deixar de ser e de acontecer! Talvez haja nisto qualquer coisa mais: uma combinação de pressentimentos, um esforço extraordinário da vontade, uma auto-intoxicação pela imaginação, ou outra coisa ainda... Não sei, mas nessa noite (que jamais esquecerei) aconteceu-me uma aventura miraculosa. Embora possa explicar-se perfeitamente com a aritmética, não é por isso menos miraculosa a meus olhos. E por que, por que essa certeza estava tão profundamente, tão solidamente enraizada em mim, e há tanto tempo? Porque pensava nisso, permitam-me que volte a dizê-lo, não como numa eventualidade possível (e consequentemente incerta), mas como em qualquer coisa que não podia deixar de acontecer!

Eram dez e um quarto; entrei no cassino com uma esperança firme e ao mesmo tempo uma emoção que jamais sentira. Ainda havia gente nas salas de jogo. Mas duas vezes menos do que de manhã.

Às onze só ficam à volta das mesas os verdadeiros jogadores, os jogadores inveterados, para os quais, nas termas, não existe senão a roleta; só vieram por causa da roleta, mal percebem o que se passa à volta deles e não se interessam por mais nada durante a época inteira; não fazem outra coisa senão jogar de manhã à noite e estariam com certeza prontos a jogar durante toda a noite até de madrugada se fosse possível. É sempre contra-vontade que se dispersam quando à meia-noite fecha o cassino. E quando o mais antigo dos croupiers, antes do encerramento, um pouco antes da meia-noite, anuncia: *Les trois derniers coups, messieurs!*, os jogadores inveterados estão prontos, frequentemente, a apostar tudo o que têm nos bolsos nestes três lances, e é, com efeito, a essa hora que se perdem as maiores quantias. Dirigi-me para a mesa onde estivera sentada a avó. Não havia grande aperto, pude assim ocupar rapidamente um lugar de pé junto à mesa. Precisamente à minha frente, no pano verde, estava escrita a palavra: *passé*.

*Passé* é uma sequência de números de 19 a 36. A primeira série, de 1 a 18, chama-se *manqué*; mas que me importava? Não fazia cálculos e nem sequer ouvira o último número saído; não procurei informar-me ao começar, como teria feito o jogador menos precavido. Tirei os meus vinte fredericos e pu-los no *passé*.

— *Vingt-deux!* — gritou o croupier.

Ganhara. Arrisquei novamente tudo: a minha primeira aposta e o ganho.

— *Trente et un!* — proclamou o croupier.

Novo ganho! Dava ao todo oitenta fredericos! Pus tudo nos doze números do centro (ganho triplo mas duas possibilidades contra); o prato começou a girar e o 24 saiu. Deram-me três rolos de cinquenta fredericos e dez moedas de ouro; tinha agora ao todo duzentos fredericos.

Numa espécie de transe febril, empurrei todo esse dinheiro para o vermelho... e de repente, tomei consciência! Foi a única vez no decurso da noite que o medo me ganhou, revelando-se por um tremor das mãos e dos pés. Senti com horror, num relâmpago de consciência, o que tal perda significaria para mim nesse momento! Era a minha vida inteira que estava em jogo!

— *Rouge!* — gritou o croupier. Respirei de novo: formigas ardentes corriam-me pelo corpo. Pagaram-me em notas: o ganho subia a quatro mil florins e oitenta fredericos (ainda estava em condições de fazer as contas).

Depois, lembro-me de que pus dois mil florins sobre os números do centro e perdi; joguei as moedas de ouro e os oitenta fredericos e perdi. A fúria apossou-se de mim: peguei nos dois mil florins que me restavam e pu-los nos doze primeiros números... assim, ao acaso, às cegas, sem calcular.

Houve, de resto, um momento de suspensão, uma emoção semelhante, talvez, à que experimentou Madame Blanchard (1) quando em Paris foi precipitada do seu balão para o solo.

— *Quatre!* — gritou o croupier.

Com a aposta precedente, isso dava-me de novo seis mil florins. Eu já tomava ares triunfantes e deixara de ter medo fosse do que fosse. Lancei quatro mil florins no preto. Uma dezena de pessoas precipitou-se e apostou como eu no preto. Os croupiers trocavam olhares e falavam uns com os outros em redor; falavam e estavam à espera.

O preto saiu. A partir desse momento, não me lembro mais nem do montante, nem da série de jogadas. Lembro-me só, como num sonho, de que já estava a ganhar cerca de dezasseis mil florins.

\*1. Alusão a Sophie Blanchard, que, com seu marido, o francês François Blanchard, inventor do pára-quadras, efectuou diversas viagens aéreas; em 1819, já então viúva, morreu, vítima da explosão dum balão de que, sobre Paris, lançava fogo-de-artifício.

De repente, três lances infelizes fizeram-me perder doze mil; então pus os últimos quatro mil florins no passe (mas não senti nada de especial no momento; esperava maquinalmente, sem pensar em nada). Ganhei de novo, depois ganhei ainda quatro lances de seguida. Só me lembro de apanhar florins aos milhares; lembro-me também que foram os números do centro, nos quais insisti, que saíram com mais frequência. Saíam regularmente, sempre três ou quatro vezes de seguida. Depois desapareciam durante dois lances e voltavam outra vez em três ou quatro lances consecutivos. Esta espantosa regularidade acha-se por períodos e é precisamente isto que despista os jogadores profissionais que fazem cálculos, de lápis na mão. Que terríveis ironias do destino não se manifestam aqui?

Penso que não tinha ainda decorrido meia hora desde a minha chegada. Subitamente, o croupier comunicou-me que eu ganhara já trinta mil florins, que a banca não podia responder numa só sessão por quantia superior e que iam fechar a roleta até à manhã seguinte. Peguei no meu ouro, meti-o nas algibeiras, apanhei as notas todas e passei logo para outra sala onde havia outra roleta; todos se precipitaram atrás de mim; nessa roleta deram-me logo lugar e recomecei a jogar à toa, sem calcular. Não sei o que me salvou!

De tempos a tempos, de resto, a ideia de fazer cálculos passava-me pela cabeça. Prendia-me a certos números, a certas possibilidades, mas depressa os abandonava e recomeçava a jogar quase inconscientemente. Eu devia estar muito distraído; lembro-me de que os croupiers corrigiram várias vezes o meu jogo. Cometia erros grosseiros. As têmeoras latejavam-me, as mãos tremiam-me. Polacos acorreram a oferecer-me os seus serviços, mas eu não ouvia ninguém. A sorte não me abandonava!

Inesperadamente, soaram à minha volta vozes, risos.

"Bravo, bravo!", gritavam as pessoas; alguns chegaram a aplaudir. Eu arrebatara de novo trinta mil florins e iam fechar a banca até ao dia seguinte.

— Vá-se embora, vá-se embora! — murmurou alguém à minha direita. Era um judeu de Frankfurt; estivera sempre a meu lado e ajudara-me, penso, uma ou duas vezes.

— Por amor de Deus vá-se embora! — segredou outra voz ao meu ouvido esquerdo. Lancei uma olhadela. Era uma senhora duns trinta anos, bem vestida

mas com modéstia, de rosto fatigado, de uma palidez doentia, mas que deixava perceber que fora maravilhosamente bela. Nessa altura, eu enchia as algibeiras de notas que amarrotava, e recolhia o ouro que ainda ficara na mesa. Peguei no último rolo de cinquenta fredericos e consegui, sem me fazer notar, metê-lo na mão da senhora pálida; sentia um terrível desejo de fazer isto e lembro-me de que os seus finos e esguios dedos me apertaram a mão em sinal de vivo reconhecimento. Isto não demorou mais que um segundo.

Depois de ter apanhado tudo, dirigi-me imediatamente para o trente et quarante.

O trente et quarante é frequentado por um público aristocrático. Já não é a roleta, mas um jogo de cartas. Nesse jogo, a banca responde por cem mil thalers. A maior aposta é também de quatro mil florins. Eu ignorava totalmente a marcha do jogo e não conheceria quase nenhuma jogada, se não fosse o vermelho e o preto também se encontrarem lá. Dediquei-me pois a eles. Todo o cassino se juntava à minha volta. Não me lembro de ter pensado uma só vez em Paulina durante essa noite. Eu experimentava um prazer irresistível em apanhar e recolher as notas que se amontoavam à minha frente.

Dir-se-ia realmente que o destino me empurrava. Dessa vez, como que propositadamente, deu-se uma circunstância que se reproduz de resto com bastante frequência no jogo.

A sorte agarra-se, por exemplo, ao vermelho e não o deixa durante dez ou mesmo quinze lances. Eu ouvira dizer na antevéspera que o vermelho saíra vinte e duas vezes seguidas na semana anterior; ninguém na roleta se lembrava de semelhante caso e falava-se dele com vivo espanto. É claro, toda a gente abandona logo o vermelho e passados dez lances, por exemplo, ninguém ousa apostar nele. Mas nenhum jogador experimentado jogará no preto, oposto ao vermelho. Um jogador exercitado sabe o que significa o capricho do acaso. Por exemplo, podia julgar-se que após o décimo sexto lance, o décimo sétimo deve cair infalivelmente no preto. Os novatos lançam-se em bando sobre essa possibilidade, duplicam e triplicam as paradas e sofrem perdas terríveis.

Ao contrário, por uma fantasia bizarra, tendo notado que o vermelho saíra sete vezes seguidas, foi nele que insisti.

Estou convencido de que o amor-próprio foi em boa parte responsável por esta atitude; eu queria espantar os espectadores correndo um risco insensato e (estranha sensação!) lembro-me nitidamente que, de súbito, sem ser de modo algum espicaçado pelo amor-próprio, fui possuído pela sede do risco. Talvez que, depois de ter passado por tão grande número de sensações, a alma não possa saciar-se mas só irritar-se e exija sensações novas, mais e mais violentas, até ao esgotamento total. E, verdadeiramente, não estou a mentir, se o regulamento me permitisse apostar cinquenta mil florins de uma só vez, tê-los-ia arriscado. À minha volta gritavam que era insensato, que era a décima quarta vez que o vermelho saía!

— Monsieur a déjà gagné cent mil florins — disse alguém a meu lado.

Acordei de repente. Como? Eu ganhara nessa noite cem mil florins! Mas não precisava de mais! Lancei-me sobre as notas, meti-as desordenadamente na algibeira, sem contar, recolhi o ouro, os rolos todos, e saí precipitadamente do

cassino. Toda a gente ria vendo-me atravessar as salas, de algibeiras esbeçadas e de andar incerto por causa do peso do ouro. Julgo que trazia mais de meio pound (1). Mãos estenderam-se para mim; eu distribuía dinheiro às mãos cheias, tanto quanto na mão podia caber. Dois judeus detiveram-me próximo da porta.

— É audacioso, muito audacioso! — disseram-me. — Mas vá-se embora amanhã de manhã, logo que possa, senão perderá tudo...

Eu não os ouvia. A álea estava tão escura que eu não podia ver as próprias mãos. Tinha de percorrer cerca de meia versta até ao hotel. Nunca tive medo de ladrões nem de rufiões, mesmo quando era criança; também nesse momento não me preocupei com eles. Não me lembro de resto em que ia a pensar durante o caminho; tinha a cabeça vazia. Experimentava só um prazer violento, o do sucesso, da vitória, do poder; não sei como exprimir-me. A imagem de Paulina passava-me diante dos olhos, não deixava de perceber que ia ter com ela, que ia encontrá-la, contar-lhe o que se passara, mostrar-lhe o meu dinheiro... Mas mal me lembrava do que ela me dissera ainda há pouco, da razão que me levava ao cassino, e todas essas sensações recentes, experimentadas hora e meia antes, pareciam-me agora pertencer a um passado longínquo, abolido, ao qual nem sequer faríamos alusão, porque tudo ia recomeçar de novo. Só no fim da álea é que o medo me invadiu: E se agora me matassem e me roubassem o dinheiro?, A cada passo que dava, o terror duplicava. Quase corria. De repente, no fim da álea, a fachada do hotel apareceu, brilhante de mil luzes. Graças a Deus, chegara!

Subi quatro a quatro os degraus até ao meu andar e abri bruscamente a porta. Paulina lá estava, sentada no meu divã, diante de uma vela acesa, as mãos juntas. Olhou-me com estupefacção: eu tinha com certeza nesse momento um estranho aspecto. Parei diante dela e atirei todo o dinheiro para cima da mesa.

\*1. Meio pound: cerca de oito quilos.

## Capítulo XV

Ela olhava-me fixamente, sem se mexer, sem sequer mudar de atitude.

— Ganhei duzentos mil francos! — gritei-lhe tirando do bolso o último rolo. Um grande monte de notas e de moedas de ouro cobria a mesa. Eu não podia tirar dele os olhos; por momentos, esqueci completamente Paulina. Ora começava a pôr as notas por ordem, juntando-as em maços, ora amontoava o ouro à parte, ora espalhava tudo e punha-me a andar de um lado para o outro rapidamente, absorvido nos meus pensamentos; ou então, subitamente, voltava para junto da mesa e recomeçava a contar o meu dinheiro. De repente, retomando a consciência, precipitei-me para a porta e fechei-a com duas voltas. Depois, parei, irresoluto, diante da minha pequena mala.

— Será preciso pô-lo na mala até amanhã? — perguntei virando-me bruscamente para Paulina e lembrando-me então da sua presença.

Continuava sentada no mesmo lugar, sem se mexer, mas não tirava os olhos de mim. Tinha uma expressão estranha que me desagradou. Não me engano se disser que era de ódio.

Aproximei-me dela rapidamente.

— Paulina, aqui estão vinte e cinco mil florins, o que dá cinquenta mil francos, talvez mais. Pegue neles e vá deitar-lhos à cara amanhã.

Não respondeu.

— Se quiser, eu mesmo os levo amanhã de manhã. Sim?

Inesperadamente começou a rir. Riu durante bastante tempo. Encarei-a com dolorosa surpresa. Aquele riso era muito semelhante ao riso trocista com que ela recebia freqüentemente (e recentemente ainda) as minhas declarações mais apaixonadas.

Por fim, parou e franziu as sobrancelhas. Olhou-me, sem levantar os olhos, com ar severo.

— Não quero o seu dinheiro — disse-me com desprezo.

— Como? Que se passa? — exclamei. — Paulina, porquê isso?

— Não aceito dinheiro por nada.

— Ofereço-lho na qualidade de amigo, ofereço-lhe a minha vida.

Deixou cair sobre mim um longo olhar inquisidor, como se quisesse penetrar na minha alma.

— Está a ser generoso — disse com um risinho. — A amante de Des Grieux não vale cinquenta mil francos.

— Paulina, como pode falar-me assim! — disse eu em tom de censura. — Não sou Des Grieux.

— Odeio-o! Sim... sim! Amo-o tanto como amo Des Grieux! — gritou, e os seus olhos começaram a cintilar.

Escondeu a cara nas mãos e teve uma crise nervosa. Corri para ela.

Percebi que lhe devia ter acontecido qualquer coisa durante a minha ausência. Parecia não estar senhora de si.

— Compra-me, não queres? Não queres? Por cinquenta mil francos como Des Grieux? — exclamou por entre convulsivos soluços.

Tomei-a nos braços, beijei-lhe as mãos, os pés, caí de joelhos diante dela.

A crise passara. Ela pôs as mãos nos meus ombros e contemplou-me com atenção. Dir-se-ia que queria ler algo no meu rosto. Ouvia-me, mas era visível que não percebia o que eu estava a dizer-lhe. Uma expressão preocupada, sonhadora, inscreveu-se-lhe no rosto. Sentia-me inquieto; tinha decididamente a impressão de que ela estava a ficar louca.

Puxou-me suavemente para si; um sorriso confiante perpassava-lhe nos lábios; depois, de repente, repeliu-me e voltou a encarar-me com ar sombrio.

Bruscamente, abraçou-me.

— Amas-me, não é verdade? Amas-me? — dizia. — Porque... porque... querias bater-te por mim com o barão! — e disparou numa gargalhada, como se estivesse a evocar uma lembrança cómica e divertida. Ria e chorava ao mesmo tempo.

Que podia eu fazer? Também estava febril. Lembro-me de que ela começou a falar-me... mas quase nada percebi, pois era uma espécie de delírio: balbuciava

como se quisesse contar-me apressadamente qualquer coisa; o delírio era interrompido volta e meia por uma gargalhada alegre que começava a assustar-me.

— Não, não, tu és gentil, gentil! — repetia. — És o meu amigo fiel! — E punha de novo as mãos nos meus ombros, voltava a contemplar-me e repetia: — Tu amas-me... tu amas-me... amas-me mesmo?

Não deixava de a observar; nunca a vira nesses transportes de ternura e de amor; é verdade que se tratava de delírio, mas... notando a minha expressão apaixonada, teve subitamente um sorriso malicioso; inconsideradamente, começou a falar de Mr. Astley.

De resto, desviava frequentemente a conversa para Mr. Astley (sobretudo momentos antes, quando tentara contar-me qualquer coisa), mas eu não podia perceber exactamente o que significava isso. Julgo mesmo que troçava de mim; ela repetia a todo o instante que ele estava à espera... e que eu ignorava talvez que ele estava à espera sob a minha janela.

— Sim, sim, sob a janela, abre, olha, olha, ele está lá!

Empurrava-me para a janela, mas mal eu fazia um movimento nessa direcção, desatava a rir loucamente e eu ficava junto dela; então, lançava-se para mim e abraçava-me.

— Vamos embora? Amanhã, vamos embora?...

Esta ideia parecia deixá-la subitamente inquieta.

— E nós (tornava-se sonhadora) iremos ter com a avó, que achas? Julgo que conseguiremos apanhá-la ainda em Berlim. Que pensas que ela vai dizer quando nos vir? E Mr. Astley? Esse não se lançaria do alto do Schlangenberg, não é? (desatava a rir). Ouve: sabes onde é que ele vai no próximo Verão? Quer ir ao Pólo Norte para fazer pesquisas científicas e convidou-me... Ah! Ah! Ah! Diz que nós, os russos, nada saberíamos sem a ajuda dos europeus e que não prestamos para nada... Mas é bom, também é bom! Sabes, consegue desculpar o general. Diz que Blanche... que a paixão... enfim, não sei, não sei — continuou como se estivesse desorientada e sem palavras. — Pobrezinhos, como os lamento, e à avó também... Ouve, ouve, como poderias tu matar Des Grieux? Mas nem matarias sequer o barão! — acrescentou começando a rir. — Como estavas engraçado, outro dia, com o barão; fiquei a observar-vos sentada no meu banco; e como te contrariava ir falar com ele, quando te mandei! O que eu ri, o que eu ri! — ajuntou Paulina explodindo de riso.

E de repente começou a beijar-me, a apertar-me, a encostar a minha cara à sua com apaixonada ternura. Eu já não conseguia pensar em nada, já não ouvia nada, a cabeça andava-me à roda...

Eram cerca das sete horas da manhã quando consegui recobrar o domínio de mim mesmo; o sol entrava no quarto. Paulina estava sentada a meu lado e passeava o olhar em redor com estranha expressão, como se estivesse a sair da escuridão e tentasse coordenar as suas recordações. Acabava também de acordar e olhava fixamente para a mesa e para o dinheiro.

A cabeça pesava-me e doía-me. Tentei pegar na mão de Paulina: repeliu-me e levantou-se bruscamente do divã. O dia que começava parecia sombrio; chovera pouco antes da madrugada. Aproximou-se da janela, abriu-a, debruçou-

se e, com os cotovelos no peitoral, ficou assim alguns minutos, sem se voltar para mim e sem prestar atenção ao que eu lhe dizia. Assaltou-me uma ideia terrível: que ia acontecer agora e como acabaria tudo isto? De repente, deixou a janela, caminhou para a mesa, e, encarando-me com uma expressão de infinito ódio, os lábios trémulos de fúria, disse-me:

— Muito bem, dá-me agora os meus cinquenta mil francos!

— Paulina, voltas à mesma! — disse.

— A não ser que tenhas mudado de ideias! Ah! Ah! Ah! Se calhar até lamentas?

Os vinte e cinco mil florins contados na véspera estavam sobre a mesa: peguei neles e entreguei-lhos.

— Então são meus agora? São? São? — perguntou-me com irritação, segurando o dinheiro.

— Sempre foram teus — respondi-lhe.

— Bem, muito bem, aqui estão os teus cinquenta mil francos! — ergueu o braço e atirou-mos à cara. O maço bateu-me em cheio na cara e desfez-se no chão. Depois disto, Paulina saiu do quarto a correr. Sei que nesse minuto ela não estava no seu juízo, embora eu não compreenda essa loucura passageira. É verdade que está ainda doente, e já passou um mês sobre a cena. Qual foi, no entanto, a causa desse estado, e sobretudo dessa saída? Sentia-se ofendida na sua dignidade? Seria o desespero que a levava a procurar-me? Não teria eu tido o ar de me envaidecer com a minha felicidade e de querer, tal como Des Grieux, desembaraçar-me dela dando-lhe cinquenta mil francos? No entanto, em perfeita consciência não fora assim.

Julgo que a culpa se deve em parte ao seu orgulho; foi o orgulho que a levou a não me dar a sua confiança e a insultar-me, embora tudo isto lhe aparecesse, sem dúvida, muito confusamente. Se assim é, paguei com certeza por Des Grieux e achei-me na situação de culpado, talvez sem ter nisso muita culpa. A verdade é que tudo isto não passou de delírio; a verdade é que eu sabia que ela estava a delirar e... não prestei atenção a esta circunstância. Poderá ela perdoar-me agora? Sim, mas será agora, ao passo que no outro dia, no outro dia? O delírio e a doença seriam tão violentos que lhe fizessem esquecer o que vinha fazer ao procurar-me com a carta de Des Grieux? Logo, ela sabia o que estava a fazer! Enfiei de qualquer maneira, às pressas, as notas e o ouro na minha cama, puxei a coberta e saí, mais ou menos dez minutos depois de Paulina. Estava certo de que fugira para os seus aposentos e quis entrar silenciosamente neles e informar-me na antecâmara, junto da criada, da saúde dela. Qual não foi o meu espanto quando a criada, que encontrei na escada, me disse que Paulina não voltara ainda e que vinha procurá-la ao meu quarto.

— Saiu de lá mesmo agora — disse-lhe —, talvez há dez minutos. Onde teria ela ido?

A criada olhou-me com ar de censura. No entanto, a história já corria no hotel. Contava-se a meia-voz no cubículo do porteiro e no gabinete do maitre que a Fraulein saíra a correr, às seis horas da manhã, sob a chuva e se dirigira para o Hotel de Inglaterra. Pelo que eles diziam e insinuavam, compreendi que sabiam já que Paulina passara toda a noite no meu quarto. Já se falava, aliás, da família

do general; sabia-se que na véspera ele perdera a cabeça e soluçara tão alto que se ouviu em todo o hotel. Corria já que a avó era mãe dele, que viera expressamente da Rússia para proibir ao filho o casamento com Mademoiselle de Cominges e o deserdar se desobedecesse. Como ele se recusara a submeter-se, a condessa arruinara-se na roleta, aos olhos dele e deliberadamente, para não lhe deixar nada. "Diese Russen!" (1), repetia o maitre com indignação sacudindo a cabeça. Os outros riam. O maitre preparava a conta. Já se sabia que eu ganhara: Karl, o groom do meu andar, foi o primeiro a felicitar-me. Mas eu pensava noutra coisa. Corri para o hotel de Inglaterra.

Era ainda cedo; Mr. Astley não recebia ninguém. Tendo sabido no entanto que era eu, veio ao meu encontro no corredor e ficou plantado diante de mim, fixando-me com o seu olhar apagado, e à espera do que eu lhe fosse dizer. Pedi-lhe logo notícias de Paulina.

— Está doente — respondeu Mr. Astley, sem me desfitar.

— Então sempre é verdade que está aqui?

— Sim, está aqui.

— E o senhor... tem a intenção de a conservar aqui?

— Sim.

— Mr. Astley, isso vai dar escândalo; é impossível. Além disso, está muito doente; já viu bem?

— Oh! Sim, eu mesmo lhe disse que ela estava doente. Se não estivesse doente não teria passado a noite no seu quarto.

— Ah, também sabia disso?

— Sim. Ela devia vir ontem para que eu a levasse para casa de uma das minhas parentes, mas como estava doente enganou-se e foi ter consigo.

— Ora veja! Muito bem, Mr. Astley, permita-me que o felicite. A propósito, tenho uma ideia; o senhor não passou a noite sob a minha janela? Miss Paulina disse-me incessantemente que abrisse a janela e que olhasse para ver se o senhor estava lá em baixo: isso dava-lhe muita vontade de rir.

\*1. Estes russos!

— Será possível? Não, eu não estava debaixo da janela; esperava no corredor e andava pelas proximidades.

— É preciso tratar dela, Mr. Astley.

— Sim, já chamei um médico; se ela morrer, você tem que me prestar contas da sua morte.

Fiquei atónito.

— Por Deus, Mr. Astley, que pretende dizer?

— É verdade que ganhou ontem duzentos mil thalers? — Cem mil florins somente. — Ora aí está! E vai partir já para Paris.

— Porquê?

— Não há russo que, logo que tenha dinheiro, não vá a Paris — explicou-me Mr. Astley, dizendo estas palavras como se as tivesse lido num livro.

— Que vou eu fazer para Paris, no Verão? Amo-a, Mr. Astley, bem o sabe!

— Realmente? Estou persuadido do contrário. Além disso, se fica aqui, vai perder com certeza tudo o que tem e deixará de ter possibilidade de ir a Paris. Bem, adeus, estou absolutamente convencido de que o senhor vai partir hoje mesmo.

— Está bem, adeus, mas não partirei. Pense, Mr. Astley, no que vai acontecer!... Resumindo, o general... e agora, este incidente com Miss Paulina... vai saber-se em toda a cidade.

— Sim, em toda a cidade: penso que o general é indiferente a isso, tem muito em que pensar. De resto, Miss Paulina tem absolutamente o direito de habitar onde lhe agrada. No que respeita à sua família, pode dizer-se com toda a propriedade que já não existe.

Quando me fui embora, ri da estranha segurança desse inglês, que pretendia que eu ia partir para Paris. No entanto, querem matar-me em duelo se Mademoiselle Paulina morrer, pensava eu, o que ainda é agradável. Juro que tinha pena de Paulina, mas, coisa estranha, desde o preciso momento em que me aproximara ontem da mesa de jogo e começara a juntar maços de notas, o meu amor passara de certo modo para segundo plano. Confesso-o agora; no momento, não tive perfeita consciência disso. Era eu então um verdadeiro jogador? Amava então Paulina de maneira tão... bizarra? Não. Deus é testemunha de que a amo ainda! E quando saí de falar com Mr. Astley, sofria sinceramente e censurava-me asperamente no caminho para o hotel. Mas... aconteceu-me uma estranha e estúpida aventura. Dirigia-me apressadamente aos aposentos do general, quando, de repente, já perto deles, uma porta se abriu e alguém me chamou. Era a viúva Cominges: chamara-me por ordem de Mademoiselle Blanche. Entrei no apartamento da mulher. Tinha uma pequena suite de dois quartos. Ouvia-se o riso e a voz de Mademoiselle Blanche no quarto de cama. Estava a levantar-se.

— Ah, c'est lui! Viens donc, bête! Est-ce vrai que tu as gagné une montagne d'or et d'argent? J'aimerais mieux l'or.

— Sim, ganhei — respondi rindo.

— Quanto?

— Cem mil florins.

— Bibi, comme tu es bête! Vá, entra, não ouço nada. Nous ferons bombance, n'est-ce pas?

Entreí. Estava deitada sob uma coberta de cetim cor-de-rosa que deixava a nu ombros morenos, redondos, admiráveis: ombros como só em sonho se vê, desleixadamente recobertos por uma camisa de cambraia guarnecida de rendas de deslumbrante brancura que realçavam extraordinariamente o bronzeado da pele.

— Mon fils, as-tu du coeur? — exclamou quando me viu, e desatou a rir. Ria sempre com muita disposição e, por vezes, com todo o à-vontade.

— Tout autre... — disse eu para começar, parafraseando Corneille.

— Olha, olha — começou ela a chilrear; — primeiro, vai buscar as minhas meias e ajuda-me a enfiá-las; e depois, si tu n'es pas trop bête, je te prends à Paris. Como deves saber, parto imediatamente.

— Imediatamente?

— Dentro de meia hora.

Com efeito, estava tudo arrumado. As bagagens já prontas. O café fora servido há muito.

— Eh bien, se quiseses, tu verras Paris. Dis donc, qu'est-ce que c'es qu'un outchitel? Tu étais bien bête, quand tu étais un outchitel! Onde param as minhas meias? Vá, enfia-mas!

Mostrou um pezinho realmente adorável: moreno, pequeno, nada deformado como acontece com os pés que de tão graciosos parecem botinas. Pus-me a rir e a esticar sobre a sua perna a meia de seda. Mademoiselle Blanche, sentada na cama, palavra.

— Eh bien, que feras-tu., si je te prends avec? Primeiro, je veux cinquante mille francs. Podes dar-mos em Frankfurt. Nous allons à Paris; lá viveremos juntos e je te ferai voir des étoiles en plein jour. Verás mulheres como nunca viste. Ouve...

— Espera! Se te dou cinquenta mil francos, com quanto ficarei?

— Et cent cinquante mille francs que esqueceste? Além disso, consinto em viver contigo um mês, dois, que sais je! É claro que gastaremos em dois meses esses cento e cinquenta mil francos. Como vês, je suis bonne enfant, previno-te; mais tu verras des étoiles!

— Como? Tudo em dois meses?

— Quê? Isso assusta-te? Ah! vil escravo! Mas serás capaz de perceber que um mês dessa vida vale mais que toda a tua existência? Um mês... et après, le déluge! Mais tu ne peux comprendre, va! Vai-te, vai-te, não mereces isso! Ai, que fais-tu?

Estava a enfiar-lhe a outra meia, mas não me sustive e beijei-lhe o pé. Puxou-o para si e começou a dar-me na cara com a ponta do pé. Depois, mandou-me embora.

— Eh bien, mon outchitel et attends se tu veux, parto dentro de um quarto de hora! — gritou-me.

Ao voltar para o meu quarto, já estava como que preso da vertigem. Não era culpa minha se Mademoiselle Paulina me atirara à cara o maço de notas e preferira, a partir dessa noite, Mr. Astley à minha pessoa! Algumas notas estavam ainda no chão: apanhei-as. Nesse momento, a porta abriu-se e o maitre (que anteriormente nem sequer me olhava) entrou e convidou-me a ir ocupar um apartamento no andar de baixo, o apartamento que acabara de deixar o conde V...

Estive uns momentos a pensar:

— A conta! — gritei, parto para Paris dentro de dez minutos.

— Seja para Paris! — disse com os meus botões. Já estava escrito!

Um quarto de hora mais tarde, estávamos efectivamente sentados os três num compartimento reservado: Mademoiselle Blanche, a viúva Cominges e eu. Mademoiselle Blanche ria até às lágrimas quando olhava para mim. Madame Cominges acompanhava-a; quanto a mim, não posso dizer que estivesse alegre. A minha vida partia-se em dois, mas desde a véspera que eu me habituara a apostar numa carta só. Talvez não pudesse suportar o dinheiro, talvez tivesse perdido a cabeça. Peut-être, je ne demandais pas mieux. Parecia-me que o cenário ia mudar por algum tempo, mas só por algum tempo. Mas dentro de um mês estarei de volta e então... "e então ainda teremos contas a ajustar, eu e Mr.

Astley!" Sim, tanto quanto me lembro, sentia-me terrivelmente triste ao rir às gargalhadas com essa idiota da Blanche.

— Mas que queres tu? Que tolo és! Oh, que tolo és! — gritava Blanche parando de rir e ralhando-me já a sério. — Sim, sim, gastaremos os cento e cinquenta mil francos mais tu seras heureux comme un petit roi; eu mesma hei-de fazer-te o nó da gravata e apresentar-te a Hortense. E quando tivermos gasto todo o nosso dinheiro, voltarás aqui e levarás de novo a banca à glória. Que te disseram os judeus? O essencial é a audácia, tu tens audácia e hás-de voltar mais de uma vez a Paris com dinheiro para mim. Quant à moi, je veux cinquante mille francs de rente, et alors...

— E o general? — perguntei.

— O general? Sabes muito bem que todos os dias, a esta hora, me vai comprar um ramo de flores. Desta vez disse-lhe propositadamente que me procurasse as flores mais raras. Quando o pobre voltar, já o pássaro terá voado! Há-de correr atrás de nós, vais ver. Ah! Ah! Ah! Que contente vou ficar! Em Paris ser-me-á útil; Mr. Astley pagará por ele aqui... E foi assim que parti para Paris...

## Capítulo XVI

De Paris que direi eu? Tudo isso não passou de delírio, de extravagância. Não fiquei lá senão três semanas e, decorridas estas, gastara cem mil francos. Digo só cem mil francos; os outros cem mil paguei-os a Mademoiselle Blanche: cinquenta mil em Frankfurt e, três dias depois, em Paris, dei-lhe mais cinquenta mil por cheque, que, aliás, ela descontou ao fim de uma semana.

— Et les cent mille francs qui nous restent, tu les mangeras avec moi, mon outchitel! — Era assim que me chamava sempre. É difícil conceber algo de mais desconfiado, de mais avarento, de mais mesquinho, no que respeita a dinheiro, do que as criaturas da laia de Mademoiselle Blanche. Quanto aos meus cem mil francos, declarou-me logo, com toda a franqueza, que precisava deles para a sua instalação em Paris.

— Pois agora estou numa boa situação e ninguém poderá desalojar-me dela por muito tempo; pelo menos tomei as medidas necessárias para que isso não aconteça — ajuntou.

Mal vi a cor a esses cem mil francos: ela é que guardava o dinheiro e, no meu porta-moedas, que inspeccionava diariamente, nunca trouxe mais de cem francos, e quase sempre menos.

— Para que precisas de dinheiro? — perguntava-me com o ar mais inocente, e eu não discutia.

Em contrapartida, com esse dinheiro montou um apartamento muito bonito e, quando me levou a visitar o seu novo domicílio, disse-me, ao fazer-me percorrê-lo todo:

— Ora aqui está o que a economia e o bomgosto podem fazer com os recursos mais miseráveis.

Aquela miséria custava, no entanto, cinquenta mil francos. Com os cinquenta mil francos que restavam, comprou uma carruagem e cavalos; depois demos dois bailes, isto é, dois saraus, a que assistiram Hortense e Lisette e Cléopâtre, mulheres notáveis sob muitos aspectos e boas raparigas ainda por cima. Nesses saraus, tive de desempenhar o papel absurdo de dono da casa, tive de receber e entreter mulheres de comerciantes que haviam feito fortuna recentemente, mulheres extraordinariamente limitadas, oficialecos de ignorância e grosseria insuportáveis, lamentáveis garatujadores, mesquinhos jornalistas, que vieram de traje a rigor, de luvas de camurça, exibindo uma toleima e uma arrogância de que não temos ideia em Sampetersburgo, e já é dizer muito. Chegaram a tentar trocar de mim, mas embebedei-me com champanhe e fui dormir para a sala do lado. Tudo aquilo me enjoava a mais não poder ser.

— C'est un outchitel — dizia Mademoiselle Blanche —, il a gagné deux cent mille francs, e sem mim não saberia como gastá-los. Voltará depois à sua profissão; alguém sabe de um lugar? Temos de fazer qualquer coisa por ele.

Eu recorria frequentemente ao champanhe, pois sentia-me muito triste e aborrecia-me terrivelmente. Vivia no meio mais burguês e mercantilista, meio onde cada cêntimo era contado e sopesado. Blanche não podia suportar-me nos primeiros dias, percebi perfeitamente; é verdade que me vestia elegantemente, que me fazia todos os dias o nó da gravata, mas no fundo desprezava-me cordialmente. Não prestei ao caso a menor atenção. Fatigado e melancólico, comecei a sair; a maior parte das vezes ia ao Château des Fleurs, onde me embebedava regularmente todas as noites e aprendia o cancan (que dançam lá de maneira absolutamente indecente) e com a continuação cheguei mesmo a adquirir certa celebridade neste género.

Por fim, Blanche compreendeu com quem estava a lidar: imaginara primeiro que durante todo o tempo da nossa ligação eu iria andar atrás dela, de lápis e papel na mão, a registar o que ela gastava, o que me roubava, o que gastaria ou me roubaria ainda; e estava persuadida de que só por meio de luta tenaz poderia arrancar-me cada moeda de dez francos. Para cada um dos meus supostos ataques preparara uma resposta; como eu não atacasse, pretendeu tomar a dianteira. Por vezes, começava, arvorava um ar sobranceiro, mas, vendo que eu me calava, estendido quase sempre na chaise-longue e a fitar o tecto, acabou por se admirar da minha atitude. Primeiro, julgou que eu era pura e simplesmente um imbecil, un outchitel, e contentava-se em interromper as suas explicações, pensando sem dúvida: "É um imbecil, não vale a pena dar-lhe confiança, já que não é capaz de compreender as coisas por si mesmo." Às vezes saía, voltava dez minutos depois (o que acontecia sempre que fazia as mais loucas despesas, que os nossos meios não comportavam: quando, por exemplo, trocou os cavalos por uma parelha que custou dezasseis mil francos).

— Alors, bibi, tu n'est pas fâché? — disse, aproximando-se de mim.

— Nããão! Ma-ças-me! — disse, afastando-a com a mão, mas aquilo pareceu-lhe tão curioso que se sentou logo a meu lado.

— Sabes, se resolvi pagá-los tão caro, foi para aproveitar a ocasião. Podemos revendê-los por vinte mil francos.

— Acredito, acredito; são belos cavalos e ficas agora com uma bela equipagem, o que é útil para ti. Não falemos mais nisso.

— Então não ficas aborrecido?

— Aborrecido, porquê? Acho que fazes bem em arranjar o que te for indispensável. Mais tarde ser-te-á útil. Compreendo perfeitamente que precisas de viver num alto nível; doutro modo não chegarás ao milhão. Os nossos cem mil francos não são senão um começo, uma gota de água no oceano.

Blanche, que podia esperar tudo, gritos e censuras, menos considerações daquelas, parecia ter caído das nuvens.

— Não sabia... não sabia que eras assim! Mais tu as l'esprit pour comprendre! Sais-tu, mon garçon, apesar de seres un outchitel, devias ter nascido príncipe! Não lamentas, então, que o dinheiro nos desapareça tão depressa?

— Claro que não, que leve o diabo esse dinheiro, que o leve depressa!

— Mais... sais-tu... mais dis donc, sabes que podias ser rico? Mais, sais-tu, desprezas demasiado o dinheiro. Qu'est-ce que tu feras après, dis donc?

— Depois irei a Homburgo e lá voltarei a ganhar outros cem mil francos.

— Oui, oui, c'est a, c'est magnifique! E tenho a certeza de que vais ganhar e de que hás-de trazer-me o dinheiro aqui. Dis donc, vais fazê-la tão bem feita que acabo por te amar deveras! Eh bien, visto que és assim, amar-te-ei todo este tempo e sem a mais pequena infidelidade. Sabes, nestes últimos tempos não te amava, parece que je croyais que tu n'étais qu'un outchitel (quelque chose comme um laquais n'est-ce pas?) e apesar disso fui-te sempre fiel, parece que je suis bonne fille.

— Conta essa a outro! E com Alberto, esse oficialeco moreno, pensas que não vi da última vez?

— Oh! Oh! mais tu es...

— Mentas, mentas, mas não imagines que isso me aborreça. É-me indiferente; il faut que jeunesse se passe. Espero que não tenhas o mau gosto de o pôr a andar, pois já existia antes de mim e tu gostas dele, somente não lhe dês dinheiro, estás a perceber-me?

— Então também isso não te aborrece? Mais tu es un vrai philosophe, sais-tu? Un vrai philosophe! — exclamou com sincero entusiasmo. — Eh bien, je t'aimerais, je t'aimerais... tu verras, tu seras content!

E, de facto, desde esse dia, ligou-se de certo modo a mim, chegou mesmo a testemunhar-me amizade; assim passaram os nossos dez últimos dias. Não vi as estrelas prometidas, mas, sob alguns aspectos, cumpriu a sua palavra. Além do mais, apresentou-me a Hortense, mulher extremamente notável no seu género e a quem no nosso círculo chamavam Thérèse philosophe.

Quanto ao restante, não é ocasião para longas tiradas; tudo isso podia ser o tema de uma outra narrativa, com o colorido particular que não quero dar a esta novela. A verdade é que desejava com todas as minhas forças que as coisas terminassem o mais depressa possível. Mas, como já o disse, os nossos cem mil francos duraram quase um mês, o que sinceramente muito me admirou; Blanche deve ter feito cerca de oitenta mil francos de compras, nós dois não gastámos, ao todo, mais de vinte mil francos e... já chegou. Blanche, que para o fim já era quase franca comigo (ou pelo menos não me mentia sistematicamente),

reconheceu que eu não era, em todo o caso, responsável pelas dívidas que ela fora obrigada a contrair.

— Não te dei facturas nem declarações de dívida a assinar — disse —, porque tive pena de ti; outra qualquer tê-lo-ia feito com certeza e mandar-te-ia para a prisão. Vês, vês como te amei e como sou boa! Só esse desgraçado casamento vai custar-me os olhos da cara!

Houve realmente um casamento. Teve lugar precisamente no fim do nosso mês e é de crer que as últimas migalhas dos meus cem mil francos lhe foram dedicadas. Foi assim que acabou a história, quero dizer, o nosso mês de vida em comum; depois do que me reformei oficialmente.

Eis como as coisas se passaram: oito dias depois de nos instalarmos em Paris, o general chegou. Foi logo directamente visitar Blanche e, desde essa primeira visita, por pouco não ficou connosco.

Para dizer a verdade, tinha algures um pequeno apartamento só para si. Blanche acolheu-o com alegria, com exclamações e risos, e chegou mesmo a atirar-se-lhe ao pescoço; as coisas correram de tal maneira que foi ela que o prendeu. O general teve de a acompanhar a toda a parte: pelas ruas, a passear, ao teatro, a casa de amigos. O general ainda estava à altura dessa função; imponente, mantendo a melhor linha, de boa estatura, bigode e patilhas pintados (servira no corpo de couraceiros), exibindo um belo rosto, embora um pouco murcho. Os seus modos eram excelentes. Vestia a rigor e com à-vontade. Em Paris, começou a exhibir as condecorações. Era não só possível, mas, se assim se pode dizer, recomendável passear pelos boulevards na companhia de tal homem.

O bravo e estúpido general subira às nuvens; não esperara tanto quando se apresentara em nossa casa, à sua chegada a Paris. Nessa altura quase tremia de medo, julgando que Blanche o expulsaria em alta gritaria. A evolução que tomavam os acontecimentos deixou-o encantado e ele passou todo esse mês numa espécie de êxtase beatífico; conseguia manter-se no mesmo estado quando o deixei. Só nessa altura eu soube que, depois da nossa súbita partida de Roletemburgo, o general sofrera, nessa manhã, qualquer coisa como um ataque. Caíra ao chão sem sentidos; durante uma semana, estivera como louco, falando incoerentemente. Tratavam-no, mas de repente deixou tudo, tomou o comboio e disparou até Paris. Escusado será dizer que o acolhimento de Blanche foi para ele o melhor dos remédios; mas os sintomas da doença subsistiram por muito tempo, apesar da sua boa disposição. Era agora incapaz de reflectir ou mesmo de seguir uma conversa um pouco séria. Nesses casos, contentava-se em acrescentar: "Hum!" a cada palavra e em sacudir a cabeça; era assim que conseguia sair-se bem. Ria frequentemente, mas com riso casquinado, nervoso, doentio. Às vezes ficava horas inteiras sombrio como a noite, franzindo as espessas sobrancelhas. Havia muitas coisas que esquecera completamente. Tornou-se distraído até aos limites da decência, e ganhou o hábito de falar sozinho. Só Blanche podia reanimá-lo; os seus acessos de mau humor, quando estava metido num canto, revelavam apenas que não vira Blanche há muito tempo, ou que Blanche saíra e não o levara, ou que ela se esquecera de lhe fazer festas antes de sair. Não poderia o general dizer então o que desejava, pois chegava ele próprio a ignorar que estava sombrio e melancólico. Quando ficava parado uma hora ou duas

(notei-o várias vezes, quando Blanche se ausentou durante todo o dia, sem dúvida para se encontrar com Alberto), começava subitamente a olhar em torno, a ficar agitado, a virar-se para um lado e para outro, como que a tentar lembrar-se de qualquer coisa e encontrar alguém; mas, não vendo ninguém e não se lembrando do que queria perguntar, caía na mesma prostração até que Blanche voltasse, alegre, viva, composta, a rir às gargalhadas; ela corria para ele, batia-lhe carinhosamente, chegava mesmo a beijá-lo, embora só raramente lhe concedesse tal favor. Uma vez, o general ficou tão feliz quando a viu que se esbulhou em lágrimas; isso surpreendeu-me.

Blanche, mal o general chegou, começou a manobrar a seu favor. Lançou-se mesmo em grandes discursos, lembrou que o enganara por minha culpa, que era quase noiva dele, que lhe dera a sua palavra, que fora por causa dela que o general abandonara a família, que, enfim, eu estivera ao serviço dele e tinha obrigação de compreender... se não tivesse estúpidos escrúpulos... Eu não dizia nada, enquanto ela debitava um chorrilho de palavras. Acabei por começar a rir e as coisas ficaram por aí, quer dizer que ela tomou-me primeiro por um imbecil, depois apegou-se à ideia de que eu era um bom rapaz, dotado de uma maneira de ser amável. Resumindo, tive a sorte de merecer no final a total benevolência dessa digna jovem (pois Blanche era realmente uma excelente jovem... no seu género, é claro! E eu não soubera, ao princípio, apreciá-la pelo justo valor).

— Tu és bom e inteligente — dizia-me no final — e, e... é pena que sejas tão tolo! Nunca, nunca ganharás nada! Un vrai russe, un kalmouk!

Várias vezes me mandou sair com o general a passeio, como poderia ter ordenado a um laçao que fosse passear o galgo. Levei-o ao teatro, ao Bal Mabille e aos restaurantes. Blanche dava-me dinheiro para essas saídas, embora o general estivesse prevenido e gostasse muito de mostrar a carteira em público.

Um dia, tive quase de empregar a força para impedir que ele comprasse uma pregadeira de setecentos francos que vira no Palais-Royal e que queria oferecer, custasse o que custasse, a Blanche. Que era para ela uma pregadeira de setecentos francos? O general não tinha mais de mil francos. Nunca pude saber de onde lhe vieram eles. Suponho que os recebera de Mr. Astley, tanto mais que este lhes pagara as contas do hotel.

Quanto à atenção que ele me dedicou durante todo esse período, parece-me que o general nem sequer suspeitou das minhas relações com Blanche. Ouvira dizer confusamente que eu ganhara uma fortuna, mas supunha sem dúvida que eu vivia com Blanche a título de secretário particular ou até talvez de criado. Pelo menos, continuava a falar-me de alto, em ar de comando, e permitia-se mesmo repreender-me às vezes.

Uma manhã, enquanto tomávamos café, ele divertiu-nos muito, a Blanche e a mim. Não era muito susceptível; por que se teria então ofendido subitamente com a minha presença? Ainda estou para saber. Ele próprio não devia saber bem porquê. Encurtando razões, começou um discurso sem pés nem cabeça, à batons rompus, gritou que eu era um garoto, que havia de ensinar-me a viver... que havia de fazer-me compreender... etc., etc. Mas ninguém pôde compreender o que ele queria dizer. Blanche torcia-se de riso; por fim, conseguimos acalmá-lo o melhor que foi possível e levámo-lo a passear. Notei várias vezes que tinha acessos de

tristeza, lamentava algo ou alguém, que alguém lhe faltava, apesar da presença de Blanche. Fez-me duas ou três vezes confidências, mas nunca consegui extrair-lhe nada de preciso: falava do serviço, da sua defunta mulher, do seu domínio, da fortuna. Caía numa palavra de que parecia gostar e repetia-a cem vezes por dia, embora ela não exprimisse nem os seus sentimentos nem os seus pensamentos.

Tentava eu desviar a conversa para os seus filhos; mas o general começava então a falar com volubilidade, como outrora, e passava a outro assunto.

— Sim, sim, as crianças, tem razão, as crianças!

Só uma vez o vi enternecer-se quando saímos para o teatro:

— São crianças infelizes — começou de repente a dizer —, sim senhor, sim, são crianças infelizes! — E várias vezes, durante a noite, repetiu: — crianças infelizes!

Quando tentei falar-lhe de Paulina, enfureceu-se logo.

— É uma ingrata! — exclamou. — É má e ingrata! Desonrou a família! Se houvesse leis aqui, eu ensinava-lhe! Sim, sim!

Quanto a Des Grieux, não podia sequer ouvir falar no nome dele:

— Perdeu-me — dizia —, roubou-me, estrangulou-me! Foi o meu pesadelo durante dois anos! Sonhei com ele meses inteiros! É... é... Oh! Não voltem a falar-me dele!

Eu percebia que um acordo estava em vias de se fazer entre eles, mas calava-me, como é meu hábito. Blanche foi a primeira a revelar-mo: precisamente oito dias antes de nos separarmos.

— Il a des chances — descaiu-se ela. — Babouchka está mesmo doente e pode morrer de um momento para o outro. Mr. Astley mandou-nos um telegrama; apesar de tudo ele continua a ser o herdeiro, tens de concordar. E mesmo que não fosse, não me prejudicaria em nada. Primeiro, tem a pensão, e depois ocupará o quarto do fundo, onde se sentirá perfeitamente feliz. Eu serei Madame la Générale. Poderei entrar na alta sociedade (era o sonho de Blanche), depois, acabarei por ser uma proprietária russa, j'aurai un château, des morjiks, et puis j'aurai toujours mon million.

— E se ele começa a ficar ciumento, a exigir... Deus sabe o quê... comprehendes o que quero dizer?

— Oh! Isso não, não! Não teria coragem para tanto! Tomei as minhas disposições, está tranquilo! Já lhe dei a assinar várias declarações de dívida em nome de Alberto. À menor tentativa... seria imediatamente castigado... mas não terá coragem para tanto!

— Então, casa com ele... O casamento realizou-se sem nenhuma cerimónia especial, mas em família, com toda a simplicidade. Alberto e alguns íntimos foram convidados. Hortense, Cleópatra e as outras foram decididamente afastadas. O noivo tomava muito a sério a situação. Foi a própria Blanche que lhe fez o nó da gravata e o perfumou; de fato e colete branco, tinha um aspecto très comme il faut.

— Il est pourtant très comme il faut — declarou-me Blanche ao sair do quarto do general, como se a ideia a impressionasse.

Como não entrei em todos os pormenores e não tomei parte nisso senão como espectador inexperiente, esqueci quase tudo o que então se passou.

Lembro-me só de que se descobriu que Blanche nunca se chamara de Cominges (nem a mãe madame veuve Cominges), mas Du Placet.

Por que teriam as duas usado o apelido de Cominges até esse dia... ignoro completamente. Mas o general ficou encantado, e Du Placet agradou-lhe mesmo mais que de Cominges. Na manhã do dia do casamento, já todo vestido, o general andava de um lado para o outro no salão e repetia sem cessar, com ar extremamente sério: Mademoiselle Blanche Du Placet! Blanche Du Placet! Du Placet! Mademouazelle Blanca diou Placette!... e uma certa suficiêcia brilhava-lhe no rosto. Na igreja, no registo e em casa e durante o copo-de-água, parecia não só feliz, mas vaidoso. Acontecera qualquer coisa aos dois.

Blanche, por seu lado, começou também a ostentar atitudes dignas.

— Daqui em diante tenho que me portar de outra maneira — disse-me ela com toda a seriedade —, mais, vois-tu, há uma coisa muito desagradável na qual nem sequer pensei: imagina que não consigo lembrar-me do meu nome de família! Zagorianski, Zagortanski, madame la générale de Sago... Sago... ces diables de noms russes! Enfin, madame la générale a quatorze consonnes! Comme c'est agréable n'est-ce pas?

Enfim, separámo-nos, e Blanche, essa tola Blanche, deitou mesmo algumas lágrimas ao dizer-me adeus.

— Tu étais bon enfant — disse-me, choramingando. — Je te croyais bête et tu en avais l'air, mas fica-te bem.

Depois de me apertar a mão pela última vez, gritou de repente: Espera!" Precipitou-se para o seu boudoir, e voltou momentos depois com duas notas de mil francos. Jamais poderia esperar uma coisa assim!

— Pega, vais precisar; talvez sejas muito instruído como outchitel, mas como homem és estúpido. Não te darei mais, porque de qualquer maneira perderias tudo. Vá, adeus! Nous serons toujours bons amis; se voltares a ganhar, vem ver-me sem falta, et tu seras heureux!

Restavam-me ainda perto de quinhentos francos; tenho além disso um belo relógio que vale um milhar de francos e botões de punho com brilhantes; posso pois viver bastante tempo sem me preocupar. Instalei-me nesta cidadezinha para coordenar as minhas ideias e, principalmente, para esperar Mr. Astley. Sei de fonte segura que ele deve passar por aqui, em negócios, umas vinte e quatro horas. Saberei tudo... e depois... depois, irei directamente para Homburgo. Não voltarei a Roletemburgo, pelo menos antes do ano que vem. Dizem que é mau cálculo tentar duas vezes a sorte na mesma mesa, e, em Homburgo, joga-se a sério.

## Capítulo XVII

Há vinte meses que não olho para estas notas; só hoje, para me distrair da minha angústia e da minha dor, me veio à ideia relê-las. Fiquei na minha partida para Homburgo. Deus do céu! Com que leveza de ânimo, comparativamente falando, escrevi essas últimas linhas! Ou se não foi com leveza de ânimo, pelo

menos com que suficiência, com que inabalável esperança. Duvidava eu das minhas próprias possibilidades? Mais de dezoito meses já passaram, e estou, parece-me, numa situação bem pior do que a de um mendigo! E porquê um mendigo? Desprezo a mendicidade! Perdi-me por minha conta e risco! De resto, esta situação não pode comparar-se a nenhuma outra e não vou agora armar em moralista! Nada de mais absurdo do que a moral num momento destes! Oh! As pessoas satisfeitas consigo mesmas! Com que suficiência vaidosa estão dispostas a ditar as suas próprias opiniões! Se soubessem como estou consciente do abominável da minha situação presente, não achariam palavras para me dar conselhos. E que podem dizer-me de novo que eu não saiba já? É disso mesmo que se trata! O que há de certo é... que numa só volta da roda tudo pode mudar, e esses mesmos moralistas serão os primeiros então (disso estou certo) a felicitar-me gracejando amigavelmente. Não se afastarão de mim como o fazem agora. Mas eu cuspo em toda essa gente! Que sou agora? Um zero. Que vou ser amanhã? Posso ressuscitar de entre os mortos e recomeçar a viver! Posso descobrir o homem em mim, antes que ele esteja perdido!

Parti realmente para Homburgo, mas... estive depois em Roletemburgo e em Spa, e até em Baden, onde acompanhei como criado de quarto o conselheiro Hinze, um patife que foi meu patrão antigo. Sim, fui criado durante cinco meses! Isso aconteceu logo a seguir à prisão. (Porque estive na prisão por dívidas em Roletemburgo. Um desconhecido pagou por mim. Quem será? Mr. Astley? Paulina? Ignoro-o, mas a minha dívida foi paga: duzentos thalers ao todo, e voltaram a pôr-me em liberdade.) Para onde podia eu ir? Foi então que entrei ao serviço de Hinze. É um jovem estroina que gosta de vagabundear, e eu sei falar e escrever em três línguas. Ao princípio, era qualquer coisa como seu secretário, por trinta florins mensais; mas, por fim, acabei realmente como seu criado: ele não tinha meios para manter um secretário e diminuiu o meu salário; eu não tinha para onde ir, de modo que resolvi ficar e transformei-me, assim, eu mesmo, em criado.

Nunca comi nem bebi o suficiente enquanto estive ao serviço dele, mas, em contrapartida, juntei setenta florins em cinco meses. Uma noite, em Baden, comuniquei-lhe que queria deixar de estar ao seu serviço; nessa mesma noite, fui jogar à roleta. Oh! Como o coração me batia! Não, não era o dinheiro que me preocupava! Eu só queria que a partir do dia seguinte todos esses Hinze, todos esses maitres de hotel, essas belas damas de Baden falassem de mim, contassem a minha história, me admirassem, me cumprimentassem e se inclinassem perante a minha nova sorte ao jogo. Eram sonhos e preocupações de criança... Mas... quem sabe?, talvez voltasse também a encontrar Paulina, talvez lhe contasse as minhas aventuras, e ela veria que estou acima das absurdas viragens da sorte... Oh! Não!... Não era o dinheiro que me interessava! Estou certo de que mais uma vez o teria dado a uma Blanche qualquer para que o desbaratasse, estou certo de que me teria de novo exibido durante três semanas em Paris, puxado por uma parelha de cavalos comprada por dezasseis mil francos.

Sei muito bem que não sou avarento; julgo até que sou pródigo... e contudo, com que emoção, com que aperto do coração aguço o ouvido para a voz do croupier: trente et un, rouge, impair et passe ou: quatre, noir, pair et manque!

Com que avidez olho para a mesa de jogo, onde estão espalhados luíses de ouro, fredericos e thalers, moedas de ouro empilhadas que se desmoronam sob o ancinho do croupier em montes fulgurantes como brasas, ou os longos rolos de moedas de prata em volta do prato. Antes mesmo de chegar à sala de jogo, mal ouço tinir as moedas, sinto-me prestes a desfalecer.

A noite em que levei os meus setenta florins para a mesa de jogo foi prodigiosa. Comecei com dez florins que pus no passe. Tenho um preconceito favorável pelo passe. Perdi. Ficavam-me sessenta florins em moedas de prata; reflecti... e lancei o que me restava no zéro. Apostei cinco florins ao mesmo tempo no zéro; ao terceiro lance, o zéro saiu; julguei morrer de alegria ao receber cento e setenta e cinco florins; nunca me sentira tão feliz, nem mesmo quando ganhei cem mil. Pus imediatamente cem florins no rouge... e ganhei; duzentos no rouge... ganhei; quatrocentos no noir... ganhei; oitocentos no manque... ganhei ainda; já tinha ao todo mil e setecentos florins... isso no espaço de cinco minutos! Em tais momentos, esquecem-se todos os falhanços passados! Porque eu conseguira isso arriscando mais que a vida, ousara correr um risco e... achava-me de novo no número dos homens!

Aluguei um quarto de hotel, fechei-me nele à chave, fiquei até às três horas a contar o meu dinheiro. Quando acordei, já não era um criado. Decidi partir nesse mesmo dia para Homburgo: nunca estivera aí a prestar serviço como criado nem passara pela prisão. Meia hora antes do comboio, voltei a jogar, duas vezes, não mais, e perdi mil e quinhentos florins.

Parti apesar de tudo para Homburgo, onde já estou há dois meses. Vivo numa angústia contínua; pouco jogo de uma vez e espero, faço cálculos; fico dias inteiros perto da mesa de jogo, a observar, chego a sonhar com o jogo... mas julgo contudo que amoleci; que me atasquei na lama. Deduzo isso da impressão que me fez o encontro com Mr. Astley. Não voltáramos a ver-nos e encontrámo-nos por acaso. Eis como a coisa se passou: eu passeava no jardim e calculava estar quase sem dinheiro, mas que ainda tinha cinquenta florins e que além disso pagara na antevéspera a minha conta no hotel onde tenho um quatinho.

Ficava-me, pois, a possibilidade de ir jogar uma única vez à roleta; se ganhasse, pouco que fosse, podia continuar a jogar; se perdesse... teria de empregar-me novamente como criado, no caso de não encontrar imediatamente uma família russa que precisasse de um preceptor... Ocupado por este pensamento, dispunha-me a partir para o meu passeio quotidiano, pelo parque e pela floresta, no vizinho principado. Acontecia-me assim caminhar quatro horas seguidas e voltar a Homburgo fatigado e esfomeado. Mal acabara de entrar no parque, vi de repente Mr. Astley sentado num banco. Ele viu-me primeiro e chamou-me. Sentei-me a seu lado. Notando a sua expressão bastante grave, moderei logo a minha alegria; estava encantado por vê-lo.

— Com que então está aqui? Sempre pensei que ia encontrá-lo — disse-me. — Não se dê ao trabalho de me contar; eu sei, eu sei tudo. A sua vida nestes vinte meses é-me conhecida.

— Ah! Bah! Com que então anda a vigiar os velhos amigos! — respondi-lhe. — Isso honra-o, prova que não é esquecido... Espere, tenho uma ideia: não

foi o senhor que me tirou da prisão de Roletemburgo onde eu estava por causa de uma dívida de duzentos florins? Um desconhecido pagou por mim.

— Não, não, não fui eu, mas sei que estive na prisão por dívidas em Roletemburgo.

— Então sabe quem fez com que me libertassem?

— Não, não posso dizer que sei.

— É estranho; não conheço nenhum dos russos daqui e, de resto, não é certo que me tenham prestado esse serviço; só entre nós, na Rússia, é que os ortodoxos resgatam os irmãos.

Assim, fui levado a pensar que tivesse sido qualquer inglês original, por excentricidade.

Mr. Astley ouvia-me com certo espanto. Pensava sem dúvida que ia encontrar-me triste e abatido.

— Seja como for, sinto-me feliz por tê-lo encontrado com toda a sua independência de espírito e até a sua alegria — disse-me num tom bastante áspero.

— Quer dizer que interiormente o senhor sente-se irritado por não me ver abatido e exasperado — disse-lhe eu rindo.

Não percebeu imediatamente o sentido da minha frase, mas quando o compreendeu começou a sorrir.

— Gosto das suas observações. Reconheço nelas o meu velho amigo de outrora, entusiasta, inteligente e ao mesmo tempo cínico; só os russos podem abrigar tantas contradições. É verdade que o homem gosta de ver o seu melhor amigo humilhado diante dele: é sobre a humilhação que assenta a maior parte das vezes a amizade; eis uma velha verdade, que todas as pessoas inteligentes conhecem. Mas, no caso presente, asseguro-lhe que me sinto sinceramente feliz de não o encontrar abatido. Diga-me, não tem a intenção de renunciar ao jogo?

— Oh! Para o diabo o jogo! Renunciaria a ele imediatamente se...

— Se recuperasse agora o seu dinheiro? Era exactamente o que eu pensava, não diga mais... eu sei... disse isso sem reflectir... logo, disse a verdade. Seja franco, fora o jogo não se dedica a mais nada?

— Não...

Interrogou-me como se estivéssemos num exame. Eu nada sabia, mal olhara para os jornais e não abrira um livro durante todo esse tempo.

— Estagnou — disse —, não só desviou os olhos da vida, dos seus próprios interesses, dos da sociedade, dos seus deveres de homem e de cidadão, dos seus amigos (porque fez amigos), não só deixou de ter qualquer objectivo a não ser o do ganho, mas desligou-se mesmo das suas recordações... Lembro-me de si numa época apaixonada e intensa da sua vida, mas estou certo de que esqueceu as melhores impressões desse período; os seus sonhos, os seus desejos quotidianos não têm agora maior alcance senão o de pair e impair, rouge, noir, os doze números do centro, etc., etc., estou certo disso.

— Mas, Mr. Astley, por quem é, por quem é, não me fale mais do passado! — exclamei com humor, quase com cólera. — Fique sabendo que não esqueci nada; mas expulsei tudo isso do meu espírito por uns tempos, até as minhas

recordações... à espera de restabelecer completamente a minha situação; então... então, verá, ressuscitarei dos mortos!

— Dentro de dez anos ainda estará aqui — disse-me. — Aposto que lhe hei-de lembrar isto neste mesmo banco, se eu ainda estiver vivo.

— Bom, basta — interrompi-o com impaciência. — E para lhe provar que não sou tão esquecido assim, permita-me que lhe pergunte onde está agora Miss Paulina. Se não foi o senhor que pagou as minhas dívidas foi ela com certeza. Nunca mais tive notícias dela.

— Não, oh, não! Penso que não foi Miss Paulina quem pagou as suas dívidas. Está agora na Suíça, e dava-me muito prazer se não me fizesse mais perguntas sobre essa pessoa — disse com um tom peremptório e quase irritado.

— Então, também o feriu profundamente a si? — disse eu desatando a rir contra-vontade.

— Miss Paulina é a melhor das melhores pessoas, mas, repito-lhe, dava-me grande prazer se não me fizesse mais perguntas sobre ela. Nunca chegou a conhecê-la, e eu considero que o nome de Paulina na sua boca é uma ofensa ao meu senso moral.

— Realmente? Faz mal, de resto; pois de que havia eu de falar consigo senão dela? Todas as nossas recordações a ela se ligam. Não tenha receio, não preciso de conhecer as vossas histórias íntimas. Só me interessa, se assim se pode dizer, pela situação exterior de Miss Paulina, pelas condições externas em que se encontra agora. Isso pode ser contado em duas palavras.

— Seja; com a condição de que depois dessas duas palavras, ficaremos por aí. Miss Paulina esteve doente muito tempo, e ainda está. Viveu algum tempo com a minha mãe e a minha irmã no Norte de Inglaterra. Há seis meses, a sua avó (deve lembrar-se, aquela mulher completamente louca) morreu deixando-lhe, a ela pessoalmente, sete mil libras. Agora Miss Paulina anda a viajar com a família da minha irmã que casou. O testamento da avó assegura igualmente o destino do irmãozinho e da irmãzinha que estão a estudar em Londres. O general, seu padraсто, morreu há um mês em Paris num ataque de apoplexia.

Mademoiselle Blanche tratou-o bem, mas conseguiu que o general pusesse em nome dela tudo o que herdara da avó. E parece-me que é tudo.

— E Des Grieux? Não anda pela Suíça?

— Não. Des Grieux não anda também pela Suíça, não sei onde é que pára; além disso aconselho-o de uma vez para sempre a evitar esse género de alusões e de analogias descabidas, senão tem que haver-se comigo.

— O quê? Apesar da nossa antiga amizade?

— Sim...

— Peço-lhe mil desculpas, Mr. Astley. Mas dê-me licença: não vejo nisto nada de ofensivo nem de descabido. Não acuso de nada Miss Paulina. E como sabe... um francês e uma jovem russa, falando de um modo geral, é uma aproximação que nem eu nem o senhor podemos esclarecer ou compreender completamente.

— Se não associasse o nome de Des Grieux a outro nome, eu pedia-lhe que me explicasse o que entende com a expressão um francês e uma jovem russa. Que "aproximação" é essa? Porquê exactamente um francês e uma menina russa?

— Vê, a coisa interessa-lhe. Mas é uma longa história, Mr. Astley. Muitas coisas teriam de se saber primeiro. De resto, é um problema grave, por mais cômico que possa parecer à primeira vista. O francês, Mr. Astley; é uma forma acabada e elegante. Na qualidade de britânico, provavelmente não é da minha opinião; eu, como russo, também não sou da mesma opinião, quanto mais não seja por inveja; mas as nossas meninas pensam talvez diferentemente. Pode o senhor achar Racine arredondado, amaneirado, perfumado; provavelmente nem o lerá. Eu também o acho arredondado, amaneirado, perfumado e até ridículo sob certos aspectos; mas é charmant, Mr. Astley, e, principalmente, é um grande poeta, quer o queiramos quer não. A forma nacional do francês, isto é, do parisiense, foi moldada numa forma elegante, quando nós éramos ainda ursos. A Revolução herdou da nobreza. Hoje, o mais insignificante dos francesitos pode ter maneiras, atitudes, expressões e até ideias de uma forma perfeitamente elegante, sem que a sua iniciativa, a sua alma ou o seu coração tenham qualquer parte nisso; tudo lhe foi transmitido por herança.

Considerados em si mesmos, podem ser as criaturas mais vazias e mais vis. Assim, digo-lhe agora, Mr. Astley, não há ser no mundo mais confiante e mais aberto do que uma jovem mulher russa, boa, inteligente e não muito amaneirada. Um Des Grieux, aparecendo não interessa em que papel, sob uma máscara, pode conquistar o coração de uma jovem assim com incrível facilidade; tem uma forma elegante, Mr. Astley, e a mulher toma essa forma pela sua alma, pela forma natural da sua alma e do seu coração, e não como o vestido que lhe foi transmitido por herança. Para seu maior desgosto, devo confessar que os ingleses são quase sempre moderados e desprovidos de elegância; ora os russos sabem instintivamente discernir a beleza, de que são ávidos. Mas, para distinguir a beleza da alma e a originalidade da personalidade, são precisas muito mais independência e liberdade do que as que têm as nossas mulheres, com mais razão as nossas jovens, e, em qualquer caso, muito mais experiência. Nliss Paulina (perdão, o nome escapou-me) levará muito tempo a resolver-se a dar-lhe a si a preferência em vez de a dar a um tratante como Des Grieux. Ela estima-o, será sua amiga, abrir-lhe-á o coração; mas nesse coração reinará o patife, o vil, o mesquinho aventureiro usurário que dá pelo nome de Des Grieux. Quanto mais não seja só por teimosia, por assim dizer, por amor-próprio, porque esse mesmo Des Grieux lhe apareceu um dia sob a auréola de um marquês elegante, de um liberal desiludido, pretensamente arruinado, por ter querido socorrer-lhe a família e esse tonto general. Os manejos do francês foram descobertos finalmente.

Mas isso não importa: dê-lhe o Des Grieux de outrora, é o que ela deseja! E quanto mais detestar o Des Grieux de hoje mais saudades terá do antigo, ainda que esse não tenha existido senão na sua imaginação. É proprietário de uma refinaria, Mr. Astley?

— Sim, sou sócio numa grande refinaria, Lowel 8z Companhia.

— Ah, vê, Mr. Astley!? De um lado, o dono de uma refinaria, do outro... o Apolo de Belvedere; não se concilia uma coisa com a outra. E eu, nem sequer sou dono de uma refinaria: não passo de um pequeno jogador de roleta, cheguei mesmo a servir como criado, o que Miss Paulina já sabe com certeza, porque parece ter uma polícia bem montada.

— Está azedo, e é por isso que diz todas essas tolices — disse Mr. Astley com frieza, depois de ter reflectido uns momentos. — Acresce ainda que falta originalidade às suas palavras.

— Concordo! E precisamente o que há de atroz, meu nobre amigo, é que todas as minhas acusações, por gastas, vulgares e teatrais que sejam, são no entanto verdadeiras! De qualquer modo, não obtivemos nada, nem eu nem o senhor!

— É uma afirmação abominável e uma asneira... porque... porque... fique sabendo — gritou Mr. Astley, a voz trémula e os olhos coruscantes —, fique sabendo, homem ingrato, indigno, mesquinho e desgraçado, que vim a Homburgo por encargo dela, para o ver, falar-lhe longamente, francamente, e relatar-lhe a ela, depois... os seus sentimentos, os seus pensamentos, as suas esperanças e... as suas recordações!

— Será possível? Será possível?! — exclamei, e lágrimas pejudadas saltaram-me dos olhos. Não conseguira contê-las e creio que foi a primeira vez que isso me aconteceu na vida.

— Sim, desgraçado, ela gostava de si, posso revelar-lho, porque é um homem perdido! Mais, digo-lhe que ela ainda o ama, mas o senhor... ficará sempre aqui! Sim, perdeu-se como pessoa. Tinha certas aptidões, um carácter vivo, e não era mau; poderia mesmo ter sido útil ao seu país que tanto precisa de homens, mas... ficará aqui e a sua vida está liquidada. Não o acuso. É minha opinião que todos os russos são assim, ou levados a ser assim. Se não fosse a roleta, seria outra coisa parecida. As excepções são muito raras. O senhor não é o primeiro a desprezar o trabalho (não estou a falar do seu povo). A roleta é um jogo russo por excelência. Até agora foi honesto e preferiu ser criado a ser ladrão... mas tremo ao pensar no que pode acontecer-lhe de futuro. Basta, adeus! É claro que precisa de dinheiro, não? Aqui tem dez luíses de ouro; não lhe dou mais porque perderia de qualquer maneira. Leve-os e adeus! Leve-os!

— Não, Mr. Astley, depois de tudo o que dissemos...

— Le-ve-os! — gritou. — Estou convencido de que o senhor ainda é uma alma nobre e dou-lhe este dinheiro como um amigo pode dar a um verdadeiro amigo. Se eu pudesse ter a certeza de que o senhor renunciaria desde já a jogar em Homburgo e voltaria para o seu país, estaria pronto a dar-lhe imediatamente mil libras para que começasse uma nova vida. Mas se lhe dou só dez luíses de ouro em vez de mil libras, é porque, para si, actualmente, mil libras ou dez luíses de ouro são a mesma coisa: vai perdê-los. Aceite e adeus.

— Aceito, se me permitir que o beije.

— Com muito prazer!

Beijámo-nos cordialmente e Mr. Astley foi-se embora.

Não, ele não tem razão! Se fui azedo e estúpido em relação a Paulina e a Des Grieux, ele, ele foi azedo e estúpido em relação aos russos. No que me respeita, não digo nada.

Aliás... aliás, de momento, não é precisamente disso que se trata: tudo são palavras, palavras, e o que é preciso é actos! O essencial, agora, é a Suíça! Amanhã... Oh! Se eu pudesse partir amanhã... renascer, ressuscitar! Preciso de lhes demonstrar... que Paulina saiba que posso ainda ser um homem. Bastaria...

aliás agora, é muito tarde, mas amanhã... Oh Tenho um pressentimento e não pode ser de outro modo! Tenho agora quinze luízes de ouro e comecei com quinze florins! Se se começa com cautela... será possível que eu seja uma criancinha? Será possível que eu não compreenda que sou um homem perdido? Sim! Bastaria, uma vez na vida, ser prudente, paciente e... eis tudo! Bastaria, uma só vez, ter carácter e, numa hora, podia mudar o meu destino. O essencial é o carácter. Basta que me lembre do que me aconteceu há sete meses em Roletemburgo, antes de me arruinar definitivamente.

Oh! Foi um notável exemplo de resolução: tinha perdido tudo, tudo... Saio do cassino, olho... um florim repousava ainda na algibeira do meu colete: Ah! Ainda tenho com que jantar!, disse eu, mas depois de ter andado uns cem passos, mudei de opinião e voltei atrás. Pus esse florim no manque (dessa vez foi no manque) e, realmente, experimenta-se uma sensação especial quando, sozinho, num país estrangeiro, longe da pátria, dos amigos, não sabendo o que se vai comer nesse mesmo dia, se arrisca o último florim, o último, o último ! Ganhei, e, vinte minutos mais tarde, saí do cassino com cento e setenta florins no bolso. É um facto! Eis o que pode por vezes significar o último florim! E se me tivesse deixado ir abaixo, se não tivesse tido a coragem de me decidir?... Amanhã, amanhã, tudo estará acabado!...